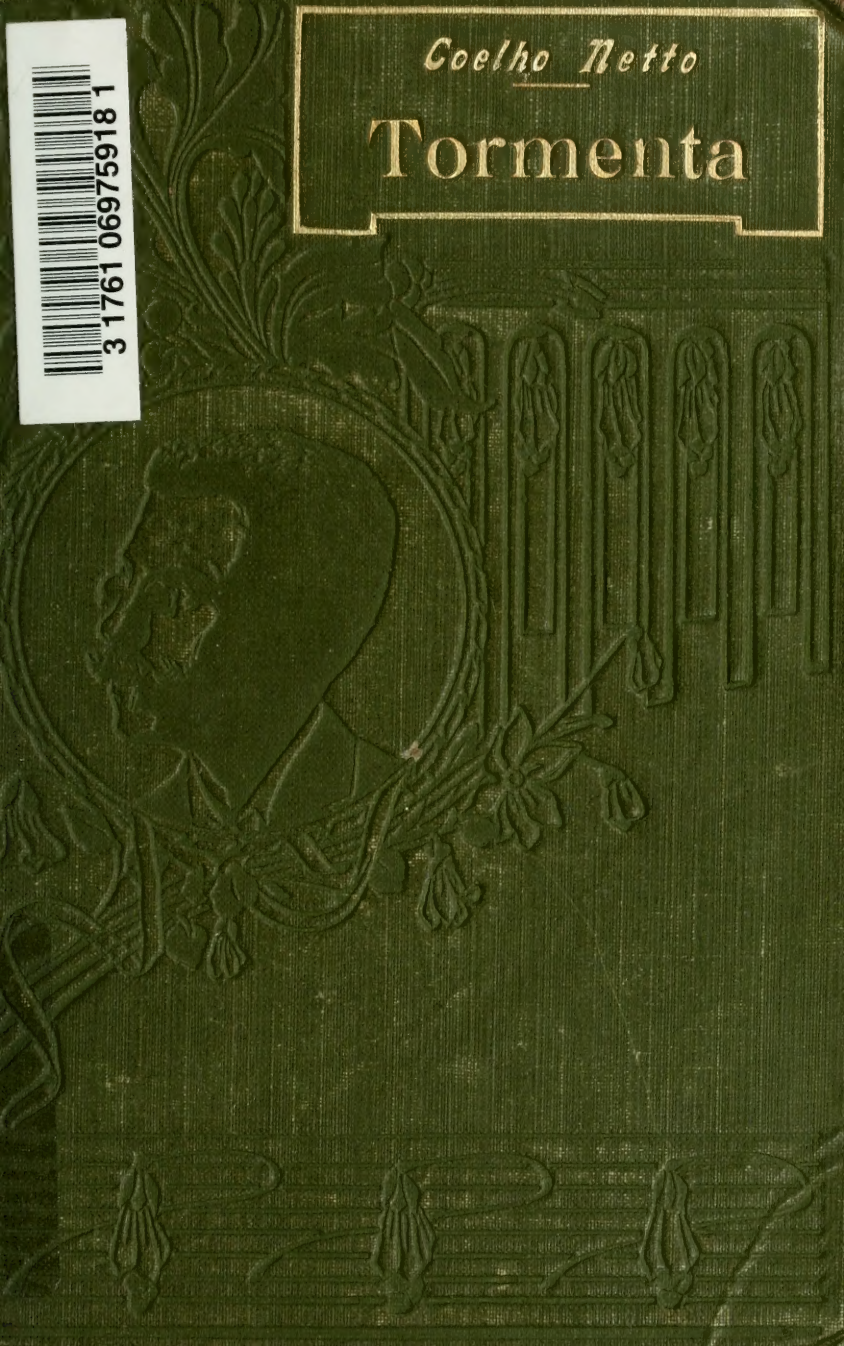


Coelho Netto

Tormenta



3 1761 06975918 1



COLECÇÃO LUSITANIA

- 1—*Amor de Salvação*, por Camilo C. Branco.
- 2—*Riquezas do Pobre*, por Camilo C. Branco.
- 3—*Eusébio Macário*, por Camilo C. Branco.
- 4—*Corja*, por Camilo C. Branco.
- 5—*Cartas de Amor*, por Sórora Mariana.
- 6 e 7—*Nossa Senhora de Paris*, por Vítor Hugo.
- 8—*Amores do Diabo*, por Camilo C. Branco.
- 9—*Frei Luís de Sousa*, por Almeida Garrett.
- 10—*Jose Bálsamo*, por Camilo C. Branco.
- 11 e 12—*Madame Bovary*, por Flaubert.
- 13—*Menina e Mõça*, por Bernardim Ribeiro.
- 14—*Brazileira de Prazins*, por Camilo C. Branco.
- 15—*Camões*, por Almeida Garrett.
- 16—*Romance dum homem rico*, por Camilo C. Branco.
- 17—*Cartas do meu moínho*, por A. Daudet.
- 18—*Freira no subterrâneo*, por Camilo C. Branco.
- 19 e 19 A—*Viagens na minha terra*, por Almeida Garrett.
- 20—*Carrasco de Vítor Hugo Jose Alves*, por Camilo C. Branco.
- 21—*Rafael*, por Lamartine.
- 22—*O Arco de Sant' Ana*, por Almeida Garrett.
- 23—*Mosaico e Silva*, por Camilo C. Branco.
- 24 e 25—*Noventa e três*, por Vítor Hugo.
- 26—*A Religiosa*, por Diderot.
- 27—*Livro de Consolação*, por Camilo C. Branco.
- 28—*Atala, René, o Último Atencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30—*Últimos dias de Pompeia*, por Lord Lytton.
- 31—*Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32—*O Alfageme de Santarém*, por Almeida Garrett.
- 33—*Flor d'Alisa*, por Lamartine.
- 34—*Maria da Fonte*, por Camilo C. Branco.
- 35—*O ilustre Dr. Matéus*, por E. Chatrian.
- 36—*Claudio*, por Lamartine.

- 37—*Dama das Camélias*, por Alexandre Dumas.
38—*No Bom Jesus do Monte*, por Camilo C. Branco.
39—*Manon Lescaut*, pelo abade de Prévost.
40—*Contos escolhidos*, por Júlio Brandão.
41—*Os Sacrificados*, por João Grave.
42—*O Senhor Deputado*, por J. Lourenço Pinto.
43—*Eugenia Grandet*, por Balzac.
44—*Os que amam e os que sofrem*, por João Grave.
45—*Infâmia de Frei Quintino*, por U. Loureiro.
46—*Regina e Graziela*, por Lamartine.
47—*D. Branca*, por Garrett.
48—*Fábulas*, por Lafontaine.

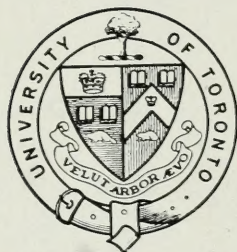


A COLECÇÃO LUZITANIA é a mais popular e a de melhor apresentação das colecções portuguezas.

Todos os volumes são encadernados em percalina.

Possuir esta colecção é possuir uma pequena biblioteca.

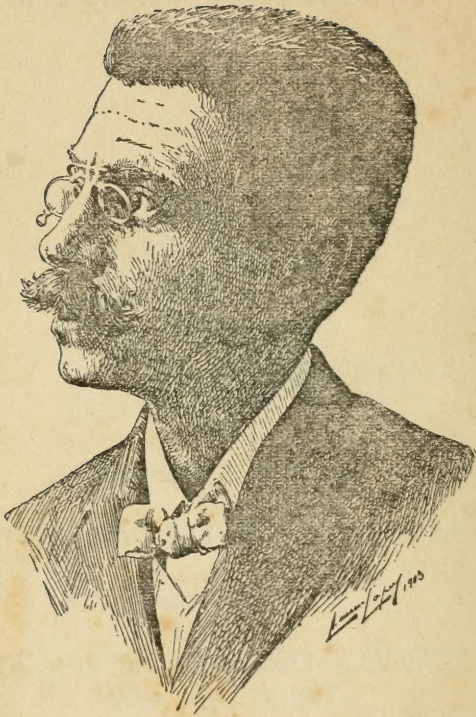
Preços, vêr a tabela em vigor



PURCHASED FOR THE
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY
FROM THE
HUMANITIES RESEARCH COUNCIL
SPECIAL GRANT
FOR
BRAZIL COLLECTION

TORMENTA

PORTO — Imprensa Moderna



Coelho Netto

COELHO NETTO

TORMENTA

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,
editores — Rua das Carmelitas, 144

1915

DO MESMO AUCTOR

Esphynges, 1 vol.	6\$0
Sertião, 1 vol.	60
Água de Juventa, 1 vol.	70
A bico de penna, 1 vol.	70
Romanceiro, 1 vol.	50
Jardim das Oliveiras, 1 vol.	50
Fabulario, 1 vol.	50
Miragem, romance, 1 vol.	60
Theatro, vol. 1.º, 1 vol.	80
Theatro, vol. 2.º	40
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	50
Theatro, vol. 5.º	no preço
Apologos, 1 vol.	\$50
Mysterio do Natal, 1 vol.	\$50
Inverno em flor	\$70
O Morto, 1 vol.	\$60
Banzo, 1 vol.	\$50
A Conquista	\$70
Rei Negro	\$80
Capital Federal	\$60

No preço, a seguir em novas edições:

O Rei Phantasma	1 vol.
O Paraíso	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne — (Em Portugal, pela lei de 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912.)


.....
Combien de fois un inexprimable malaise s'installe, imprévu, dans nos nerfs, grignote notre cerveau, soulève irrésolument notre cœur, pousse notre volonté à d'insipides caprices. Tout nous-même se révolte d'être violé dans son intimité secrète, perforé, anéanti par d'horribles et stupides inconnus... On a peut-être ce jour là trop rêvé, pas assez réalisé d'efforts, trop ouvert sa personnalité aux quatre vents de l'universelle bêtise. Et voilà qu'on divague doucement, niaisement. Les mains cherchent en vain l'objet devant soi; la mémoire fêlée perd toute raison d'agir, le vertige gagne l'intelligence, non pas le vertige des choses hautes dans l'élévation ou la profondeur du Ciel ou de l'Abîme, mais le vertige amollissant de l'hébétéude et du gâtisme, le trouble hagard, la hantise du rien.

Les homens de santé et de force, surpris d'abord par cette vile influence, repoussent d'un roidissement de l'âme le torrent du Diable, comme un roc résiste à une vague qui l'avait d'abord enseveli. Mais les natures déjà oscillantes s'embrèchent à la tentation occulte qui grandit. La Bête impalpable insinuée, mange et boit le fluïd vital. Si la passivité et la peur continuent, la manie taraude le cerveau de ses aiguilles obstinées jusqu'au moment où, la conscience ébranlée, s'élargit encore la fissure par laquelle avec fracas la folie entre, s'installe, — la folie, troupe de larves. Aujourd'hui, la suggestion a prouvé scientifiquement l'évidence de ce phénomène. Une parole, un geste, quelque fois seulement une volition intérieure insinuent en un cerveau moins puissant une idée dominatrice qui, comme un être, y vit, y règne, s'empare, despotique, de tout le dynamisme cérébral de sorte qu'aucune autre idée ne peut germer sauf elle, — il y a «monoïdeïsme», folie artificielle et momentanée.

Le fou, c'est l'expulsé total de lui-même, c'est le possédé, le lit aride et nu en lequel roule conculcatrice la houle des spectres.

.....

JULES BOIS.



LIBRARY
MAY 25 1888

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

À memoria *saudosa* do

Dr. Manoel Victorino Pereira

I SWEAR T'IS BETTER TO BE MUCH ABUS'D
THAN BUT TO KNOW 'T A LITTLE.

SHAKESPEARE: «OTHELLO.»



BRINDO de par em par as janellas do seu gabinete, na rua Silveira Martins, fronteiro ao parque Friburgo, com uma larga vista para o mar, Julião desafogou a sua emoção represada num longo e arrancado suspiro, lançando os olhos ao céu como em devoto agradecimento.

A manhan subia triumphal, limpida e fresca; gente passava surdamente deixando pègádas humidas na calçada. Eram os que vinham da vaga, tremulos, gottejantes, embrulhados em compridas toalhas que lhes chegavam até a orla dos calções curtos. As senhoras, em *jupons*, traziam os cabellos apanhados no alto

da cabeça. Reanimadas pela agua viva do mar pareciam ter ganho alguma coisa da alegria irrequieta da onda, que rolava na praia, preguiçosa e languida. Carroças rodavam e os padeiros, parando de casa em casa, com os grandes cestos abarrotados de pão louro, batiãam as palmas ou faziam tinir as campainhas. Uma nuvem de tico-ticos sarilhava nos ramos das velhas mangueiras, que pareciam buscar arrimo no muro forte, forrado de hera, tanta que transbordava, em ouréla intonsa, para a rua. Pombos mariscavam entre a viçosa verdura do parque, d'antes florido, transformado, então, em horta pingue, com os canteiros de couves e de alfaces e as latadas de aboboras sobre o terreno barbaramente conquistado á rosa, ao croton, á gardenia e á relva tenra onde, outr'ora, á tarde, os cysnes merencoreos, com solemnidade hieratica de animaes sagrados, passeiavam a alvura immaculada. Apenas as palmeiras magestosas, em parallela firme, subsistiam como remanescentes duma éra de fastigio, altas, esbeltas, á semelhança de columnas de um templo que houvesse tombado em ruinas.

Julião olhava como se visse, pela primeira vez, esse scenario mixto d'aguas e de arvoredo. Andavam os hortelões talando os legumes e cantavam. Um novillo, arrastando uma corda, seguia vagaroso, mudando preguiçosamente os passos, o focinho na herva fresca, pastando; e, na velha piscina, toda de marmore, com os rebordos de mariscos, onde viveram carpas, um pequeno, em camisa, abeberrava o gado. No mar, á grande luz, manchando a superficie nitida e quieta, uma falúa fugia a todo panno. Vaccas leiteiras cruzavam-se na rua, com os bezerros á tira; mugiam e os ilhéos, detendo-as, sacudiam com furia as campainhas como num appello geral.

Julião parecia enlevado, mas o seu espirito andava disperso: parte no presente, parte no passado, crucificado na duvida e na saudade, os dois braços da cruz que o martyrisava. Cautelosamente, como um ladrão que foge, deixara o quarto, encostando, de mansinho, a porta para que nenhum rumor despertasse a esposa, que lá ficara, enrolada em linhos, branca e loura, um braço nú estendido na cama, cujo

cortinado conservava ainda pequeninos ramos de flores de laranjeiras e laços de fitas com que o haviam enfeitado para a noite nupcial. Sahira sem mesmo beijar-lhe os cabellos, que competiam com os raios do sol em côr e em brilho, derramados pelos travesseiros em alluvião de ouro.

Oito dias apenas separavam-n'o da vida solitaria, tão tristemente vivida durante esse anno de viuvez. Sem grande lida, com uma clinica limitada, os dias pesavam-lhe enfadonhamente e as noites longas, de insomnia, atormentavam-lhe o espirito.

Vivera apenas tres annos ao lado da saudosa criatura, que ainda o seguia espiritualmente, numa viva e forte saudade, tão forte que, ás vezes, como se evocasse a morta, trazia-lh'a para diante dos olhos, sempre meiga, como fôra em vida, pallida, com a sua belleza morbida de tísica, os cabellos negros, os olhos negros e melancolicos, os labios vermelhos e humidos, sorrindo. A sua tez, tão branca, parecia ter a suave transparencia do jaspe e tornava-a como um ser ethereo, mais do céu que da terra, arrastando resignadamente uma vida

de exílio, mas prompto, a todo o momento, para a repatriação no seio claro da Essencia de onde viera. Rapida, porém, a visão desvanecia-se. Essas visitas reaccendiam a lembrança, reanimavam o amor — eram como derradeiras faúlhas que saltavam, num luzir ephemero, duma fogueira apagada.

A finada, para o sempre repousada no tumulo frio, que elle mandara cobrir com uma lage de marmore, onde, em letras gravadas, havia um testemunho de amor eterno e de infinita saudade, deixara na vida, como para assegurar-lhe o amor de esposo, um pequenito que nem consciencia tinha para sentir a morte que lhe roubara o carinho porque, no momento em que, levado em braços para junto da moribunda, recebeu na face o beijo frio, pequenino, innocente, dormia, e despertou chorando e repellindo a mão gelada da que se finava com a grande dôr, maior que a agonia da morte, de o deixar tão fraco ainda e só, sem ter quem velasse o seu somno e quem o afagasse com a mesma ternura com que ella o afagava. O pequenino Paulo, de oito mezes, dormiu serenamente enquanto na sala, á luz

dos cirios, velavam o corpo definhado da mãe, morta aos vinte annos.

Só, na casa funebre, com um filho tenro nos braços, Julião teve um grande desanimo, um desfallecimento de energia que o levou, por vezes, á fronteira do suicidio. Na quietação da noite, quando Justina, gorda e molle, adormecia sentada junto ao berço do pequeno e o silencio subia de tudo, passavam-lhe pelo cerebro alvoroçado idéas de morte; parecia-lhe que o grande amor o levava a tal extremo e, elle mesmo, pasmava descobrindo no seu coração, inabalavel e frio, tão nobre e humana fragilidade. Ás vezes rompia a chorar debruçado sobre a mesa numa grande prostração de agonia.

O soffrimento dava-lhe allucinações: ouvia passos, vozes — era *ella* que vinha; e, apavorado, ancioso, temendo e desejando, ficava á espera, mas o rumor cessava como se a morta tivesse parado um instante, saudosamente, sobre o berço do filho sahindo subtil, como uma furtiva e timida namorada, em passos de espectro, até perder-se no ar, caminho dos espiritos,

A vida tornou-se-lhe insupportavel. Uma irascibilidade permanente dava-lhe impetos, ás vezes, de atirar-se á Justina, a ama do pequeno, umailhôa de carnes flacidas, grandes seios brancos que ella desnudava relaxadamente, derramando-os no collo quando amamentava; muito desmazelada e maltrapilha, sempre com uma cara de somno, a bocejar, arrastando as chinelas rotas, quando não se punha a cantar, com uma voz endeixosa e irritante, trovas aldeans.

Era, a bem dizer, a senhora; e a casa, entregue aos seus cuidados, andava em desordem repugnante: os moveis cobertos de pó, o soalho manchado, compridas teias de aranha pendentess do tecto e, como não se abriam as janellas da sala, um cheiro frio de humidade e môfo subia do tapete e dos cantos. A cozinheira, uma negra ébria, em luta constante com a ama, ameaçava-a e travavam-se discussões terriveis nas quaes Julião era forçado a intervir, tomando, porém, o partido de Justina para que o pequeno não ficasse abandonado. A negra, enfurecida, despedia-se, deixava o fogão e, a pretexto de ir fazer a sua trouxa,

mettia-se num quarto do quintal onde a roupa suja, accumulada, mofava; e dormia. Tarde, resmungando, com as saias a escorrerem-lhe da cinta, enrolava a trunfa desfeita e, ainda tropega, vinha temperar a carne, atirada sobre o marmore da pia, ás moscas.

Julião, ao descer, achava o pequeno Paulo encharcado, no meio da sala, o rostinho immundo, brincando e Justina acaçapada numa cadeira, as pernas abertas, com o corpinho desabotoado, bocejando. Os canarios trillavam; um papagaio, ao sol, chalrava, não conseguindo, porém, desbastar a pesada tristeza que invadira a casa depois da morte de Lucia. O relógio parado; as begonias e os crotons murchavam nos vasos como se, de saudade e á mingua, se finassem. Julião, «para não desbaratar», sahia.

Foi Salustio Pina, seu intimo e protector, um velho mineiro, do Serro, padrinho do pequeno Paulo, quem lhe suggeriu a idéa de desfazer-se da casa vendendo os moveis que tanto lhe recordavam a morta, indo viver, provisoriamente, numa casa de pensão até que as coisas tomassem outro geito, porque elle, rapaz,

não havia de passar o resto dos dias com aquelle luto e aquelles protestos de fidelidade, como um monge com o seu burel e o seu voto. O pequeno iria com elle, eram dois velhos num casarão, e a boa Januarina, tão amiga de crianças, levantaria as mãos para o céu quando visse entrar pela casa o seu querido afilhado. Elle já comia tudo, podia dispensar a ama e ficasse descansado porque a velha seria para o Paulinho uma segunda mãe.

Julião tinha escrúpulos — um incommodo para a pobre senhora. Demais que havia elle de fazer em uma casa de pensão, um medico? Salustio, porém, animou-o:

— Que elle já tinha a sua clientela, era conhecido como medico e como homem de bem, tanto lhe fazia morar aqui, como ali; e quem não sabia do seu desastre? Que culpa tinha elle de que lhe houvesse morrido a mulher? O que não convinha era continuar naquella vida, gastando rios de dinheiro para sustentar vadios, que só lhe davam motivos de aborrecimento. Fazia pena vêr-se o estado daquella casa: — moveis novos estragados e tudo num dismantelo que até parecia que ali não havia

gente. Se quizesse, para não separar-se do filho, podia ir morar com elles: a casa era grande e a mesa de mineiros. Elle bem sabia que era estimado como um filho. Julião sorriu, commovido e vexado:

— Agradecia. Já não era pequeno o incommodo que lhes ia dar o menino. Ia vêr uma casa para installar-se. Ainda foi o velho Salustio quem lhe descobriu um excellente commodo na *Pensão Inglesa*: duas peças — sala e alcova mobiladas com certo luxo e conforto. Podia ter a placa á porta, falara ao proprietario — e com inteira independencia, podendo entrar e sahir a qualquer hora da noite, que a sala abria para o jardim. E, numa doce manhã, o pequeno Paulo, esbravejando, esperneando, a repuxar as rendas da capellina, passou do collo farto de Justina para os braços magros de D. Januarina indo, em carro fechado, para a residencia de Salustio, no Cosme Velho.

Despedidos os criados, Julião fez um lote de objectos queridos, despachou duas carroças com as estantes, alguns quadros, roupas e fechou a casa. No dia seguinte o leiloeiro arrolou os moveis e annunciou o leilão.

II

NOS primeiros dias, que foram de chuva, a saudade pungiu mais fundo. Sem animo de sahir á rua, Julião repousava estirando-se na *chaise longue* com um livro e um cigarro, a ouvir o pingar monotono das gotteiras e o tilintar das campainhas dos bonds, que subiam e desciam. Apezar da placa que o annunciava nem um cliente apparecia e os dias passavam lentos, insipidos, silenciosos entre as paredes do aposento que elle occupava, enchendo-o com o seu tédio infindavel.

Correndo os olhos pela sala socegada, onde nem os passos soavam, porque o tapete ensur-

decia todo rumor, parecia-lhe que acabava de chegar do cemiterio onde deixara Lucia. Um estranho sentimento de abandono marejava-lhe os olhos de lagrimas e, caído, abandonando esquecidamente o livro, sentia falta de tudo que havia deixado — os seus canarios alegres que enchiam a casa com um trinado esperto, o papagaio, com a sua gritaria, tentando vôos, chamando a negra, ladrando, assobiando. Lembrava-se das coisas com os seus minimos detalhes — o piano, com as arandelas de bronze em fórma de acanthos, sobre os quaes cupidinhos nús tangiam lyras; o guarda-louça com o precioso serviço japonez que lhe dera Lucio Mendes; a grotesca escarradeira do seu gabinete, faiança portuguesa: um grande sapo, d'olhos esbogalhados, esparrimado no chão, com a boca immensamente aberta; seu leito, sua secretária de mogno; e até reminiscencias futeis: uma carantonha feita a carvão no muro do quintal, perto do tanque, o papel dum canto da sala de visitas que o pequeno Paulo descolara e, illusoriamente, ouvia, como em accórdes abafados, certo romance triste que uma vizinha batia todos os dias, da manhan á noi-

te, num velho piano, quebrando o silencio dormente da rua, com o seu sentimentalismo descompassado e desafinado.

Quando lhe chegavam, em tropel, essas recordações atirava-se á rua caminhando, muitas vezes á noite, no socego das horas altas, sob bâtegas de chuva e luíadas de vento, fugindo ao leito, á casa, ao passado, numa vertiginosa e desatinada corrida de criminoso acosado pelo vozear intimo do remorso ou pelo clamor do povo amotinado. Quando lhe passava a superexcitação moderava o andar e, tímido, como se sentisse observado, voltava ruas sem destino, discorrendo consigo mesmo, em soliloquio, sobre a passividade do seu espirito.

Salustio ia, ás vezes, buscal-o para jantar, falava-lhe do pequeno: que já corria a casa toda, tartareando. Era um encanto vê-lo, muito gordo, com os bracinhos abertos, mudando os passos desageitadamente, a rir para D. Januaria enlevada. Já a boa senhora se lhe affeiçoara maternalmente: era ella quem o banhava, quem o fazia dormir, quem o vestia. Mal lhe sobrava tempo para os bichos que eram,

d'antes, o seu cuidado porque o pequeno absorvia-lhe todas as horas, não a deixando um só instante, repellindo, com frenesi, a preta que os velhos lhe haviam dado por ama secca.

Com os seus quarenta e oito annos rijos e sadios, alta e secca, D. Januaria guardava ainda da mocidade o esplendor magnifico dos olhos pretos, grandes, velados docemente pelas pestanas longas, ao mesmo tempo altivos e carinhosos, e a linha casta e curva da boca que um sorriso amavel sempre visitava. Os seus bastos cabellos ondulantes, quando ella os despenhava, punham-lhe sobre os hombros um manto de respeito, dum branco nitida como os arrojados lençoes de uma cachoeira sobre uma rocha escarpada. Salustio dava-lhe prazenteiramente o titulo de «matrona» e ouvia-lhe os conselhos, d'onde sempre o seu dizer: que tudo quanto possuia era mais devido á mulher que a elle proprio. Não fôsse ella com o seu ponderoso pensar e muito do que tinham teria ido por agua abaixo em negocios e operações de aventura.

Viviam os dois no Cosme Velho, num casarão antigo de grandes salas rodeadas de ja-

nellas e quartos onde as camas ficavam isoladas como oasis em desertos. A chacara, de frondoso arvoredado, era amenissima nas suas sombras; um corrego constante fazia a régua das raizes fortes que saltavam á flôr da terra em cordoveias retorcidas e dilatadas. Ali viviam vida serena de patriarchas.

Os poucos que frequentavam esse retiro honrado, velhos tambem, rememoravam éras antigas ou commentavam os tempos difficeis do presente, tão diversos do saudoso outr'ora, quando a calma pairava e havia segurança e fortuna.

D. Januaria, com as chaves á cinta, governava sabiamente a casa: da despensa á sala, da horta ao jardim. Era ella quem, de manhan, fazia a distribuição dos generos, quem presidia á limpeza, ao cóрте dos ramos, ao enxerto das plantas e, no gallinheiro, onde duzias de gallinhas cacarejavam, todos os dias, muito cedo, penetrava: os pés em grossos sapatos, a saia arregaçada, seguida de uma crioulinha que levava a cuia de milho e aservas; e visitava as gallinhas no chôco, recolhia os ovos, mandava encher o bebedouro em cujas

bordas os gallos orgulhosos batiam as azas, cantando. Muita vez, da varanda, surpreendendo uma rinha, descia, ás pressas, ao gallinheiro para apartar os brigões e falava-lhes exprobrando-os, examinava-os soprando-lhes as penas e, se descobria uma gotta de sangue, uma escoriação, contrariada, despachava a crioulinha para buscar arnica e pensava o ferido, separando-o para que não se empenhasse de novo em luta de desforço.

Salustio, aos domingos, era do «matto». Deixassem-n'o com o seu cajado correr o pomar e a horta, a «matta» e o jardim, seguido de Manoel, velho negro que fôra escravo da casa, que ali vivia remanchando, a bambalearse nas pernas tortas, em forquilha, agarrado a um pau, como um orango. Lá iam elles pelos alfombrados caminhos, sob a ramada sombria, falando como dois intimos, sobre florescimentos e frutificações, tempo do córte e da sementeira e o negro, gago, ia apontando surpresas: um renovo, um enxerto, uma laranjeira que revivera depois da limpa, o primeiro botão duma roseira.

Da casa á igreja, nas manhans dos domin-

gos, era o unico passeio que fazia a velha, de preto, acompanhada de Salustio ou com a crioulinha, quando o marido descia cedo para a sua lida na chacara.

A casa tinha um tom geral de antiguidade, não só exteriormente nos muros, em parte forrados de hera, na sua escada de pedra, ensombrada por uma coberta, como no interior, nos moveis do velho tempo, religiosamente conservados como reliquias: consóles de pés retorcidos, a classica mesa redonda, pesada e forte, as cadeiras amplas, conventuaes, especies de faldistorios e, como ornamentos, mangas de crystal lapidado, redomas altas, candelabros de bronze. Pelas paredes quadros veneraveis, retratos, uma vista do Serro, berço de ambos, sobre um fundo de montanhas nubladas e dois altos espelhos quadrangulares.

Na sala de jantar um velho relógio de caixa batia as horas com vagar, sonoro. Os criados pareciam ter vindo igualmente do passado, no mesmo fio de vida sereno e propicio.

A casa, nas séstas do meio dia, que D. Januaria preenchia honestamente costurando, á luz de uma janella, com a crioulinha ao lado,

no chão, cabisbaixa, aprendendo pontos, e o gato voluptuosamente enroscado sobre a mesinha, cahia num silencio grande, de somno, apenas perturbado pelo chiar das cigarras e pelo estribilho eterno d'agua fugitiva do corrego. Às vezes o velho negro cantava entre as arvores, um canto triste, nostalgico que se confundia com o murmulho das frondes, ou os gallos, na alegria tépida do sol, levantavam a voz vibrante cocoricando.

Salustio pensava em liquidar a firma, retirando-se do negocio: estava cansado, queria gozar os dias que lhe restavam, trabalhava desde os doze annos, era justo. Tinha o necessario para viver com abastança, para que matar-se? Quando fechasse os olhos a velha, sua unica herdeira, porque dos seus apenas restavam dois tios octogenarios e ricos que vegetavam nas suas terras pingues, em Minas, ficava com o bastante para viver como uma rainha. D. Januaria pensava com elle:

— Para que ambições desmarcadas? o que tinham chegava de sobra. Deus nunca lhes faltara com o pão de cada dia. E Salustio, debruçando-se á janella, antegozava a delicia

d'esses grandes dias repousados, promettendo fazer daquillo um mimo, abrindo caminhos na «matta», installando um aviario no jardim, á sombra da amendoeira, enchendo o tanque de peixes e substituindo aquellas gallinhas velhas por uma famosa criação de raça. E, todas as manhans, no jardim, enquanto esperava o bond, traçava na areia, com o guarda-chuva, planos dum parque novo, cheio de sombra e perfume.

Foi nessa casa, ao abrigo d'esses muros, que Julião concluiu o seu curso de medicina, dali sahindo com o diploma, para entrar na igreja levando os olhos extasiadamente postos em Lucia, esbelta e meiga, mais branca do que o fino véu que lhe cobria a graciosa cabeça.

III

DONA JANUARIA tinha para elle carinhos de mãe. Orphão aos dezeseis annos, justamente quando concluire, com brillantismo, as suas humanidades, Julião recorreu a Salustio em cuja casa o pai trabalhara como guarda-livros, pedindo-lhe um lugar no escriptorio que, ao menos, lhe dêsse para a matricula na Escola. O velho mineiro recebeu-o commovido e alojou-o num quarto independente da casa de commercio, fornecendo-lhe tudo, sem exigir d'elle outra coisa mais que comportamento e boa nota no fim do anno.

Julião foi grato e, até o quinto anno, querido de todos, habitou o seu quarto no segundo

andar. Depois do exame, porém, em que obteve a nota de distincção, Salustio transferiu-o para o Cosme Velho onde, outr'ora, o moço estudante apenas apparecia aos domingos para jantar em familia.

E D. Januaría ainda conservava, na mesma ordem, o quarto que elle habitara, amplo, claro, com quatro janellas rasgadas ao sol e ao bom cheiro resinoso das altas arvores. E dizia: que tinha fé em Deus que ainda ali havia de vêr o Paulo, com a sua grammatica, fazendo os seus verbos sobre a mesma mesa em que o pai, até horas altas da noite, escrevera a sua these.

Effectivamente o pequeno ia conquistando a casa com a sua vivacidade traquinas, com a sua alegria ruidosa, acordando ecos nunca ouvidos na mansão taciturna. As negras queriam-lhe, andavam com elle ao collo, atiravam-se ao chão para que o pequeno risse, derreando-se todo, mostrando a boquinha rosada, onde appareciam os dentinhos brancos e miudos. O proprio Manoel, macambuzio, fechado, sempre a resmungar, abrandava-se perto da criança como uma fera enternecida, fazia mô-

mos; sentando-se nos degraus da escada encostava o ensininho e, tomando o pequeno nos braços robustos, levantava-o no ar com um canto guttural e lugubre.

D. Januaria, para que o trabalho não fôsse relaxado pelas negras, tomava o Paulo a seu cuidado levando-o ao jardim, ao bosque. Brincava com elle na relva, infantilizando-se, desistindo da sua gravidade para o fazer rir, entregando-se contente aos bracinhos que lhe apertavam o pescoço e á boca que lhe babava o rosto.

Julião subia frequentemente ao Cosme Velho e, com o filho ao joelho, mirando-lhe os traços mal accentuados do rosto, ia descobrindo parecenças com a finada: a mesma côr dos olhos, a boca do mesmo talhe, certo signalsinho tanta vez beijado na face de Lucia, ali estava reproduzido no queixo da criança; e ficava a ouvil-o, caminhava com elle deliciado, enternecido, provocando-o a falar.

D. Januaria, que registrava no coração tudo quanto fazia o afilhado, narrava: eram travesuras incríveis, espertezas que espantavam, casos admiráveis de precocidade e, sobretudo, a

memoria viva que tinha. Lembrava-se ainda da Justina e, ás vezes, cahindo em tristeza, amuava a um canto e, se o buscavam, rompia a chorar chamando a ama, aos gritos.

Muito nervoso, já naquella idade tinha sonhos, e tão fortes, em certas occasiões, que acordava assustado, chorando convulsivamente e, para dormir, era necessario que ella o fôsse buscar ao berço para o seu leito e o aconchegasse muito ao collo, acalentando-o. Julião attribuia ao excessivo carinho: «Está ficando manhoso.»

Salustio dava-lhe nomes heroicos: era o Ferrabraz, era o grande Roldão e, quando o via nú, batendo as palmas, muito rechonchudo e rosado, era D. Sancho, o pançudo.

Em todos os cantos da casa havia brinquedos: carroças, cavallos, espadas, cornetas. Paulo ia-os quebrando um a um e Salustio, muita vez, para o não vêr chorar, ajudava-o na destruição mostrando-lhe, com explicações, os cylindros das caixinhas de musica ou as molas que punham em movimento as azas dos escaravelhos de estanho. E assim, mimosamente afagado, crescia como uma arvoresinha ao sol.

IV



ORRERAM mezes.

Dissipando-se a nevoa da saudade, Julião sentia reabrir-se-lhe a alma em explosões de vida, cheia de seiva nova, força de primavera, que o excitava aculeamente para o trabalho e para o triumpho.

Appareceram-lhe clientes, não como os humildes do seu bairro obscuro, que lhe falavam encolhidos, em tom de lastima, mostrando chagas, exhalando, em tosse cavernosa, um halito de morte; mulheres cadavericas, comidas de miseria, com os filhos rachiticos nos braços esqueleticos.

Não eram chamados para estalagens em casebres lugubres que tresandavam a barrella e a lixo e onde se sentia a fome, mas para palacetes, residencias nobres.

Recebido, como nas peças theatraes, por fámulos graves, de libré, introduzido em salões atapetados, onde a luz, coada atravéz de reposteiros e cortinas, era doce e discreta, entrava na intimidade da alta representação social, os nomes mais em evidencia da politica, da magistradura, do dinheiro.

Guiado a camaras luxuosas, encontrava-se com senhoras cujos nomes tantas vezes lêra nas descripções das festas elegantes. È via-as ali, no desalinho gracioso, fluctuando em rendas, com os dedos crivados de scintillações, lindas, como se se exhibissem em attitudes de arte, soffrendo por convenção; ou no leito, mostrando o contorno do corpo sob a alvura dos linhos.

È como os seus dedos gozavam no contacto d'aquellas carnes alvas, passeiando sobre a pelle macia! como o calor da febre se lhe insinuava nas veias effervescendo-lhe o sangue! Quão differentes eram daquellas mulhe-

res rudes, de tez queimada e grossa que, prostradas pela febre, abandonavam-lhe sobre a perna os pulsos formidaveis, exercitados na labuta diaria das lavagens, pondo-lhe nos dedos um visco repugnante de suor. Deixando as languidas enfermas, tão bellas no soffrimento, nem pensava em lavar as mãos: queria tel-as sempre com o perfume daquelles corpos de amor, guardando a sensação da carne sentida, tão branda, tão tépida, tão delicada ao tacto que á mais leve pressão sentiriam como em martyrio.

Foi em uma d'essas visitas que Julião conheceu Isaura. Junho entrava com as suas noites brumosas. Estudava ainda, abafado no *robe de chambre*, quando lhe bateram á porta chamando-o com urgencia para vêr uma moça na praia de Botafogo. Um tilbury esperava-o.

Cahia uma garôa friissima e o vento do mar cortava. Enquanto o cocheiro ia fustigando o animal, Julião, encolhido, um tanto impressionado com a azafama do criado, poz-se a fantasiar: «Era num palacete. A moça, num accesso de febre, os cabellos desgrenhados, louca, investia com todos, soltando gri-

tos lancinantes, rasgando as roupas. Buscavam contel-a e a luta ia-se-lhe afigurando numa visão.» Mas trillaram apitos; distrahido inclinou-se um pouco para olhar: dois homens passaram correndo, mas com a velocidade do tilbury, nada mais viu e ia reentrar no sonho quando o cavallo estacou diante dum alto e largo portão. A casa, ao fundo, na sombra do arvoredos, era de apparencia nobre. Abrindo-se uma porta envidraçada, um raio de luz clareou a varanda de mosaico e elle viu, num relance, a figura veneravel dum velho de grandes barbas alvas que ajustava o *robe de chambre* ao peito.

— Entre, doutor. É uma desgraça! Entrou e o rumor dos seus passos morreu no tapete molle da sala, escassamente alumuada por um bico de gaz mortiço. A mobilia, toda em *housses* brancas, punha grandes claros sobre o fundo escuro das paredes, cheias de molduras que refulgiam. Mal teve tempo de olhar: pôsou o chapéu, despiu o capote e seguiu acompanhando o velho, que se desculpava ajustando sempre o seu *robe de chambre*. Viu, á meia luz, no fundo de um corredor, a sala de jan-

tar, o guarda louça rebrilhando, uma palmeirinha. E o velho suspirava desolado, meneando a cabeça: «Pobre menina! Que desgraça!»

Subindo a escada que levava aos aposentos superiores Julião indagou:

— Mas que tem ella?

— Um febrão! doutor. Começou depois do jantar: dôres de cabeça e nas pernas, a vista turva, ancias e logo a febre alta; ficou a arder. Está agora passando pelo somno, mas continúa muito quente.

Haviam chegado ao quarto da enferma. O velho entreabriu a porta annunciando o medico e logo, voltando-se, deu caminho a Julião, que entrou vagaroso, solemne, com ligeiros acenos de cabeça, encaminhando-se para o leito que o cortinado envolvia, tenue como uma nevoa. Duas senhoras, em attitude de soffrimento, immoveis, caladas, occupavam os lados da cabeceira e, deitada sobre duas grossas tranças louras, os braços estendidos ao longo do corpo alvo, Isaura dormia serena.

Julião tomou-lhe o pulso, pousou de leve a mão sobre a fronte, depois, com o thermometro, pediu a uma das senhoras que o collocasse

na axilla da enferma, afastando-se com muita dignidade.

Não achava gravidade; parecia-lhe uma ligeira febre gastrica. O velho, esquecendo o *robe de chambre*, ouvia-o com os olhos dilatados, numa grande ancia e, quando Julião recebeu o thermometro, elle avançou querendo vêr a columna de mercurio, se subira, se baixara. 39°. Suspirando, metteu os dedos pelos cabellos, afflicto.

— Não ha perigo, descance. Vamos medical-a. E Julião, a convite do velho, passou a um pequeno gabinete, dum gosto raro, onde havia uma secretária *mignonne*, de pau setim, movel delicado e artistico, repousando sobre uma pelle de urso. Ahi formulou a receita aspirando o suave perfume que subia de tudo, numa exalação tépida e subtil. O velho pediu-lhe que se demorasse — tinha tanto medo daquellas febres e ella era tão sujeita... Filha unica. Que seria d'elle se a perdesse!

E Julião deixou-se estar folheando livros, deliciando-se nesse ambiente de aroma, duma luz tão suave, coada através dum globo côr de rosa.

Quando sahiu, derreado de fadiga e de somno, a manhan rompia serena e luminosa. Descendo vagarosamente ao longo da praia, entre o silencio e o perfume dos jardins e o murmurinho da vaga, que se estirava na areia branca chapinhada pelos banhistas, pensava nessa noite de vigilia e, no fundo indeciso e subtil do sonho, como uma estrella viva e clara dentro da noite negra, Isaura, alva e languida, revelava-se, com uma insistencia de seducção, sahindo-lhe dos olhos para o exterior e diluindo-se, desvanecendo-se como uma nevoa ao sol, para renascer depois.

Concentrado no incidente da noite, mal ouvia a algazarra alegre dos que affrontavam a onda mergulhando, nadando e nem olhava o mar arrepiado que o grande sol lentejoulava de ouro.

As palavras com que o velho coronel Figueira miudamente, numa intimidade descereimoniosa, lhe contara toda a sua vida, de magnificas virtudes e de resignação, vinham-lhe á memoria como se despertassem duma modorra. Abstrahindo o visivel transportava-se, em espirito, a essas terras vastas, de cultura

e gado, entre montes, onde a casa patriarchal, numa desafogada collina sobranceira á matta, recebia o sol e os ventos livres. Creava a paisagem e nella, como a alma casta, o espirito vivificante, punha a figura suave de Isaura, atravessando prados verdes, vingando vallados, os cabellos ao vento, risonha, corada, na alegria tépida das manhans de verão, ao galope feroso de um ginete.

Fazendeiro, lá vivia o coronel no desterro taciturno d'essa retirada Valença, terra desconhecida de Julião que elle, no seu imaginar constante, fazia aspera e rude, de bravios matos, agreste e fria, percorrida pelas tropas sertanejas que, trilhando as estradas, deixavam no ar a toada tristonha das cantilenas e o tinido fanho dos cincerros das mulas.

Tres invernos tolheram-nos a todos nas salas vastas do casarão, sitiados pelos grandes ventos e pelos aguaceiros, tres longos invernos desde que, inopinadamente, da noite para o dia, o typho levara á cova o primogenito do casal, um moço, no vigor do sangue, cujo retrato, tirado ao tempo em que cursava o segundo anno de engenharia, o coronel conser-

vava religiosamente á cabeceira do seu leito, num pequenino quadro de ebano.

Por gosto o coronel nunca mais arredaria pé daquellas solidões sandaveis. Detestava a capital e temia-a; cedeu, porém, ás instancias da filha que definhava de tristeza e, em Junho, com os dias frescos, confiou a fazenda ao administrador e veio para aquelle desastre, para entregar a pobresinha á febre que já lhe levara o primeiro e que, talvez, o deixasse no mundo sem um filho para consolo da sua velhice desafortunada.

Julião, enlevado nessa narração que lhe repetia a reminiscencia apenas, de quando em quando, levantava os olhos á passagem de um bond, ao rodar de um carro, mas logo recahia na preocupação, caminhando automaticamente, como um somnambulo, de sorte que, vendo-se diante da Pensão, pareceu-lhe que havia vencido a distancia num tempo rapido e, como para medir o caminho percorrido, voltou-se alongando os olhos, rua acima, até o caes.

Recolheu-se, mas para refazer-se da noite fatigante, enfiou o jupon e desceu ao banheiro,

refrescando-se demoradamente, sempre a pensar na enferma, com uma solicitude tão delicada que, ao enxugar-se, deteve-se um instante surpreso e, sorrindo, disse, como zombando do seu proprio espirito: — «Ora, seu Julião... pois você!» E sorriu de novo esfregando com força a cabeça como se della quizesse arrancar a obsessão teimosa. Tornando aos seus aposentos mirou-se ao espelho, tomou os jornaes e, como o criado entrasse com o café, recommendou que o acordasse ás dez e meia, sem falta, explicando — que tinha um doente grave.

Só, estirou-se na cama, tomou um jornal e abriu largamente as folhas, mas, d'olhos fitos nas paginas, o espirito partiu celere, arrebatado para junto dum leito branco, de leves cortinas, á cabeceira do qual duas senhoras velavam immoveis. De repente, num impeto, atirou ao chão os jornaes, puxou os lençoes e, encolhendo-se, cerrou as palpebras. Instantes depois voltou-se e, com um travesseiro molle sobre o rosto, adormeceu.

Quando o criado, pontualmente, ás dez e meia, empurrou a porta do quarto, Julião, bar-

beado e vestido, torcia os bigodes diante do espelho.

— Ah! o Sr. doutor já está de pé; disse sorrindo, meio vexado como duma falta.

— É verdade. Vê lá o almoço, quero sahir já. Vestira o seu costume mais sobrio, lembrando-se do que lhe dissera o coronel Figueira: — «Que não tomava a serio um homem pelintra, contando, como uma das maiores virtudes do filho que perdera: que nunca o vira com uma flôr ao peito.» Á mesa mal provou dos pratos, enguliu o chá e, accendendo um cigarro, sahiu.



CORONEL repousava quando elle appareceu. A casa fechada estava em silencio. O copeiro introduziu-o abrindo todas as janellas da sala, que os raios do sol invadiram alegremente. Julião poz-se a examinar os quadros passeiando vagarosamente sobre o tapete, que adormecia os passos, parando diante dos moveis, tomando *bibelots* entre os dedos, mirando os grandes vasos, as telas e os retratos. Por fim parou, as mãos para as costas, diante duma formosa *marinha* de Castagneto — uma falúa fugindo pelo largo mar, ao sol, o panno aberto ao vento. Um cheiro forte de verniz enchia a sala.

Julião ia para outra tela quando o coronel appareceu, no seu *robe de chambre*, saudando-o com a sua voz rouca: «Ó doutor!» Vinha estremunhado, deitara-se um pouco. A menina ia admiravelmente: dormira bem e estava quasi sem febre. Podiam subir. E foram.

Julião, galgando as escadas, sentia a alma minguar, encolhendo-se aterrada no mais intimo do coração e, quando chegou á porta do quarto, um forte abalo interior agitou-o, o sangue affluiu-lhe ao rosto violentamente deixando-lhe um grande vacuo no peito. O quarto refeito, cheio de sol, tinha o aspecto de uma camara de noivado, com as paredes forradas dum delicado papel cor de rosa, toda a mobilia clara, de pau setim, as cortinas leves das janelas entresachadas de fitas, fofos tapetes e grandes espelhos reproduzindo cantos do aposento. Um ramo murchava pendido numa jarra antiga e, sobre uma columna de ebano um cervo ferido, de bronze negro, dobrava os joelhos, a boca aberta, a lingua pendente, com os olhos cheios de angustia erguidos para o céu. Na parede, alta, uma cópia da *Conceição* de Murillo.

Uma das senhoras, gorda e baixa, os cabellos brancos em bandós, vestida de escuro, o ar bondoso e melancolico, veio á porta esperal-o. Logo ao entrar deu com os olhos em Isaura que, recostada a uma pilha de travesseiros, com os cabellos numa trança grossa, muito branca, levemente pallida, olhava sorrindo e os seus grandes olhos, claros e alegres, como que tambem sorriam. Julião adiantou-se meigo, sentou-se, tomou-lhe o pulso e, um momento, em silencio, fitaram-se e foi ella quem desviou os olhos levantando-os para a velha que, de mãos cruzadas no ventre, contemplava-a.

Julião declarou-a livre de perigo: podia levantar-se no dia seguinte. A velha interveiu com a sua bondade pachorrenta: «Que não lhe fôsse dando muita liberdade, porque era capaz de apanhar uma recalhida; o melhor era passar mais um dia na cama, não custava.»

O velho, arregalando os olhos, concordou:

— Cautela! Cautela! que se lembrasse que estava no Rio! Mas Isaura, amuada, com voz de chôro, franzindo a fronte, protestou:

— Que não havia de ficar toda a vida metida na cama. Não tinha mais nada, até estava com fome. Julião sorria e, com a superioridade que lhe dava a sciencia, disse:

— Que podia sahir; não havia perigo, desde que não fizesse extravagancias: o ar, o sol, elementos de vida, só lhe podiam fazer bem. E ficaram conversando — o velho muito interessado com o estado sanitario, e, falando-se de febres, a velha suspirou demorando muito tempo com a cabeça tombada sobre o peito, em concentração dolorosa.

Julião dispunha-se a sahir quando appareceu, muito grave, caminhando erecta, rija como uma estatua, a outra senhora, que o coronel apresentou como uma boa e dedicada amiga de muitos annos, D. Marianna Brites. Alta e magra, duma côr amarella de velho marfim, olhos negros e fundos, cheios de severidade, a boca quasi redonda, abotoada, a fronte baixa, reentrante. Os cabellos embranqueciam, a pelle se lhe enrugava. A voz era de homem, cheia e pausada e parecia vir do mais fundo do peito, reboando. Acompanhava todas as palavras que lhe dirigiam com um aceno da ca-

beça, carrancuda, fechada, com os olhos muito agudos e immoveis.

Julião, com instinctiva e mal contida antipathia, curvou-se diante de D. Marianna, que o examinou lentamente da cabeça aos pés com o seu olhar de aço, frio e duro, estendendo-lhe os dedos seccos, engelhados como se viessem dumã immersão prolongada em agua fria. D. Candida, a esposa do coronel, interrogou-o sobre a dieta e, antes que elle prescrevesse, D. Marianna adiantou com autoridade:

— «Que no seu fraco modo de vêr entendia que a menina devia ficar mais uns dois dias de cama, a leite e caldos, para evitar uma rechida.» Julião lançou-lhe um olhar incisivo, ella, porém, distrahida ou indifferente, avançou dois passos, solenne, e, chegando os lençóes ao collo de Isaura, ajuntou: «que não ia muito com as medicinas de hoje. No seu tempo os medicos recommendavam os maiores cuidados. Respeitava muito a opinião dos que estudaram, mas tivessem paciencia, ninguem lhe ensinava a ser enfermeira, nascera para aquillo. Não podia admittir que se conservassem as janellas abertas num quarto de doen-

te.» Julião teve impetos de responder-lhe, mas cofiou pacientemente os bigodes, sorrindo. Isaura olhava-o e foi esse olhar que o conteve. Irritado, porém, para evitar uma palavra menos cortez, levantou-se. D. Candida perguntou — se não receitava.

— Não! É alto, lançando um olhar de esguelha á D. Marianna, que alisava os lençóes da cama, declarou: Que não havia perigo. A doente podia levantar-se no dia seguinte.

— Amanhan, doutor? interrogou pasmada D. Marianna.

— Sim, minha senhora: amanha. Póde apanhar um pouco de sol. O que ella teve foi uma febre ligeira. Póde sahir amanha. D. Marianna deu de hombros e caminhou até uma das janellas, vagarosa, erecta, estalando os dedos. O coronel, como se observasse a má disposição d'animo do medico, interveiu, ajustando o *robe de chambre*:

— O doutor sabe, não estejam a discutir. Que mal lhe póde fazer um pouco de sol? D. Marianna voltou-se inopinada, com um sorriso contrafeito:

— Que não estava a discutir. Quem era

ella para metter-se com um senhor formado!? Dizia o que pensava, eram as suas manias de velha. Fôra creada com aquelles costumes.

— Sim, mas as coisas mudaram, explicou o coronel, as coisas mudaram. A sciencia tem progredido...

— Por isso morre mais gente agora, disse ella pausadamente, com intenção.

— Quando Deus quer, que hão de fazer os medicos? atreveu, com humildade, D. Candida. Julião, pallido, estendeu a mão á Isaura, despedindo-se.

— Não volta, doutor?

— Creio que não será preciso.

— Como medico, queira Deus que o não seja, disse a sorrir o coronel, mas como amigo...

— E se eu passar mal, doutor?

— Tal não acontecerá... a menos que...

— Descance, doutor; disse pachorrentamente D. Candida, fica a meu cuidado.

O coronel, muito agradecido, principalmente pela noite que elle havia passado em claro, insistiu em que lhe dêsse a honra de suas visitas, que apparecesse, seria sempre recebido

com prazer. A casa era de velhos, mas havia ali amizade sincera e gratidão. Não era dos que esqueciam finezas, porque elle os aturara! oh! se os aturara! e toda uma noite em claro. Não se esquecia.

Julião balbuciou palavras, vexado. D. Candida ajuntou os seus agradecimentos aos do marido, com muita bondade, mas quando elle se dirigiu a D. Marianna, viu-a firme, d'olhos accesos, a mão estendida, sorrindo:

— Diga-me, não conhece o doutor Paiva? um velho gordo, d'olhos verdes, barba toda, medico da Santa Casa?

— Não, minha senhora.

— Não conhece!? fez ella com espanto, avançando um passo como se investisse. — Pois era um dos medicos de mais nome quando aqui cheguei. Paiva de Andrade, creio eu, tinha duas filhas, uma aleijada. Grande medico! Para febres então não havia outro. E, voltando-se para D. Candida, de cabeça alta, com os olhos faiscando: Foi quem me poz boa da *amarella*. Santa creatura! Mas o doutor nunca ouviu falar nelle?

— Não, senhora.

— Quem sabe se morreu? Estava já tão velho!...

— Era dos taes de muito resguardo? perguntou o coronel sorrindo.

— Elle!? e D. Marianna, arregalando os olhos, com um dedo espetado: nem uma fresta admittia. Era dum cuidado...! Elle mesmo fechava as janellas, abafava o doente. Não sei, devo-lhe a vida... e como eu quantos por ahi! Grande medico! Quando eu aqui estava, não queria outro á minha cabeceira. Não sei, era a fé. Julião repetiu: que não conhecera o Dr. Paiva — e encaminhou-se para a porta. Isaura, vendo-o sahir, falou da cama:

— Apareça, doutor.

— Sim, minha senhora. O coronel acompanhou-o. Na rua Julião respirou largamente e a sua colera contida explodiu contra D. Mariana: «Idiota!» E, lembrando-se da physionomia fechada e má da mulher, irritava-se não podendo explicar a sua intervenção imperativa na vida calma daquella familia, que lhe parecia tão honesta e amavel. «Diabo de mulher implicante... e a dar-lhe com o doutor Paiva...» E riu, lembrando-se da figura desse ve-

lho medico, a fechar janelas, a atirar cobertores sobre os doentes, procurando frinchas de portas para calafetar, zeloso, temendo o ar, temendo a luz. Accendeu um cigarro: «Imbecil!» murmurou, mas no fundo do seu coração, reviveram as palavras de Isaura: «Appareça, doutor!» Bella menina! disse baixinho e foi-se pensando nella.

VI



TARDE, jantando no Cosme Velho, Julião, para justificar a pallidez que D. Januaria lhe notou no rosto, contou a sua noite em casa do coronel Figueira, referindo-se, com elogios, á bondade dos velhos: gente de muita lhaneza, duma simplicidade antiga. Falou de Isaura, «linda moça, uma cara como nunca vira no Rio. Typo de inglesa, branca e loura, pelle alva, fresca e macia como a petala duma flôr nascida á sombra. Os olhos grandes, dum azul de céu, cheios de expressão, enlanguesciam entre as pestanas compridas, que os velavam, e os cabellos fartos, dum louro vivo, erguiam-se-lhe na cabeça como

uma corôa régia.» Teve palavras severas para D. Marianna, typo da dissimulação e da perfidia, mulher de muita bilis e de muita hypocrisia. Mas tornou á Isaura, insistindo na doçura da sua voz, dum timbre sympathico, ainda infantil, na pureza dos seus costumes — moça de muito recato, criada no aconchego da familia, longe da vida fatigante da cidade, á sombra d'árvores, na innocencia dos campos.

D. Januaria, que o pequeno Paulo atormentava com pedidos de doces, agarrando-se-lhe ás saias, a choramingar, sorriu maliciosamente dizendo: «Pobre de quem vai!» e Salustio, com um risinho, cravou os olhos em Julião, que desconcertara:

— Então nunca viste cara igual no Rio? Elle affirmou sorrindo contrafeito:

— Palavra! e olhou os dois velhos com visível vexame: Pensam que estou apaixonado?

— Não, de modo algum, disse Salustio em tom zombeteiro. De modo algum.

— A minha paixão cá está, affirmou impondo a mão sobre a cabecinha do Paulo, que sapateava frenetico agarrado ás saias de D. Januaria. Para este é que vivo. Não penso em

casamento. É grave, com uma voz cheia de ponderação: Se não fôsse o filho ainda bem, mas comprehendem que não hei de constituir nova familia levando elementos doutra: geralmente não se coadunam. Para que hei de dar madrasta ao pequeno? Vivo muito bem assim. Já me habituei á vida solitaria. Trabalha-se mais, são menores os cuidados e a independencia é completa. Se, por um lado, a familia nos traz equilibrio e conforto, por outro é um derivativo de forças, distrahe-nos, leva-nos o melhor do espirito, absorve-nos o mais precioso tempo. Não penso em casar. Achei-a formosa e affirmo: é a cara mais linda que tenho visto, realmente é. mas apaixonado não estou. O tempo das paixões vai longe! Admiro, aprecio e é só.

Salustio, que ouvia, disse apenas: «Pois sim;» e D. Januaria, tomando o pequeno ao collo, ajuntou:

— Você pôde casar quando quizer, com-tanto que nos deixe o Paulo. É, carinhosa, batendo nas pernas da criança que, com as bochechas cheias, mastigava a sua goiabada, perguntou, por entre beijos, infantilizando a voz:

Não é, filhote? Você fica com a sua mamãe, não é? Julião procurou dissuadir os velhos e, á noite, quando se despediu, Salustio, da varanda, disse-lhe — que ia mandar escovar a casaca para a cerimonia.

VII



FOI na rua do Ouvidor, num lindo sabbado, fresco e de sol, que Julião encontrou Isaura deslumbrante num costume *tailleur* de azul marinho. Estava á porta do Farani, num grupo de amigos, quando ella passou com D. Marianna sempre rija, toda de preto, secca e angulosa, d'olhos enterados. Avistando-se, a menina sorriu e elle, sobresaltado, precipitou-se para cumprimental-a, felicitando-a por vê-la tão bem disposta, com umas côres tão lindas. D. Marianna estendeu-lhe os dedos magros, que sahiam esgalgados das malhas da *mitaine*, e ficou parada, firme, d'olhos immoveis, mordicando o beiço

furfuraceo enquanto os dois falavam: Isaura queixando-se da indiferença do medico, que nem mais apparecia, elle desculpando-se, promettendo lá ir uma noite para conversar.

— Porque não vai hoje? Papai tem passado mal. Deixei-o gemendo com o rheumatismo. Appareça hoje para conversar, estamos sós. Julião prometteu e despediram-se com um demorado aperto de mão. D. Marianna não fez mais que um breve aceno de cabeça e seguiu, esguia e dura como um poste, rua acima.

Á noite, quando Julião chegou á casa do coronel, a sala estava illuminada e tocavam ao piano uma gavotta expressiva. Mal retiniu a campainha as notas emmudeceram e Isaura appareceu á janella, inclinando-se muito para a sombra do jardim. Julião, reconhecendo-a, saudou-a: «Boa noite!» e ella, numa alegria mal dissimulada, annunciou-o:

— Está ahi o doutor! Entre, doutor! Até que emfim! Recebeu-o garrula, tomando-lhe o chapéu, o mac-farlane, a bengala, risonha, estonteada. O coronel, no sofá, a perna estendida, o pé repousado num tamborete, gemeu e

ia levantar-se, mas Julião avançou com pressa:

— Ó coronel, não se incomode. D. Candida, que falava a uma velhita magra, engehadinha, apresentou-a: a baroneza de Campos Claros; e Isaura, fazendo sahir da janella um rapaz alto e magro, livido, d'olhos esboga lhados como os dos sapos, bigodes impertinentemente eriçados, muito oloroso, femineo no todo esguio de pernalta, caminhando aos arrancos, como se as pernas magras e longas se lhe fôsem deslocar do tronco, de *smoking*, com uma grande rosa púrpura na lapella, apresentou-o igualmente:

— Dr. Carlos Villas, engenheiro, formado em Paris. Julião mirou-o desconfiado, mas o coronel, gemendo, offereceu-lhe um lugar no sofá, a seu lado, consultando-o sobre aquella terrivel molestia, que zombava de tudo. Andara em Caldas, tomara um rôr de remedios e ia de mal a peor: eram dôres atrozes nos joelhos, nos rins. Julião lembrou medicamentos, insistiu no iodureto, que o coronel dizia ter tomado ás canadas, sem resultado. D. Candida, para animar a sala, pediu a Isaura que tocasse alguma coisa.

— A valsa, suspirou o coronel recostando-se.

Isaura, trefega, enquanto folheava o album, perguntou a Julião: se não tocava?

— Não, minha senhora, infelizmente! porque adoro a musica. Carlos Villas já havia occupado uma cadeira, que collocara junto ao piano e dedilhava. Isaura sentou-se, muito rissonha e, a um tempo, atacaram com bravura os primeiros compassos da *Radieuse*. O engenheiro executava com firmeza, estremecendo como se vibrasse com os accórdes e Isaura, correndo o teclado, parecia acompanhar com a cabecinha irrequieta as notas que lhe escapavam debaixo dos dedos, saltando sonoramente, em trillos crystalinos, duma vivacidade de gorgeios, rapidas, fugitivas, casando-se harmoniosas com as notas graves, profundas, do acompanhamento, que o engenheiro tirava nitidamente em accórdes vigorosos. O coronel applaudiu e a velhita, sorrindo, bateu com o leque nos braços duma cadeira dando sinceros parabens á Isaura: que estava uma pianista. Julião, confessando o seu enthusiasmo, indagou: que professor tivera? e Isaura disse:

— D. Livia Berredo, o doutor não conhece; viuva dum official de marinha. Esteve muito tempo em Valença leccionando piano e canto.

O coronel indicava as peças. Às vezes, faltando-lhe os titulos, cantarolava trechos e assim executaram ora os dois, ora Isaura só e Carlos Villas voltando as paginas das musicas, sonatas, scherzos, gondolieras, polonaises e uma marcha heroica que o coronel applaudiu vivamente.

A baroneza despediu-se cedo e Carlos Villas, que a acompanhava, com um violento *shake-hands*, offereceu a Julião a sua casa, á rua de Olinda. Isaura levou-os até a porta, beijando a mão engelhada da velhinha e pedindo ao engenheiro que apparecesse para estudarem algumas peças a quatro mãos. Julião levantou-se para sahir. D. Candida, porém, oppoz-se: que não, esperasse um instante para o chá e, pedindo licença por um minuto, retirou-se da sala. O coronel, estirado, lamentava-se.

Isaura chegara á janella. De repente, extasiada, d'olhos altos, poz-se a acenar com a mão sem voltar-se:

— Venha aqui um instante, doutor. Venha vêr que belleza!

— É a lua, disse o coronel coçando o queixo. Vá vêr, doutor, vá. Julião encaminhou-se para a janella. Ficaram os dois num silencio de enlevo. A lua cheia subia. O céu, acima dos montes, que as aguas mansas da enseada molham, suavemente se foi illuminando num clarão de incendio, e o mar, por sua vez, aclarava-se em estirada palma argentea, de pepitas tremulas:

Uma lamina fina, curva, recortou a treva e foi crescendo á proporção que o astro lento ganhava a altura. Os montes vestiam-se duma neblina de neve e a lua a subir, redonda como um disco de jaspe, em todo o esplendor da phase plena. Sombras fugitivas de barcos passavam na via-lactea marinha e as luzes dos combustores, reflectindo-se na vaga, punham uma balaustrada d'ouro ao longo do cáes, entre terra e aguas.

Livre no céu vasto, alumando a enseada, lisa e clara como de crystal, a lua esplendida mostrou-se como se houvesse desabotoado mysteriosamente nos mares largos, lotus sagrado

das aguas immensas, ascendendo ao céu onde os lirios não murcham e eternamente guardam a belleza e a frescura.

— Como está bonito! exclamou ingenuamente Isaura.

— Realmente...! disse apenas Julião e, debruçados como estavam, as mãos dos dois encontraram-se timidamente. Isaura, encolhendo os dedos, surpreendida, lançou um rapido olhar ao medico e os olhos de ambos tiveram tempo de entender-se num enternecido enlevo. De novo as mãos buscaram-se, uniram-se e ficaram afagando-se, em idyllio.

— Que noite divina! disse Julião e o coronel, pigarreando, affirmou:

— Magnifica! Rápidas as duas mãos fugiram. Foi D. Candida quem os arrancou á janella.

— Estão tambem apreciando a noite? Está linda! Ah! uma noite d'estas na fazenda! suspirou.

— Olhe aqui, mamã. Venha vêr aqui. D. Candida chegou um instante á janella, correu os olhos descobrindo uma falúa que o luar prateava. Cantavam na praia; carros passavam rápidos.

— Vamos tomar chá, doutor? E Isaura, enquanto D. Candida dava o bengalão ao coronel para levantar-se, foi conduzindo Julião pelo corredor que levava á sala de jantar.

— Esse engenheiro é seu parente?

— Não, senhor. Porque?

— Por nada. Pararam um instante á espera do coronel que vinha gemendo.

Julião lastimou-o, mas Isaura, fitando-o, perguntou baixinho:

— O doutor não é viuvo?

— Sim, senhora.

— Tem um filhinho?

— Quem lhe disse?

— Ora!... uma amiga. O coronel, já perto, alteou a voz.

— Porque não entra, doutor? sem cerimonia. Ao chá falou dos desgostos politicos — que ia abrir mão de tudo, não queria mais saber de partido, precisava descanso. Estava farto de amofinações e de esbanjamentos: uma eleição não lhe custava menos de oito, dez contos; não estava para trabalhar á tôa e, ainda por cima, criando inimisades. D. Candida, pe-

dindo desculpa da casa que haviam alugado mobilada para passar o inverno, preocupava-se com a cadeira em que se sentara Julião, que rangia e oscillava, desconjuntada; não descansou enquanto não o viu em outra, solida e forte. Levando, então, a conversa para a familia, perguntou a Julião se era casado. Elle contou-lhe o seu desastre e todos lamentaram. Às 11 horas pediu licença para retirar-se. Isaura, sorrindo, disse-lhe que não os julgasse matutos — «mesmo na roça não se deitavam nunca antes da meia noite. Era cedo.» Mas Julião insistiu:

— O coronel estava soffrendo, precisava descanso. As duas senhoras conduziram-n'o á sala, o coronel deixou-se estar repoltreado, fumando. Pediu muito a Julião que apparecesse para jantar e Isaura, á porta, apertando-lhe a mão, insistiu tambem, baixinho: que apparecesse... passava ali umas noites tão tristes...! E elle, com os olhos nella, prometeu: que sim.

Seguindo, ao vento fresco da noite, pensava: «Ella, então, preoccupa-se commigo, indaga da minha vida, interroga as amigas...»

Sorria feliz, na alegria de uma certeza de amor, elevando os olhos ao céu, calado e claro, onde a lua branca alumiaava como uma lampada fôsa.

VIII



UMA tarde Julião entrou pelo armazem de Salustio procurando-o no escriptorio. Achou-o repoltreado, o *pince-nez* na ponta do nariz, o *Jornal* aberto sobre as pernas. O velho mineiro pasmou ao dar com os olhos nelle.

— Oh! que novidade é essa? Vou mandar repicar o sino. Temos coisa séria?

Julião affirmou sorrindo: «Que sim. Precisava conversar com elle um instante.» Salustio dobrou vagarosamente o *pince-nez* e lançou a Julião um lento olhar investigador.

— Mas então é mesmo coisa séria?

— Muito séria!

Passaram a um gabinete e, entre os pesados cofres, sentaram-se em poltronas de vime. Um gato nedio dormia enroscado num banco de couro; Salustio poz-se a alisar-lhe o pello. Julião puxou as calças, arranjou a gravata, cofiou os bigodes, demorava como se lhe faltasse a palavra inicial, por fim sorriu e disse:

— Vim aqui por causa de D. Januaria. Salustio carregou o sobr'olho sem entender, a fronte franzida:

— Como?

— É verdade. Não tinha coragem de falar diante della, sei que vai rir. Salustio meneou a cabeça e raspando o queixo com a unha:

— Rir?

— Sim... fez um curto silencio e, de repente, declarou, dum jacto: O que aqui me traz é a menina de que lhe falei. Salustio escancellou a boca, e, depois de miral-o, interrogou baixinho: «A de Botafogo?!»

— Sim. Calaram-se; o gato, corcoveado, resbunava esfregando-se no braço de Salustio, que batia com o pé pancadas seccas no soalho. Julião fez-se vermelho.

— Tens, então, vergonha de Januaria...?

— Tenho... e do pequeno tambem, confesso: é uma exquisitice, mas tenho.

— Que ha, emfim?

— Que ha... é que estou apaixonado, ou antes: gosto della. Animou-se então: Quer saber? não posso mais com a vida solitaria. O que me impelle ao casamento é, principalmente, a necessidade de uma companhia; não digo que não concorra tambem um pouco de impressão, mas é principalmente a necessidade dum lar, de aconchego. Sinto-me só, muito só. Demais estudei essa menina e estou convencido de que é uma excellente creatura, genio magnifico, esplendidos costumes. Evitei-a sempre, mas...

— E ella? já lhe falaste?

— Falamo-nos sempre, á noite, quando lá vou. Creio até que D. Candida já percebeu e não é indifferente.

— Ella sabe que és viuvo?

— Sabe; e que tenho o Paulo; até pediu-me que o levasse uma noite commigo; pergunta sempre por elle com interesse. Salustio raspava de novo o queixo, d'olhos elevados e disse pausadamente: — Não sei, filho; isso é contigo. Eu penso tambem que não podes ficar só: és

moço, começa a tua vida... A questão está em estudares bem a pessoa que tomas para tua companhia. O casamento é um ajoujo, vê lá! Quanto ao pequeno, não te preocupes, esse não será motivo de discordia, porque tenho certeza de que a Januaria não se apartará d'elle senão com a morte. Esse tem mãe. Acho que deves estudar bem a moça antes de qualquer compromisso. O casamento é um ajoujo, meu filho — é preciso que os dois barcos sejam iguaes e levem cargas equivalentes para que se estabeleça o equilibrio, sem o que não ha arraes que os manobre: o sossobro de um arrasta o outro no desastre. Vê lá, a correnteza da vida é mais difficil e violenta do que parece. Nada de impressões ligeiras, os olhos são maus amigos. Um homem como tu não se deve deixar levar pela belleza exterior, coração e espirito antes de tudo.

— É uma excellente menina.

— Então casa; que mais? Falta-te alguma coisa? Julião enterrou a ponta da bengala no intersticio de duas taboas do soalho e, d'olhos baixos, sorria.

— Que te falta? Levantou a cabeça e disse:

— Coragem. Coragem para fazer o pedido. Ella é rica e eu... o senhor sabe. Receio que me tomem por um explorador; é isto.

— Ora! explorador! Que melhor fortuna queres tu do que o teu talento? Um rapaz novo, formado, com um magnifico começo de carreira; que melhor? Deixa-te disso. O pai não te recebe bem?

— Admiravelmente. Trata-me com a mais estreita intimidade.

— Então?

— Não me atrevo. Depois o Paulo...

— Que tem o Paulo? Não te preocupes com o Paulo. Encolheu os hombros:

— Êmfim... só escrevendo. Tenho vontade de escrever ao coronel e quanto antes, porque elles já estão em preparos de viagem, de volta á fazenda.

— Qual escrever! fala-lhe, sê franco. Que te disse a menina? Ella deve conhecer a opinião dos pais.

— Pois não: quer que eu fale.

— Então?!

— Não tenho coragem, não tenho coragem... E, levantando os olhos para Salustio:

Lembrei-me do senhor. O velho mineiro sorriu:

— De mim? queres, então, que eu me apresente a um homem que não conheço para pedir-lhe a filha...? Ó Julião, que diabo de idéa ficará fazendo o coronel de ti?! Deixa-te disso: vai ao homem e dize-lhe a coisa; ou sim ou não e está tudo acabado.

Julião pediu segredo a Salustio e sahio desanimado. Via difficuldades insuperaveis em tudo; revoltou-se contra o amigo e o filho appareceu-lhe como um embargo á felicidade. Pensando nelle teve uma idéa cruel, mas combateu-a logo com uma expressão de arrependimento piedoso: «Coitadinho!»

Á noite, nervoso, agitado, sob o dominio da idéa obsessora, rabiscou largas folhas de papel compondo frases cultas para o pedido. Escrevia, riscava, mas, com esforço, conseguiu redigir a carta, numa letra delgada e symetrica. Leu-a, releu-a e dobrou-a cuidadosamente fechando-a.

De manhan, pensando, rejeitou a idéa da vespera e, animado, passeiando ao longo do quarto disse, em assomo de audacia: Ora! vou!

Mas a noite veio e o desanimo retomou-o. Lembrou-se, então, de mandar um criado á casa do coronel com a carta, mas logo, com tédio, repelliu esse pensamento. Vestiu-se e foi; deixaria a carta com D. Candida.

Isaura esperava-o anciosa, mas logo ao entrar, elle desalentou-a: Não tinha coragem de falar ao coronel; escrevera uma carta. Ella sorriu com tristeza, mas como D. Candida apparecesse, deixou-o perto do piano e levou a mãi para o angulo duma janella. Julião espiava-a e, vendo-a avançar abraçada á velha, entre risonha e amuada, corou.

— Está ahi, disse ella baixinho, mamãi é tambem da minha opinião. Agora carta... Fale. Tem medo de papai? D. Candida corroborou bondosamente: «Que era melhor falar.»

Quando o coronel appareceu na sala, todo de branco, agarrado ao bengalão, as duas senhoras retiraram-se e Julião, sentindo-se só, poz-se a torcer as mãos, os olhos nos bicos dos sapatos. O coronel interrompeu o silencio:

— Já ahi vem o calor. Está uma noite abafada. Já estou com saudade das minhas arvo-

res. Não durmo direito com esse barulho de bonds e de carros.

— Quando parte, coronel?

— Em principio de Agosto, não espero mais.

— Tão cedo!

— Então? As febres não tardam. Aqui não ha fiar... Conheço muito esta cidade. Julião endireitou-se na cadeira e, baixinho, tremulo, disse que — «tencionava falar-lhe sobre assumpto que a ambos interessava.» O coronel encarou-o e, tomando uma attitude attenciosa, disse:

— Estou ás suas ordens, doutor. Julião poz-se a falar da sua vida:

— Coronel, filho do proprio esforço, tudo que sou devo ao trabalho perseverante... O coronel acenou e approvando Julião, depois de uma ligeira exposiçãõ da sua vida, desde o dia em que, abandonado, recorrera á bondade de Salustio Pina, até a sua formatura, derivou falando da necessidade de constituir familia, dizendo que achara em Isaura a esposa ideal que imaginara. O coronel interrompeu-o seccamente;

— Mas o doutor não tem um filho? «Que sim, tinha;» afirmou Julião.

— Ah! fez o coronel, é por isso; em geral as moças têm escrupulos...

— Mas D. Isaura sabe, atalhou. O coronel firmou-se e erguendo a voz:

— Então! e, com solemnidade: Doutor, eu não intervenho em casamentos. Entendo que os pais devem guiar as filhas, aconselhando-as como amigos interessados na sua felicidade, mas contrariar-as, nunca! salvo se por levianidade, fazem uma escolha indigna. Nesse caso, antes a morte, penso eu; antes a morte! Conheço-o de pouco tempo, mas honro-me muito com a sua amisade. Julião agradeceu. É um moço de trabalho... Se ella quizer, eu aqui estou para abençoal-os. Julião sentiu a impressão de allivio de quem sahe dum tunnel abafado.

Isaura veiu á sala com D. Candida e o coronel, passando-lhe o braço pela cintura, felicitou-a pela escolha do seu coração, depois, num tom reprehensivo, perguntou-lhe porque havia escondido tanto tempo o segredo:

— Ora, papai sabia. Eu disse á mamãe e

ella conta-lhe tudo. Elle riu com bonhomia:

— Que sejam felizes! D. Candida tinha os olhos enternecidos e humidos.

Partiram em Agosto para a fazenda. Em Dezembro, a instancias de Isaura, Julião foi passar quinze dias em Valença. Foi em Maio o casamento. Salustio acompanhou Julião, a baroneza acompanhou Isaura e os noivos, felizes, depois da ceia no palacete da baroneza, recolheram-se á casa da rua Silveira Martins, que o coronel montara com luxo para offerer á filha.

IX

Nos primeiros dias Julião mal se apartava de Isaura: queria-a sempre perto, aconchegada ao seu peito; gozava sentindo-lhe o calor perfumado da pelle branca e macia, o aroma secco dos cabellos louros que, ás vezes, voando, lhe roçavam o rosto com uma caricia d'arrepio.

De manhan desciam juntos, abraçados, iam vêr as plantas novas nas banquetas ou, muito unidos, sahiam vagarosamente em curtos passeios á praia, ao longo do cães, estendendo os olhos pelo mar, fechado entre serras azues, nevoentas, com os vultos negros dos navios immoveis ou deslizando suavemente, cheios de

fadiga ao entrarem, cheios de saudade ao partirem.

Em casa, ficando um momento sós na antecâmara, sobre o divan ou no gabinete, volviam docemente ao passado: «Gostaste de mim naquella mesma noite?» e ella, languida, abandonada, brincando com as tranças grossas, de olhos baixos: «Sim...» Elle, então, numa fúria, tomava-lhe a cabeça, punha-lhe na boca humida um beijo longo, forte, que lhe enrubescia os labios.

A casa nova cheirava á tinta, os moveis tinham um lustro espelhento e os crystaes sobrecarregavam o guarda-louça, onde fulgiam peças de prata lavrada. Canarios trillavam em gaiolas de arame dourado e a criadagem, levando a vida mollemente, á vontade, porque aos patrões mal o tempo chegava para idyllios, cantarolava e ria madraçamente na cozinha.

Se Julião sahia Isaura levava-o abraçado até o portão, pedindo-lhe, com muitos beijos, que não se demorasse e, ao fim do primeiro quarto de hora, já anciosa, ia á janella, alongava os olhos e, mal o avistava, ás vezes a descer do bond, na praia, corria, como uma

criança, para recebê-lo, atirando-lhe os braços ao pescoço. Aos sabbados appareciam alguns intimos para jantar e a lua de mel, por compostura, mergulhava sob uma nuvem discreta.

O primeiro que batia as palmas, pedindo licença com o seu vozeirão de tormenta, era Amancio Veras, o bom Amancio, o alegre Amancio, Amancio, o annunciador. Era um homenzinho grosso, ventrudo, vermelho e calvo. Os olhos immensos guardavam eternamente uma expressão de espanto, a grande pêra, farta e grisalha, que parecia nascer-lhe dentro da boca escorrendo-lhe pelo queixo até o botão do peito da camisa, formava, com os bigodes grossos, cahidos á gauleza, uma especie de ancora voltada.

Official aposentado da Secretaria da Marinha vivia dos seus vencimentos e mais da renda dumas apolices e de duas casas que tinha no Engenho Velho. Celibatario, habitava «um ranchinho» em Catumby, com uma irman viuva e a sobrinha aleijada. Dum grande e exaltado sentimento religioso, não perdia a sua missa aos domingos, cumpria todas as quares-

mas e tinha em casa o seu oratorio devoto sempre alumiado.

— Ha alguma coisa, deixem lá! Ha alguma coisa... Isto não se fez assim... dizia sempre, sentenciosamente, referindo-se ao mundo e ás suas maravilhas. Tinha grandes superstições: acreditava em sonhos e, dando-se como vidente, affirmava não ter jámais annuciado uma coisa que, mais cedo ou mais tarde, não viesse a realisar-se. «Elle mesmo tinha medo da sua boca.» Dava-se ao espiritismo «para vêr» sómente; não ia aos centros, em casa, com amigos, fazia as suas experiencias e estava convencido.

Era o typo do cerebrino. Caminhando nas ruas, se levava pressa, tinha um meio originallissimo de estugar-se: ao avistar um transeunte que seguia á distancia tranquillamente Amancio, exaltado, dizia comsigo: «Vou apanhal-o antes da esquina...» e aligeirava os passos, sofregamente, sentindo grande allivio e orgulho quando se punha a par do caminhante que, sem suspeitar do *match*, seguia vagaroso, indifferente, no seu andar costumeiro. Dava-se mesmo, ás vezes, nomes de animacs ce-

lebres emprestando ao que se lhe avantajava outros de fama no *turf*. E no seu intimo, como se houvesse um tumulto de sportmen, vozes desencontradas proferiam: «Perde! Esse?! Pois sim...! até distancia; vais vêr. É questão do jockey...» E lá ia a largos passos, suando, esbofando-se e, á medida que avançava, redobrava de esforço, em corridinhas e as vozes interiores a applaudirem:— «Então!? é terrível.» E com que ar triumphante elle postava-se na esquina, limpando o suor glorioso e, ao vêr o vencido, media-o com desprezo, sorrindo. Às vezes, depois duma d'essas apostas extravagantes, deixando um em meio do caminho, procurava outro á distancia e assim, de victoria em victoria, vinha frequentemente da sua casa á cidade, através da soalheira do jardim da praça da Republica, com a camisa encharcada, mas satisfeito e applaudido pelas archibancadas do seu delirio.

Timido, todavia, quando do bond avistava uma senhora que procurava lugar, era o primeiro a levantar-se, muito solícito, offerecendo: «Tem aqui, minha senhora. Tem aqui.»

È sahia para a plataforma ou ficava no estribo agarrado ao balaustre, muito contente com o que havia feito. Evitava sempre nos bonds a proximidade das senhoras, mas se, durante a viagem, succedia embarcar alguma, sentando-se a seu lado, Amancio encolhia-se, fechava as pernas, guardava as mãos no collo, receioso de ter com ella um ligeiro contacto que pudesse ser tomado como desrespeito, e imaginava escandalos ruidosos, toda a gente indignada a ameaçal-o, a vaial-o e elle, corrido, innocente, a fugir pelas ruas perseguido pela assuada dos moleques. È as noticias nas folhas, no dia seguinte, toda gente a ler, a conhecer o facto, a commental-o: «Foi o Amancio, o Amancio Veras...» È os segredinhos nas casas que frequentasse: «É este o velho daquelle escandalo no bond...» Se percebia alguem a miral-o desconcertava desconfiado de alguma coisa — o lenço que lhe sahira do bolso da sobrecasaca, uma nodoa feia, alguma pilheria de amigos e apalpava-se, examinava-se contendo impetos de perguntar, com atrevimento: se estava sujo ou roto. È falava só, discutia gesticulando, brandindo o guarda-

chuva e atravessava ruas nessa distracção at-
trahindo olhares, provocando sorrisos.

De resto, excellente alma, caridoso e ser-
viçal, capaz dos maiores sacrificios por um
amigo, duma grande e enternecida piedade,
posto que fôsse um dos seus assumptos pre-
dilectos de conversa o Paraguay, onde esti-
vera como voluntario, ganhando heroicamente
as divisas de tenente e uma medalha de me-
rito militar que era, por assim dizer, a prova
authentica do poema epico que elle contava,
em muitas e differentes versões, ajuntando
sempre um episodio novo em que havia figu-
rado.

Tinha um ferimento no hombro direito
que só os intimos conheciam e do qual «o his-
toriador faria menção honrosa e justa quan-
do se occupasse dos feitos memoraveis das ar-
mas brasileiras no Sul;» costumava dizer Ju-
lião contendo o riso. Mal occupava o seu lu-
gar á mesa punha-se a fazer o que elle mes-
mo chamava: — «a sua sabbatina». Era a re-
capitulação dos factos da semana — desde os
desastres, até ós mais complicados incidentes
da politica internacional.

Assomava-se, cheio de zelo patriótico, tallhando com força e furia o seu *roast beef*, e invectivava os presidentes, os ministros, os senadores, os deputados, os governadores, a imprensa, o povo que já deviam ter protestado contra a usura do inglez, que só esperava um momento para mandar para cá os seus navios, como fizera em Africa. Roxo, porém, o garfo erguido, os olhos esbogalhados, bramia — «que então até elle estaria com os patriotas, velho assim mesmo. A sua espada lá estava em casa, era só mandar afial-a e aguçal-a. A rainha: Victoria que se minasse, porque o Brasil não era para os seus beijos, upa! Ainda havia homens...»

Tinha dias melancolicos, quando a sobrinha passava mal. «É uma pena! Pobre menina! Moça e atirada numa cama, a bordar letras, sem vêr o sol, como uma prisioneira». Lastimava-a, mas a sua alma religiosa resignava-se: «Que se ha de fazer? é a vontade de Deus». Era tambem a nuvem unica que toldava a alegria expansiva do bom velho que, por vezes, para alegrar Isaura, punha-se ao piano com os dedos muito abertos e duros ba-

tendo acompanhamentos para as modinhas que cantava, «coisas ainda do tempo da guerra».

Helvecio Pires e D. Laura eram também frequentes. Helvecio, velha amizade de Julião, era homem de quarenta e cinco annos, claro, duma alvura marmorea, olhos fundos, amortecidos, as faces cavadas, a fronte alta, raras cabellos grisalhos. Amollentado, tinha o ar exausto e melancolico dum enfermo. Caminhava como por automatismo, sem vontade, vagaroso, arrastado, a cabeça baixa, os braços molles. Os bigodes maltratados cahiam-lhe flaccidamente pelos cantos da boca, a barba apontava pondo-lhe uma leve sombra na face branca. Á mesa, falava pouco e o seu sorriso era triste. Mal terminava a refeição, quando a fazia, limitando-se, muitas vezes, a uma fruta, a um pouco de doce, levantava-se e encolhia-se na cadeira de balanço — e as palpebras se lhe iam fechando, a cabeça tombava lentamente para o hombro, a baba escorria-lhe da boca e, apesar do vozeirão de Amancio e das gargalhadas, dormia um somno abandonado de ebrio despertando, de vez em vez, su-

bitamente, como assustado; esfregava os olhos e, lentamente, invencivelmente, readormecia. Olhavam-n'ò com pena, mas ninguem ousava interromper o seu lethargo para o não vêr de mau humor; deixavam-n'ò e D. Laura lastimosa, envergonhada, suspirava encolhendo os hombros:

— Que havia de fazer? Já tentara tudo — era um caso perdido. Para onde ia levava a seringa, eram cinco, seis, oito injeções por dia. Tinha o corpo todo picado, já lhe haviam apparecido furunculos, erysipelas; os braços estavam cobertos de escaras. Procurava illudir-lhe o vicio substituindo a morphina dos vidros por agua pura, mas elle, dando pela mystificação, revoltara-se. È a desolada senhora, numa confissão amarga, com os olhos humidos, ajuntava:

— Que até estava-se tornando aspero, chegando, por vezes, á grosseria; ficava horas a resmungar que: ia recolher-se a uma Ordem para deixar os outros em paz, não queria incommodar nem envergonhar ninguem. È tinha frenesis, irritava-se com os criados, e, sobretudo, mal comia alguma coisa ao almoço,

preferindo aos alimentos a injeção terrível. E era aquillo — sempre a dormir: em casa, nos bonds, nos theatros, em toda a parte; ella até tinha vergonha de sahir com elle. Nunca mais se preocupava comsigo: andava sujo, era preciso que ella, todos os dias antes d'elle sahir, fôsse examinar os collarinhos, os punhos, obrigando-o, ás vezes, a voltar do portão para mudal-os.

O seu grande amigo era o Simas, pharmaceutico. Contava-lhe todos os seus segredos, emprestava-lhe dinheiro e, todos os mezes, mandava vir da fazenda mantimentos para presenteal-o. E o Simas não se negava: sempre prompto. Como morava quasi defronte, ao primeiro chamado lá vinha com a seringa e, ás vezes, mesmo na sala, diante dos criados, arregaçando-lhe a manga da camisa, picava-lhe o braço magro pilheriando. Helvecio, acordando, ás vezes, ouvia as queixas da mulher e irritava-se:

— Pois sim, estou-me inutilisando, vou indo para a imbecilidade, mas eu duvido que muitos dos que por ahi falam tenham a cabeça tão segura como eu. Que actos tenho eu pra-

ticado que possam ser apontados como os de um louco? Sou o mesmo homem, tenho a perfeita integridade do meu espirito. Não bebo, não fumo; este é o meu vicio. Tambem dizem que o café é um veneno. Se isto matasse, concluia, eu já aqui não estava, porque não é de hoje que faço injecções.

Julião dava-lhe conselhos, offerencia-lhe leituras para que visse o fim desastroso dos morphiómanos, citava-lhe exemplos. Helvecio, sorrindo, respondia que estava deixando, já não fazia as injecções como d'antes, eram doses mediocres ás quaes adicionava sparteina; ia deixando pouco a pouco... E fugia á discussão buscando isolar-se, ficava mollemente prostrado, os olhos semi-cerrados, numa attitude de demente, cabeceando.

E ainda: o escoreito Lucio Mendes, socio de uma casa de commissões, sempre em roupas que pareciam ter sahido das mãos do alfaiate, rebuscando frases e versos classicos, muito attencioso com as senhoras, a falar em novidades litterarias e musicaes, citando trechos de operas e romanzas, descrevendo, com piedade, á sobremesa, vidas torturadas de ar-

tistas celebres; Carlos Villas, folheando albuns, trauteando valsas; Ignezinha, filha do Dr. Amaro, uma vivacidade morena, os dentes miudos, olhos espertos, toda faceirice e riso, muito amiga de flôres e de crianças; Salustio uma ou outra vez e os que appareciam nos dias communs como a baroneza, que sempre, ao voltar da cidade ou da missa no largo do Machado, dava uma chegada para vêr «os pombinhos». Fazia-se musica, brincava-se ou ouviam-se, com muita gargalhada, os casos do Paraguay contados por Amancio, que atroava a casa imitando o estridor das batalhas, o toque dos clarins, a grita selvagem dos guaranys que elle esperava friamente, intrepidamente na ponta da sua espada.

X



NADA perturbava a felicidade serena do casal — a vida corria facil e suave por entre sorrisos e beijos, num ininterrompido idyllio. Isaura, se Julião estava em casa, estudando no gabinete, arrastava uma cadeira para junto da mesa, tomava um romance e, enquanto o marido ia annotando os grossos volumes de pathologia, conservava-se immovel, de olhos baixos, os pésinhos cruzados. De repente, porém, marcando as paginas com um pedaço de papel, um phosphoro, um cartão, o que primeiro encontrava, fechava o livro e punha-se a contemplar o marido sorrindo, extasiada. Levantava-se, ati-

rava-lhe os braços ao pescoço, derreava-lhe a cabeça e punha-lhe na boca um beijo longo, cobrindo-lhe o busto com os seus abundantes cabellos louros.

As mais das vezes Julião attrahia-a apaixonado. Uma manhã, porém, como ella se levantasse sorrateiramente sorrindo, elle, sem desviar os olhos da pagina que estudava, estendeu o braço como para impedir que ella se aproximasse. Isaura deteve-se estupefacta:

— Estás zangado commigo?

— Não, filha; disse elle continuando a leitura.

— Então porque me repelles?

— Preciso estudar. Deixa-me aqui vêr uma coisa, sim? Isaura, encostada á mesa, apertando os olhos, mordendo os labios, mirava-o. Por fim disse, num suspiro:

— Eu já esperava por isso. Bem me disse D. Marianna, eu é que fui tôla.

— Mas que é? Que tens? Queres, então, que eu viva constantemente aos beijos commigo? Não hei de ler? Não hei de estudar?

— Pois sim. Mas á noite eu não venho interromper os teus estudos, entretanto ficas

aqui horas e horas esquecidas, a olhar um retrato. Julião empallideceu e encarou-a. Ella, com os olhos rasos d'agua, continuou: É a outra sempre; só pensas nella. Bem me disse D. Marianna! Cuidas então que não sei que tens o retrato della ahi na gaveta? Infelizmente agora é tarde! suspirou.

Julião, livido, olhava-a sem uma palavra; por fim perguntou:

— Tu vens espiar-me?

E ella, sorrindo, com lagrimas:

— Sim, vim descalça uma noite para chamar-te, porque era muito tarde e vi — estavas com o retrato na mão, olhando fixamente.

— E como sabes que era o da minha primeira mulher?

— Sei porque ví no dia seguinte, quando sahiste: a gaveta estava aberta.

Julião fechou lentamente o livro e levantou-se. Isaura, vendo-o passear pelo gabinete, cofiando nervosamente o bigode, perguntou com timidez:

— Estás zangado?

— Não! Zangado porque?

— Fiz mal, não é?

— Sim, fizeste mal, podias ter apanhado qualquer coisa: descalça pelo corredor, alta noite...

— Por isso não.

De repente, porém, elle voltou-se:

— Quanto ao retrato, não tens razão: guardo o de Lucia como guardo o de meu pai. Foi uma excellente esposa, muito dedicada, é natural que eu della me lembre, não achas?

— Sim, balbuciou Isaura contrafeita. Mas... tu não te lembras della, Julião, tu pensas nella, e sempre. A proposito de tudo trazes o seu nome: porque Lucia fazia isto, porque Lucia fazia aquillo. Não penses que estou zangada. Fiquei sentida porque me repelleste.

— Sim, comprehendendo, não estás zangada, é apenas ciume. Mas a tua idéa tem graça, Isaura. Como se póde ter ciume de uma defunta? Pensas que, á hora alta da noite, o pobre espirito deixa a sua habitação para vir ter commigo? Ah! minha amiga, estou certo de que, se tal succedesse, elle não viria passar as noites aqui, iria, de preferencia, para junto do Paulo. Deixa-te disso. O ciume é

natural porque o amor é egoista e avaro, mas ciume da Morte...? Francamente...!

Isaura, com um momo, disse infantilizando-se:

— Pois eu tenho. Póde ser tolice, mas tenho. O ciume é uma desconfiança e, já que me provocaste, Julião, vou dizer a verdade: desconfio de ti.

— Ah! desconfias?!

— Sim, desconfio: com *ella*.

— Lucia?

— Sim. O teu espirito está lá com *ella*, tu o deixaste enterrado. Eu observo. Sempre que me aproximo de ti, no primeiro momento sinto-te, mas logo outra vem collocar-se entre nós e eu passo a ser apenas uma effigie — recebo os teus beijos certa, porém, de que vêm com intenção á outra boca. Já uma vez trocaste o meu nome, se fôsse pelo duma desconhecida, não sei que teria feito, mas resignei-me, humilhei-me e chorei em silencio para não affligir-te.

— È por que nome troquei o teu?

— Pelo *della*. Isso deu-me a certeza terrivel de que ainda não a esqueceste materialmen-

te. Não é só a saudade que existe no teu coração, ha mais alguma coisa.

— Estás a fazer romance.

— Não ha tal, estou a dizer verdades. Nos primeiros dias viveste como em uma embriaguez, mas, dissipada a impressão, tornaste ao passado, com frenesi. Acredita que ha nos meus carinhos mais que uma expansão de amor, ha piedade: tenho pena de ti e busco distrahir-te. Tens o coração habitado por um espectro, o teu amor é um assombramento.

— Realmente, disse Julião sorrindo, tens mais observação do que eu. Achas, então, que sou um assombrado? que vivo em succubato com uma especie de empusa? É lamentavel que tudo isso exista apenas no teu espirito. Leste, com certeza, algum romance fantastico e estás com as idéas do autor. Vivamos no real, o sonho é um excellente conductor da loucura. Sejamos reaes na vida real, nada de larvas, nada de sombras, nada de allucinações. O sol ahi está radiante, vivamos á luz do sol. Tem graça! eu a dar entrevistas nocturnas a almas do outro mundo, um Hamlet amoroso... Tem

graça, palavra de honra. E, rindo, passou o braço pela cintura da esposa attrahindo-a ao seu beijo.

— Não sei se tem graça, disse ella acolhida ao peito do marido, fazendo-se muito meiga, não sei se tem graça, asseguro, porém, que é verdade.

— Não, Isaura, não é essa a verdade. Tu não tens ciume da morta, tens ciume de tudo que me distrahe: dos meus clientes, dos meus livros, da minha penna, do sol, das estrellas. Se alguma coisa me prende a attenção vês nella uma rival perigosa. Para a mulher o amor é uma servidão reciproca. Se me demoro mais tempo no gabinete, arranjas um pretexto qualquer e vens buscar-me. Queres que a minha unica e constante preocupação sejas tu, essa é a verdade.

— Ah! sim. Nós é que somos as incompreensíveis. Se fazemos carinhos, somos repellidas por importunas, se o não fazemos somos accusadas de indifferentes e suspeitadas. Como havemos de viver?

— Naturalmente.

— Não, ha um meio infallivel de termos

sempre preso ao nosso coração o esposo: é o temor. A mulher só é forte quando é desejada ou temida. A mulher deve fazer-se temer. É necessario trazer sempre o espirito do esposo em acção para que delle não desappareça o amor, que tem um fundo egoista, e isso só se consegue com a suspeita. Quem vigia não perde de vista. A sciencia da mulher está em não entregar-se toda ao victorioso, mas em deixar-se ir conquistando lentamente, de sorte que o marido descubra sempre num olhar, num sorriso, num gesto, na alegria ou na tristeza a necessidade de nova luta, de nova seducção. O homem é forte, nelle a luta é uma exigencia do instincto. A mulher entende mal o amor — submette-se-lhe como a uma escravidão, quando o devia aceitar como um duello; d'ahi a superioridade da amante sobre a esposa.

— Mas que linguagem é essa, Isaura? decoraste algum philosopho?

— Achas que por ser mulher não posso pensar? Penso, Julião, e reduzo a lagrimas os meus pensamentos. Até nisso somos inferiores: o pensamento dos homens illumina o

universo, o pensamento da mulher corre silenciosamente, fundido em pranto.

— Ouve-me, Isaura. Teu pai levou muito longe a tua educação, destruiu grandes e preciosas qualidades do teu espirito para edificar; substituiu o melhor da tua alma, que era o sentimento ingenuo, pela sciencia das professoras. O espirito do homem quanto mais cultivado melhor — elle é o campo das sementeiras fecundas da Lei, da Arte e da Sciencia. O espirito da mulher deve ser virgem como uma selva, conservando os dotes primitivos do amor e da abnegação, da Esperança, que é o balsamo da vida, da Fé que é a consolação na morte. No espirito da mulher devem cantar as aves dos sonhos e não devem gemer os ideaes, que são os lavradores do campo do espirito do homem. Pensar é soffrer. A floresta é a Mãe. Se abaterem as selvas o mundo, ainda transformado em immenso parque, perderá o melhor da belleza e da saude e as aves desaparecerão, porque de lá é que ellas vêm. Das selvas sahiram todas as raças com as suas religiões; a mulher deve ser florestal. A selva é a mãe eterna dos germens, mas nem por isso

ella quer ser trigal ou olivedo, campo de linho ou de milho: ella é a genese grande, forte, magnifica, inconsciente. A mulher deve ser como a selva — germinadora. Ganhaste com o desbravamento do teu espirito? não, não és campo nem selva, és como um capoeirão. Semearam sobre raizes e, dentro em pouco, a grande e vigorosa alma sentimental repontará bravia como abrolham rebentos nos troncos abatidos. Mulher quer dizer natureza. Deixa-te de preocupações: sê mulher. Dentro em breve toda essa sabedoria desaparecerá e voltarás a ser primitiva dando o teu carinho, como uma larga e bemfazeja sombra, ao berço do teu filho. Fecha os compendios, abre o piano e canta. O beijo e a benção não são assumptos de livros. Sê mulher.

— Concluiste o folhetim...?

— Sim, conclui.

— Devias ter procurado uma camponia, já que aprecias tanto a natureza. Está bem, não quero furtar mais tempo á sciencia: a floresta faz sombra ao campo e a tua sementeira póde resentir-se; adeus! Fica ao sol dos livros, eu vou murmurar. E, com uma gargalhada, di-

rigiu-se para a porta, mas Julião avançou e, tomando-lhe as mãos, perguntou carinhoso:

— Não vais zangada?

— Não. Já viste uma floresta zangar-se? Qual! Mas, vê lá, arranja um sacerdote para que benza o campo do teu espirito, porque andam por elle almas do outro mundo. E, com outra gargalhada, deixou-o.

Depois que Isaura sahio Julião, no meio do gabinete, mal ouviu o primeiro accôrde do piano, rompeu furiosamente:

— É isto! É um homem que estude, que pense, que faça alguma coisa, sempre constrangido nos braços da mulher. Decididamente o casamento foi instituido como complemento para as almas incompletas. O excesso de carinho mata como o excesso de sol, mas as mulheres não comprehendem assim. Ha de um homem viver exclusivamente para a ternura insaciavel?

Sentou-se e, recostando-se, ficou a pensar e, intimamente dizia, espantado da sua descoberta:

— Mas eu já não a procuro como procurava d'antes, esta é a verdade. Acho-a, entre-

tanto, mais bella que Lucia... É, numa evocação sensual, comparou detidamente os dois corpos: o da morta e o de Isaura. Que differença entre as carnes flaccidas da tísica e a carnção opulenta e viçosa da sua nova companheira de vida. Todavia o seu desejo accendia-se, como um cirio, perto do tumulto: era a finada que os seus sentidos exaltados recordavam numa saudade forte de antigas volupias. Afugentando taes idéas ridiculas disse, acompanhando um novo pensamento:

— É demais! O que me entedia é justamente esse excessivo cuidado, essa preocupação constante, essa solicitude ininterrompida. Porque não havemos de viver como dois seres independentes? Nem sempre o espirito está disposto a essa molície; a alma carece de solidão. O carinho faz-me mal, vexa-me, humilha-me principalmente porque não lhe sei corresponder. Não sei, não está em mim, por mais que eu queira. Mas se eu fôr dizer taes coisas hão de pensar que sou indifferente e vêm logo as queixas: que sou ingrato e mais isto e mais aquillo. Decididamente a vida é uma grande hypocrisia. Pois hei de eu jugu-

lar-me para ter tranquillidade? Sinceramente... Demais, agora com essa mania que lhe appareceu de fazer frases... é impossivel! Eu estava doido! Agarrou a cabeça com ambas as mãos e ficou algum tempo pensativo; pouco depois tornou: Se saio á noite, vêm as desconfianças, de sorte que nem para attender aos chamados tenho liberdade, porque minha mulher vê em cada cliente um cumplice do que ella chama a «sua infelicidade», e são amores que tenho lá fóra e mulheres que me mandam buscar, a horas altas da noite, a pretexto de molestia. Ora francamente... Agora é com a pobre finada. Nem sei como ainda permite que eu vá vêr meu filho. Um dia lembra-se de o considerar inimigo e então... Ah! loucura, loucura! Não poder o homem dominar as impressões materiaes... Afinal esse casamento é o resultado dum impulso, nasceu como nasceria um crime e eu o tenho rudemente expiado. Foi uma affinidade de espiritos que nos ligou? não, foi um desejo que nos impelliu um para outro, e o resultado ahi está: o tédio, porque eu não amo, nunca ameí, essa é a verdade; tenho uma lacuna no coração: o

sentimento atrophiou-se muito cedo por falta de funcção. Não amo, habituo-me e hei de ser, á força, um amoroso. Mas, por Deus, não se contrariam as disposições duma alma como se desvia o curso de um rio. Não sei ser meigo, não tenho geito, acho a mimalhice ridicula. Queria a mulher como uma companhia apenas, mas nunca como uma pluma a fazer-me cocegas. Elle proprio sorriu do seu pensamento e repetiu alto: Uma pluma, é isto mesmo... Ouvindo rumor na escada conteve-se. A criada, á porta, annunciou: o Sr. Amancio.

— Manda entrar. E foi ao patamar da escada recebel-o: Sóbe!

XI

BAIXANDO o olhar Julião reconheceu Salustio: Oh! O mineiro subia vagorosamente parando, de vez em vez, para resfolegar e, quando chegou acima, respirou á solta, confessando «que não podia com escadas, ficava a deitar os bofes pela boca». E, estendendo a mão ao medico, perguntou:

— Êstás espantado de vêr-me aqui tão cedo?

— Não, como a criada annunciou o Amancio tive apenas uma surpresa.

— A rapariga ainda não conhece bem os teus amigos. Julião convidou-o para o gabinete perguntando por D. Januaría e pelo pe-

queno; «andava tão sobrecarregado de trabalho que nem lhe sobrava tempo para dar um pulo ao Cosme Velho.»

Salustio chegou á sacada, esteve um momento a olhar o parque, lastimando «que deixassem aquillo em tamanho abandono, transformado em horta»; depois, sentando-se, espalmou as mãos nas coxas, passeiou vagarosamente os olhos pelas paredes, e disse: «Pois o que me traz aqui é justamente o pequeno». Julião perguntou assustado:

— Que tem elle?

— Tem passado mal, teve a coqueluche, isso, porém, não me daria cuidado se não fôsse uma febresinha aborrecida, disse franzindo a cara e atirando uma palmada ao joelho. Está abatido, impertinente. Passa os dias menos mal, mas ao cahir da noite, vem a maldita febre que o prostra; não dorme e queixa-se da cabeça. O Dr. Marçal medicou-o, mas para dizer a verdade, eu não creio muito nas taes aguadilhas. Queria que o fôsses vêr, essas febres nas crianças são perigosas, duma hora para outra tomam um character mau. É o diabo...

— Vou já: é um instante. É como amanheceu hoje?

— Abatido, choramingando, tossindo muito. É um menino esperto, alegre e está cahidinho, repelle os brinquedos, só quer a Januaria. Eu não tenho receio e, para dizer-te a verdade, é mais para tranquillisar a *velha* do que mesmo pela saude do pequeno que venho cá.

— Pois é um instante; vou borrifar o corpo e, em menos de um quarto de hora, estou aqui de volta para sairmos. Tem ahí jornaes. Vou chamar Isaura, é um instante. Salustio oppoz-se:

— Não, deixa-a lá, está nos seus estudos. Fico por aqui muito bem.

Julião desceu ás pressas. Só no gabinete Salustio plantou-se diante da larga estante manuelina lendo distrahidamente os titulos dos livros, depois examinou as armas arranjadas em tropheus e ia para a sacada bocejando, quando ouviu a voz de Isaura:

— Bom dia! Então não me queria falar? Salustio desculpou-se:

— Que ella estava ao piano...

— Que tem o menino? perguntou com interesse e cuidado.

— Não é coisa de gravidade: uma febrezinha; mas está muito aborrecido e a *velha*, quando o vê adoentado, fica que só Deus sabe. Foi mais para tranquillisal-a que vim buscar Julião.

— Ah! sim, disse apenas Isaura e Salustio, com um sorriso, perguntou:

— Então, como vamos? que ha de novo?

— Nada, disse ella encolhendo os hombros.

— Como vamos de lua de mel?

— Lua de mel?! mas isso já passou. Ainda hoje tivemos uma nuvemzinha no céu.

— Oh! fez o mineiro com fingido espanto. Nuvem de ciume, aposto?

— De ciume? não: arrufo. Felizmente passou. Houve uma pausa que ella interrompeu dizendo: Eu reconheço que a razão está com elle, mas que hei de fazer? sou mulher, não posso contrariar o meu temperamento. Elle entende que deve dar todo o tempo aos livros, eu entendo que elle me deve consagrar um pouco das suas horas de folga, d'ahi a nossa desintelligencia. Riram a custo e Salustio, como se

quizesse fugir áquella extemporanea confidencia, falou da grande lida do medico:

— Estuda de mais, foi sempre assim. Quando andava na academia muitas e muitas noites tive necessidade de levantar-me da cama para arrancal-o á mesa, ás vezes de madrugada; e andava pallido, quasi não comia, tinha vertigens. Isso faz mal; tudo deve ser feito com termos. Sei que um medico deve estudar para acompanhar os progressos diarios da sciencia, mas o espirito precisa tambem de distracções, de descanso. Não é só pensar.

— Elle não quer saber disso, senhor Salustio. Quando lhe falo em sahir, vem sempre com uma desculpa: que tem isto e aquillo a fazer, que vai vêr um doente grave ou escrever uma observação, e não ha convencel-o. Para onde vai leva um livro, uma revista; até comendo lê, nem á mesa conversamos. Quer que lhe diga — devo ainda visitas de casamento. Se eu conhecesse a cidade iria só, mas não sei ir á rua do Ouvidor, confesso, sou uma perfeita matuta.

— Ora!

— Palavra! Nunca sahi só e vinha tão

poucas vezes ao Rio... O caso é que estou em falta com innumeradas pessoas que se queixam de mim e com razão. Parece que não lhes quero a amizade, que as evito para que me não procurem. Mas que hei de fazer se meu marido nunca está disposto a acompanhar-me? attenuou a queixa com um sorriso. Mesmo aqui em casa vivemos separados: elle no gabinete, eu ao piano ou lendo.

Salustio sentia-se mal, não sabendo como responder; sorria, esfregava o braço no canapé:

— Sim, é natural... pois não... E Isaura, garrula, sentindo-se apoiada, discorria em tom entre reprehensivo e terno, accusando e defendendo ao mesmo tempo: porque levava uma vida insipida, mas, realmente, reconhecia que elle não tinha tempo para acompanhá-la... Vinha da rua cançado, e concluiu: Palavra, eu se tiver um filho, elle poderá seguir todas as carreiras, menos a de medico. Não é vida! disse com um momo de tédio; nem podem estar com a familia, pertencem mais aos outros do que aos seus.

— Ah! minha senhora, infelizmente assim

é preciso, para fazer carreira. É assim que se faz clientela; é assim, á custa d'esses sacrificios, que um homem consegue impor-se. Pensa que elle vai satisfeito quando, á noite, um chamado urgente vem arrancar-o ao conforto?

— Ás vezes com chuva, ajuntou ella; e o mineiro continuou:

— Para longe! Custa, bem sei que custa, mas se elle começar a negar-se a um e a outro acabará por não ser procurado. É preciso; são os ossos do officio. Ouvindo passos Isaura voltou a cabeça, justamente quando Julião apparecia á porta do gabinete, num *jupon* felpudo, com os cabellos eriçados:

— Agora é um instante. Já offereceste alguma coisa ao *velho*? perguntou: café, cognac... um calice de cognac?

— Nada, não quero nada. Mas Julião, adiantando-se, disse:

— Olhe, quer saber uma coisa? ha ali um pouco de impaludismo, é daquelle corrego. Eu vou vêr e se fôr o que penso trago-o hoje mesmo commigo para passar aqui uns dias e isso basta.

— Talvez seja! disse Salustio.

— Oh! se é...! afirmou Julião e, esfregando a cabeça, seguiu pelo corredor.

O mineiro, receioso de que Isaura voltasse ás confissões, pediu novas da familia.

— Iam todos bem; recebera carta do pai e estava com vontade de ir passar uns dias com elle; tinha saudades da roça. Julião perguntou do quarto:

— Como vai o Helvecio?

Salustio poz-se de pé, esticando as calças e, alto, respondeu:

— Ora! como ha de ir... Não se separa da seringa. Perdido...

— E o nosso Amancio que não tem apparecido, ha mais de um mez? Que será feito delle?

— Não sei; tambem não o tenho visto. Talvez ande por fóra vendo terras, porque agora a mania é a lavoura: quer ser lavrador. Aquillo tambem não esquenta lugar.

— Faz falta.

— Muita! Isaura interrompeu o dialogo dizendo:

— Alegre creatura!

— Oh! fez Salustio, não ha tristeza que

resista a uma das gargalhadas do Amancio. É quando começa a rir é um nunca acabar e ouve-se a duzentos passos. Os vizinhos sabem quando elle vai lá á casa.

— Mas exagera um pouco, disse Isaura sorrindo maliciosamente.

— Sim, senhora, um pouco, mas tem graça. Elle mesmo confessa que não póde contar nada sem um bocadinho de exagero; dão-lhe um caso e elle, antes de o passar adiante, tempera-o com um pouco de sal e de imaginação; elle mesmo confessa. E Salustio riu dizendo com um balanço de cabeça e os olhos em alvo: Mas é uma perola! a senhora não imagina. É homem que não pode vêr ninguem soffrer.

— Eu sei; Julião fala-me sempre.

— Julião... mas elle mesmo não conhece muitos dos segredos delicados daquella vida ruidosa, minha senhora. É uma perola, creia; uma perola! É capaz de empenhar a camisa do corpo para fazer um beneficio. E não parece. Ninguem dirá que o homem daquellas gargalhadas, o Amancio pantafaçado, é o coração que é.

— É o sitio? que tal?

— Não sei, Julião...

— Isaura!

— Hein?! Com licença...

De novo só, Salustio sentou-se e baixou a cabeça pensativo, tamborilando nas bordas do canapé: «Ah! era bem differente da outra... bem differente! Muito cedo começava a queixar-se. Mas tambem porque não havia elle de, uma ou outra vez, leval-a a passeio, ao theatro, á sociedade? Para uma moça como ella, nova e ardente, a vida não podia ser estreitamente limitada pelas paredes duma casa, mas coitado! tinha tantos affazeres que as horas mal lhe sobravam para o descanso. E infim! suspirou concluindo o seu pensamento, melhor fôra que se houvesse deixado ficar como estava.»

— Prompto! disse Julião, apparecendo vestido. Salustio levantou-se:

— Vamos!

— Não almoçam? perguntou Isaura.

— Não, almoço lá. Ella sorriu contrafeita, mas disfarçou dizendo:

— Vou, então, mandar arranjar o quarto

para o menino. Elle ha de vir com a ama. Ou quem sabe se queres que elle durma connosco? talvez seja melhor.

— Não; se vier ficará no seu quarto, mesmo porque elle precisa de ar. Vamos! Até logo.

— Em todo caso, Julião, se não te fôr difficil, caso o não tragas, antes de desceres, passa por aqui para dizer-me como vai elle, sim?

— Sim, passo. Salustio despediu-se insistindo com ella para que fôsse passar um dia lá em cima. Isaura esticou o labio indicando Julião:

— Isso é com elle... Sahiram. Em caminho Salustio falou a Julião:

— Homem, tu precisas sahir um pouco com essa menina, não é tel-a em casa encerrada sempre, como uma freira.

— Ah! ella já deu queixa... logo vi.

— Não, não se queixou, conversamos. Fui eu que me queixei do seu esquecimento, porque não nos visita. Ella não conhece a cidade, não ha de sahir só nem com uma criada...

— Porque não toma um carro? Eu não me opponho a que ella saia, antes insisto com

ella para que visite os parentes, as amigas... mas não, ha de ser commigo sempre, entende que devo deixar as minhas obrigações, os meus affazeres para andar de um lado para outro, correndo as casas de Botafogo, de noite e de dia ou palmilhando a rua do Ouvidor para vêr as fazendas e as joias das vitrinas, quando tenho chamados urgentes. Isso não é possível; ou bem uma coisa ou bem outra. Levo-a ao theatro, levo-a a concertos, mas comprehende que não posso comparecer a todas as festas, mesmo porque não acho nisso prazer. Ha certas verdades que não devem ser confessadas porque são ridiculas, mas eu não tenho reservas com o senhor. Quer saber? não posso com essa vida de sociedade, detesto a sociedade. Sei que é um defeito adquirido na concentração de tantos annos, reconheço que é um defeito como disse, mas não posso contrafazer-me. Não imagina como me aborreço em um salão entre damas, a ouvir coisas, na dura obrigação de ser galante, de ter espirito. Não é que me sinta inferior a este ou áquelle, não faço essa injustiça nem á minha educação, nem á minha intelligencia, mas entedio-me. Não

posso ficar uma hora a sentir o aroma morno dos salões, a ouvir o frú-frú das sedas e os risinhos e as meias falas, sob a luz quente dos lustres, movendo-me entre pares que rodopiam, passando por incivil, porque não danço e por macambuzio porque não faço brindes, á mesa; obrigado a dirigir cumprimentos á direita e á esquerda, preocupado com as caudas que passam lentamente, de rastos, para não pisal-as e com respostas que tenho a dar sobre assumptos politicos quando, na maioria das vezes, enquanto o meu interlocutor discorre, eu penso em coisas muito diversas e tenho o espirito longe; levantando-me a todo momento para ser apresentado a fulano, a sicrano, mais um que se agarra a mim para conversar e que me não larga. Do meu corpo é que eu tenho pena, meu caro senhor Salustio, o meu mal estar é todo physico porque, quando vou aos salões, o meu primeiro cuidado é deixar fóra o espirito, como deixo no vestibulo o pardessus. O que fica afundado numa poltrona ou encravado no vão duma janella é só o corpo, o espirito está longe... Não posso, não está em mim, entedio-me. Sou um urso. Entendo que a vida

está ali no meu gabinete. Sou como esse simples camponio suiso para o qual o mundo era o pequeno espaço limitado pelas montanhas do seu cantão.

— Mas não é por ti, homem de Deus, é por ella. Uma senhora carece d'essas coisas. A alegria da mulher, que é a sua hygiene moral, exige taes futilidades.

— Pois sim! exclamou parando de repente, mas eu não me casei para andar d'aqui para ali com a pelissa de minha mulher ao braço. Proseguiram. Justamente chegando á esquina passava um bond das Lorangeiras. Vamos!

XII



JANUARIA recebeu-o queixosa:

— Ah! Julião! estás ficando muito esquecido. O pobresinho ainda hoje de manhan chamou por ti. Julião, depois de beijar a mão enrugada da boa senhora, desculpou-se:

— Não sabia. E como ia elle?

— Está agora passando pelo somno; tomou uma chicara de leite e adormeceu. No mesmo instante, porém, ouviu-se a tosse convulsa da criança. D. Januaria meneou tristemente com a cabeça:

— Ah! meu Deus! é sempre assim: logo que vai descançando um pouco vem a maldita

tosse. Lá está elle chorando... e precipitou-se afflicta. Julião e Salustio acompanharam-na. O quarto, de janellas cerradas, estava em penumbra. Sobre a commoda uma lamparina accesa alumiaava a imagem duma Conceição e varios registos emmoldurados que ornavam a parede, formando a guarda divina da criança. Diante da pequenina cama do enfermo a ama, ajoelhada, com os cotovelos fincados no colchão macio, ciciava ninando. Ao dar com D. Januaria, que entrara em pontas de pés, a negra fez um aceno significando que elle readormecera. Pararam os tres, em grupo; depois passo a passo, surdamente, aproximaram-se.

Paulo dormia, de costas, os braços abertos, os finos cabellos espalhados pelo travesseiro, a boca entrecerrada. Via-se-lhe o peitinho baixar e subir acelerado e afflicto e, por vezes, a cabeça, como numa dolorosa agonia, rolava no travesseiro, contrahiam-se-lhe os dedos das mãosinhas e a ama, para que elle não despertasse, ciciava de novo batendo-lhe, de leve, no peito com a mão espalmada. No chão, o corpo dum polichinello sem cabeça, um cavallo selado e um clown com os braços abertos tendo

nas mãos cymbalos doirados, ria, dentro duma carrocinha cheia de caixas de phosphoros.

— Está magrinho; sussurrou Julião olhando enternecidamente a criança. D. Januaria accentuou:

— Tem soffrido tanto! Corta o coração ouvil-o tossir... E, além da tosse, essa febre morrinhenta de todas as noites. Julião quiz vêr os medicamentos e fez cara quando lhe mostraram os vidros de tinturas homœopathicas.

— Elle tem tossido muito? perguntou á negra.

— Às vezes. Um silvo agúdo fugiu do peito da criança, cuja face logo se contrahiou soffredoramente; escancellou a boca e a tosse irrompeu violenta, longa, angustiosa, tomando-lhe o folego, agitando-o. Abriu os olhos em agonia e sentou-se, tossindo. A côr, de pallida, foi-se-lhe tornando roxa. A ama tomou-o ao collo, soprando-lhe na boca como se lhe quizesse transmittir o ar dos seus pulmões sadios e, quando o acesso abrandou, o pobresinho derreou a cabeça ao hombro da negra, chorando debilmente como se já lhe fallecessem as

forças. Julião adiantou-se com os braços estendidos, os olhos rasos d'agua:

— Então, meu filho... que é isso? A criança, ouvindo a voz do pai, levantou a cabeça e, reconhecendo-o, sorriu.

— Papai... disse D. Januararia com muita ternura.

— Papai... repetiu Salustio. Paulo estendeu mollemente os braços para Julião, que o tomou ao collo, beijando-o:

— Meu filhinho está doente? elle affirmou com a cabecinha. Muito? Onde é que dóe? conta a papai. Paulo espalmou a mãozinha no peito, depois levou-a á cabeça. Meu filhinho quer vir com seu papai? A criança procurou com o olhar languido D. Januararia e, logo em seguida, encarou o pai como se impuzesse uma condição; depois acenou affirmativamente, mas, de novo, o guincho sahiu-lhe do peito num esforço de respiração.

— Não ha que vêr, precisa sahir d'aqui. É bem possivel que tudo desapareça com a simples mudança de ar. Agora não tem febre...

— Queres leval-o? perguntou assustada D. Januararia.

— Sim, senhora, por uns seis ou oito dias. Mande preparar um quarto para elle e a ama.

— Mas eu creio que não é preciso, elle agora está muito melhor; não está, Brigida? A negra confirmou:

— Está sim, senhora. Á vista d'esses dias isso não é nada. Não vê que elle ficava tanto tempo assim sem tossir.

— É. Agora não é preciso. Deixa a criança. Mas Salustio interveiu:

— Não, sempre ouvi dizer que, para a coqueluche, não ha como a mudança de ar. Concorde com Julião. O pequeno passa lá uns dias, mesmo por causa da febre que me parece uma intermittentesinha manhosa, com essa historia de só apparecer a horas certas da noite. Eu sei que te custa, mas tem paciencia, é preciso.

— Por isso não, se D. Januaria quer vir com elle, ha commodos lá em casa. Os dois velhos trocaram rapidamente um olhar de intelligencia e D. Januaria disse:

— Não, eu vou vê-lo todos os dias, passo com elle umas horas... O que quero é que elle fique bom. Coitado do meu filhinho! e beijou amorosamente a criança. Depois, com

cuidado: È como queres leval-o? só em um carro fechado e bem agasalhado.

— De certo, concordou Salustio. Manda-se vir um carro.

— È o quarto? perguntou a velha.

— É magnifico.

— Queres que mande a caminha delle?

— Não, senhora. Já está tudo arranjado. Isaura mandou preparar o quarto. Mesmo eu acho conveniente que elle não torne a deitar-se nesse colchão. Os velhos olharam para a cama do pequeno como á procura de alguma coisa e D. Januaria concordou resignada:

— Pois sim, tira-se. È, logo em seguida, solicita: Mas eu acho melhor esperar que o dia aqueça mais, mesmo para dar tempo a que a Brigida vá arranjando a roupa que tem de ir.

— Sim, depois do almoço. Vamos almoçar primeiro, disse Salustio, fazendo uma festinha á criança. Paulo, mais alliviado, poz-se a contar uma historia complicada de cães e de soldados, que D. Januaria explicou: O cão de casa, sahindo á rua, investira com um soldado da patrulha que, para se defender, arrancára do refle ferindo o animal, que ainda estava

em tratamento e inutilisado de uma das patas.

Julião não achou gravidade no estado da criança e, ao almoço, D. Januaria pediu noticias de Isaura. Elle disse, sorrindo:

— Tivemos hoje o nosso primeiro arrufo.

— Já?! exclamou a velha.

— E porque! por causa de passeios, explicou Salustio enchendo o copo.

— Ah! sim, mas é natural, disse D. Januaria, você parece um monge, Julião, ou um Othelo.

— Nem uma coisa nem outra, sou apenas um fatigado. Houve uma pausa e todos, calados, attentos, ouviram a tosse do pequeno.

— Que desespero de tosse! suspirou D. Januaria. — É horrivel! disse Salustio e Julião, retomando o talher, repetiu lentamente:

— Pois é isso: sou apenas um fatigado.

Quando a ama appareceu com o Paulo adormecido ao collo, atabafado em lans, Julião procurou D. Januaria para despedir-se:

— Que é d'ella? sumiu-se...

— Está lá para dentro, disse Salustio. Não quiz vêr sahir o pequeno. E, aconchegando o capuz á cabecinha da criança, disse:

— Se não houver por aqui alguma coisa damos um pulo até lá, á noite. Tam descendo quando D. Januaria, sempre occulta, recommendou:

— Agasalha-o bem, Julião.

— Sim, senhora. Até logo. Foi Salustio que abriu á ama a portinhola do landau:

— Vê lá ao desembarcares, Julião. Aquelle arsinho do mar...

— Não ha duvida. Até logo.

XIII



EU caro amigo.

« Não ha ainda cinco dias que nos separamos e já começo a sentir a falta dos seus conselhos. Desde que voltei da Estrada de Ferro, tão acabrunhado por vêr-me só de companhia e de amisade, entrei por uma tão negra melancolia, que nem mesmo sei como ainda vivo, se é que vivo, porque, mais de uma vez, me têm lampejado no espirito idéas atormentadas de suicidio. A verdadeira causa de tal desconforto é a minha imaginação, unica culpada de tudo quanto soffro, unica responsavel por tudo quanto venha ainda a soffrer.

Ando num tédio frenético, que me leva, ás vezes, ás extremas do desespero — aborreço-me de tudo, começando por aborrecer-me de mim. Sinto um insupportavel fastio da vida; o que para outros é prazer enerva-me, irrita-me, arrasta-me a crises e, em certas occasiões, a minha superexcitação torna-se tão intensa, vai a tal ponto o meu nojo da vida que fujo, corro a encerrar-me para não vêr gente, para não ouvir vozes, nem passos, ruido algum. Sou um possesso, um verdadeiro, um authentico possesso. O demonio que me domina é dos mais crueis: podia chamar-se Iago. A bem dizer vivo physiologicamente, nada mais: o meu espirito apagou-se.

Minha mulher que, a principio, tão sollicita se mostrava junto ao Paulo, disputando á ama o lugar de enfermeira, porque passou com elle uma noite, anda a queixar-se de abatimento, com enxaqueca e nauseas, sempre recostada, alquebrada, soffrendo. De instante a instante surge no meu gabinete pedindo uma receita e, se não vem com o pulso para que eu lhe sinta a febre, pede-me que a ausculte, que lhe examine a lingua, e são suspiros, enjôos, lamen-

tações. Raro apparece á mesa, come no quarto e é a negra quem lhe vai delindo a gallinha, porque nem força tem para destrinçar o bocado que come.

Ah! meu amigo, como o tédio modifica a alma! Nos primeiros tempos esses mesmos languores, que agora tanto me enfezam, como me pareciam bem...! Quanta vez, caminhando pé ante pé, fui sorprendel-a nesse voluptuoso e passivo abandono, nessa attitude encolhida de panthera que fórma o galão fatal... Quanta vez! E agora, vê-la assim é um supplicio, porque desabrochou em meu coração, esteril outr'ora, porque era indifferente, uma flôr venenosa que eu chamo suspeita. Suspeita de que? perguntará o meu amigo — de todos, de tudo. Parece-me que nesse estado de alquebramento, nessa mollicie, o sonho é constante e, com que sonha a mulher? com a liberdade e essa liberdade do sonho é uma infamia, quando realisada.

Que buscarão aquelles olhares vagos, que ora enlanguescem humidos e ora se accendem lubricos? Para onde irão aquelles mal desferidos suspiros? Que corpo imaginario buscarão

aquelles braços estirados nervosamente em espreguiçamentos? Eu, julgando por mim, desconfio sempre dos que buscam isolar-se: são justamente os que mais querem estar acompanhados. Estou a perder palavras, estou espalhando frases banaes para esconder a verdade, repugna-me tal procedimento: porque hei de commetter a deslealdade de lhe occultar um segredo? elle aqui vai, dividindo-o terei algum allivio, sempre me ficará menos pesado, vamos pois repartir esta tortura.

Conhece Lucio Mendes? é um excellente amigo, de irreprehensivel conducta, lealdade nunca desmentida, grande e solido character com uma jaça minima: a velleidade da elegancia; isto, porém, a meu vêr, não chega a ser um defeito, é apenas um ridiculo. Lucio Mendes é dos que mais assiduamente frequentam a nossa casa. É aqui que elle vem estreiar os costumes, as gravatas, as polainas, os chapéus e os calimburgos. Como o recebo com intimidade Isaura, certamente para me ser agradável, trata-o com franqueza, descerimoniosamente, de sorte que o excellente rapaz, sentindo-se acariciado, corresponde com gentileza, algumas

vezes excessiva, indo até a fronteira da liberdade.

Essa fronteira é guardada por tres vigias: o respeito, o pudor e o medo, vencido o primeiro difficilmente os dois outros resistem. De uns tempos a esta parte entrei a observar, desconfiado, (injustamente desconfiado, creio eu) os cuidados de Isaura com a casa, com a *toilette* nos dias em que Lucio Mendes deve vir jantar commosco: não fica uma flôr no jardim e toda ella trescala, tantas são as essencias com que se encharca.

Elle tem sempre um mimo para offerecer-lhe: flores, as primeiras violetas, frutos, um pacotinho de bonbons, uma curiosidade; ás vezes um figurino, uma musica e ella, quando o vê, ella, de ordinario tão concentrada, sorri, conversa, torna-se garrula, amenisa-se, e lembrando trechos classicos, lá vão os dois para a sala.

Guardei, até hoje, discrição recatada sobre as minhas desconfianças... Dá-se commigo um estranho phenomeno: Eu *queria* sorprendel-os, queria, um dia, encontral-os em flagrante e chego a imaginar a scena horrivel dessa sur-

presa. Mas quanto soffro, como me dóe essa idéa! Á noite, ás vezes, no escuro, quando ella dorme, volto-me docemente no travesseiro e quieto, contendo o halito, fico á espreita a vêr se lhe escapa, atravéz do sonho, uma confissão e, quando ella balbucia palavras inintelligíveis, tremo, fico regelado temendo ouvir o nome do homem.

Agora imagine o meu amigo que uma noite, na inconsciencia do sonho, sahe-lhe dos labios um nome... que será de mim?

Não poder a gente vêr as almas e que horror se as vissemos!

Quando ella me abraça penso immediatamente nesse homem; se lhe fito os olhos descubro no fundo claro das suas pupillas alguma coisa como um sarcasmo e nos seus suspiros ha como que uma triste lastima saudosa. Entre mim e ella existe sempre esse homem, sinto-o, meu amigo; sinto-o! Tenho, ás vezes, impetos de a repellir, repugnam-me os seus carinhos, os seus sorrisos ferem-me.

Ha dias, chegando á casa inesperadamente, fui encontral-a na sala chorando; aberto, na estante do piano, estava o *Te souviens tu?* ro-

mance de Tosti, da predilecção de Lucio Mendes, o mesmo que elle costuma cantar acompanhado por ella. Não sei dizer como foi, meu amigo, impetuosamente sahiu-me a primeira palavra e, como vencida a comporta toda a agua de um rio represado arroja-se em gol-fão, tudo lhe disse, tudo quanto eu ia accumulando penosamente e no tom mais grosseiro e injurioso que póde inspirar a colera do ciúme.

Ella ficou assombrada, ergueu-se livida, com os olhos immensos, parados, a boca meio aberta e, quando eu, allucinado, atirei-lhe em rosto o nome de Lucio Mendes, ella, affrontada, respondeu-me com uma palavra de desprezo e sahiu.

Fiquei atordoado, vasio, ôco como se houvesse despertado dum somno doentio. Não tive coragem de subir; atirei-me ao sofá e ali permaneci fumando e o arrependimento veio torturar-me, á colera succedeu o remorso.

Que provas tinha eu contra ella? que argumentos podia allegar contra esse supposto crime? Se ella recebia com intimidade Lucio Mendes o culpado era eu, eu só. E se nada

houvesse não lhe teria eu posto no espirito essa idéa com a erupção da minha ira? Quanto tempo estive ali naquella sala escura, aterrado, humilhado, envergonhado!...

Infelizmente eu sou como as cavernas: choro por dentro, as minhas lagrimas parecem cair do cerebro sobre o coração onde se crystallizam em tormentos desesperadores. Emfim, resolvi subir e fui sorratamente. O quarto estava fechado, bati, abriram: ella fazia as malas. Perguntei com voz tremula: «Para onde pretendia ir?» Ella, levantando a cabeça, lançou-me orgulhosamente um olhar tão cheio de colera honesta e de lagrimas reprimidas, que estive para atirar-me a seus pés pedindo que me perdoasse, mas o meu orgulho agarrou-me a tempo.

Caminhei até junto da primeira mala e fechei-a, fiz o mesmo á segunda. Ella foi encostar-se á janella e houve, então, uma scena que não me sinto com forças para narrar. Tomei-a nos braços e, docemente, em segredo, pedi-lhe que me perdoasse. Ella, arrancando-se de mim, encarou-me e, por entre soluços, numa explosão de pranto, disse surdamente: «Não! Não!

Que fiz eu? Não! Não!» Deixei-a e fui para o meu gabinete certo de que, minorado o furor, ella lá iria e foi. Foi para dizer-me, com calma, maiores insultos do que eu lhe dissera no delirio da ira. Atirou sobre mim toda a responsabilidade do que succedia — porque era eu quem lhe pedia que fôsse amavel com os meus amigos; porque fôra eu quem insistira com Lucio Mendes para que cantasse; porque aquella alliança fôra por mim estabelecida, porque eu a abandonava. E declarou abertamente que nunca mais appareceria a Lucio Mendes, não porque temesse succumbir ás suas seducções, mas para evitar suspeitas que lhe valiam affrontas vilipendiosas. Tomei, no momento, palavras taes como resultantes da superexcitação em que ella estava, mas, meu amigo, duas vezes tem vindo Lucio Mendes jantar connosco depois disso e Isaura mantém o seu protesto. Não me sinto com forças de exigir a sua presença e já me custa mentir ao pobre rapaz que, na ultima noite em que aqui esteve, retirou-se sombrio e creio que não tornará. Antes assim... Não, eu preferia que voltasse, queria vél-os juntos, face a face, para analysar, com calma, os

olhares de ambos, porque agora desconfio mais do que nunca.

Não estará ella procedendo assim para conquistar em absoluto a minha confiança? Será honestidade ou astucia? não sei. A verdade é que sou um infeliz que se vai esquecendo da sua personalidade no torvelinho duma obsessão. Não me preocupo commigo, mal o tempo me sobra para pensar nelle e nella e rebaixo-me até a espionagem, revolvo papeis, violo cartas, ando sempre com os dedos pelas caixas em que ella costuma guardar os seus pequeninos objectos e já me tem succedido ser por ella apanhado a abrir escriptorios e, por mais que invente desculpas, o seu olhar terrivel, cheio de um nobre desprezo, humilha-me e a sua indiferença vexa-me: ella bem sabe o que eu procuro. É horrivel! Mas não me corrijo, volto a esquadrinhar, a rebuscar porque alguma coisa affirma-me que sou trahido.

Como viver assim? Será isto amor? É então verdade que amo minha mulher? É porque me entedio a seu lado? Decididamente não sei que é; affirmo, porém, que soffro e muito. Á noite, se alguém me procura, logo a

suspeita levanta-se em minh'alma e conjecturo: «É bem possível que ella tenha combinado com algum miseravel, subornando-o para que, a pretexto de doença, me mandasse chamar deixando-lhe assim o campo livre.» Vou, mas revolvendo sempre no espirito esse pensamento e, junto do enfermo, estou tão distante delle como se não me houvesse abalado da cama para vê-lo, e, tomando-lhe o pulso, com os olhos inquisidoramente cravados nos seus olhos, procuro ler a perfidia de que se fez cúmplice assalariado, deshonrando-me duas vezes: como homem e como medico.


È com que anciosa pressa torno á casa! Se vou de tilbury desço á distancia para que o rumor á porta não lhes dê aviso de minha presença. Entro como um ladrão: vagarosamente, sorrateiramente e encontro-a dormindo. Pois, meu amigo, acredite que soffro uma decepção, tal é, no momento, o estado do meu espirito. Que horror!

Nas horas calmas, quando a reflexão, tão rara agora, vem repousar minh'alma, cheio de remorsos, tenho pena della e, lastimando-a, é tal o nojo que sinto de mim que chego a inju-

riar-me. Realmente é cruel o que faço, mas eu vou caminhando a passos largos para a loucura. Sou um delirante, um verdadeiro delirante. Ah! a minha melancolia... a minha melancolia! Que hei de fazer? viver com ella é tortural-a e torturar-me; apartar-me della é impossível. Que hei de fazer?

O Paulo, completamente restabelecido, já se assenhoreou da casa e refaz-se — ella parece estimal-o, talvez seja tambem uma comedia, mas o que eu vejo é que ella faz-lhe todas as vontades, que o acaricia, que o traz limpo e, mesmo agora, anda a bordar um saiote que elle deve vestir no proximo domingo para ir conosco ás corridas. Sim, vamos. Preciso distrahil-a, a solidão é suggestiva. D. Januarina tem apparecido sempre e fala-me em retirar o Paulo, vou protelando a partida do pequeno, não só porque elle é uma companhia, distrahe com as suas travessuras, quebra o silencio monotono da casa com o seu alarido, como porque é um tropeço, ou antes — um vigia. Não creio que ella ouse...»

XIV

SCREVENDO essa frase Julião, com um grande suspiro, suspendeu a penna e, mettendo os dedos pelos cabellos, repousando a fronte nas mãos, releu toda a carta. Chegando ás linhas em que ficara suspirou de novo e ergueu-se caminhando para a janella.

O sol, a pino, illuminava as aguas do mar sereno, as arvores quietas, com as folhas secas, immoveis e duras como de zinco, fulguravam á grande luz que tirava reverberações das claraboias e abrasava a rua deserta, onde apenas um cão, de espaço a espaço, latia. Um grande paquete entrava, lento e pesado, fume-

gando. Houve um estampido como de salva e logo um rolar trovejante de pedras numa pedreira proxima e um sino vibrou longamente no silencio, que se tornara mais vasto depois do estampido da mina.

Julião voltava a cabeça ora para um extremo, ora para outro, por fim baixou os olhos e poz-se a acompanhar os movimentos do cão que esfarrapava um trapo. Subito, numa resolução firme, retirou-se da janella.

«Não! para que?! Que lucro eu com isto? Que conselhos me póde elle dar e para que hei de eu andar com as minhas vergonhas de mão em mão? É para que ha de elle ficar tambem suspeitando? não!» Tomou as duas folhas de papel, que enchera nervosamente duma escripta miúda, e rasgou-as; mas ainda indeciso, esteve algum tempo com as duas metades nas mãos, o olhar vago, até que se resolveu e fel-as em pequeninos que atirou á cesta. Tomou depois o envelope já endereçado a «Salustio Pina — Ribeirão Preto. S. Paulo» e rasgou-o igualmente, respirando, então, alliviado.

Riram fóra, no corredor. Foi á porta, abriu-a e deu com o pequenino Paulo de pé,

com um gatinho agarrado pelas costas, rindo, e Isaura a acompanhá-lo querendo tomá-lhe das mãos o animal, que o procurava alcançar com as unhas, miando, debatendo-se, desesperadamente. Vendo-o, a criança adiantou-se e deixou no chão o bichaninho que, ao vêr-se livre, deitou a correr, precipitando-se pelas escadas.

O gabinete foi invadido. Paulo, vendo a janella aberta, logo arrastou uma cadeira, mas Isaura oppoz-se:

— Não senhor; nada de gymnasticas. Se quer estar ahí, fique quietinho; mas o pequeno amou, batendo o pé.

— Que é isso, Paulo! ralhou Julião franzindo o sobr'olho. Isso não se faz, é feio. A criança mirou-o espantada e, agarrando-se á grade, poz-se a balançar uma perna, a cabeça inclinada, de repente rompeu a chorar.

— Ora, Julião... para que ralhaste com elle! E Isaura foi cariciosamente á janella, tomou o petiz ao collo e alisando-lhe os cabellos:

— Papai é mau, não é? Muito mau...! Paulo soluçava procurando Julião com os olhinhos arrasados d'agua.

— Está bem, acabou, disse elle, venha cá, venha dar um beijo ao seu papai, vamos. Estendeu-lhe os braços, mas o pequeno voltou-se impetuosamente, com um mômo. Ah! não quer? melhor... Paulo rompeu de novo em pranto e Isaura foi-se com elle, acalentando-o.

— Ah! tambem! Julião... Não chora não, meu velho; papai é muito mau. Vamos lá embaixo, sim? Vamos vêr o gatinho? Atravéz dum soluço Paulo disse que queria e de repente, voltando-se para Julião, exclamou em tom choroso:

— Mau!

De novo só, elle lançou um longo e demorado olhar á cesta dos papeis, agachou-se, remexeu baralhando os pedaços da carta que rasgára e foi ao quarto lavar as mãos suadas. Isaura chamou-o, de baixo:

— Vem almoçar, Julião.

— Já vou.

— Mau! gritou o Paulo e, como se o incitassem, continuou: Feio! Elle não ouvia, estava diante da cama, de braços cruzados, olhando os lençóes brancos, muito lisos, com um

olhar fixo e quieto de idiota. E, lentamente, foi correndo com a vista todos os cantos, parando um instante em cada movel e, como visse uma ponta de papel, que fugira detraz de um quadro, sobresaltado puxou-o cautelosamente e abriu-o — era um velho programma de concerto. Ficou a contemplal-o algum tempo, riu depois e metteu-o de novo, com as mesmas dobras, no sitio donde o tirára.

— Vem almoçar, Julião! chamou de novo Isaura e elle suspirou desafogadamente no meio do quarto, com os olhos no céu.

Julião não tinha socego com a insistencia d'aquella idéa obsessora: repellia-a e ella tornava, pertinaz, demoniaca. Lendo, via nas paginas o nome detestado. Se se deitava, em repouso, lá vinha elle esvoaçando e o leito parecia murmurar docemente, vozes de deliquio susurravam de leve, em tremula surdina. Na rua eram encontros de pessoas que lhe lembravam o alambicado Mendes, sempre oloroso. Á cabeceira dos enfermos, nos theatros, onde quer que estivesse havia de vér o mesmo par, aos beijos, contorcendo-se em ancia voluptuosa. Isaura, entretanto, nem á janella apparecia,

concentrada, recebendo apenas, de longe em longe, Ignezinha, a gárrula Ignezinha, cujas gargalhadas vibravam, num timbre juvenil, muito crystallino, despertando o silencio daquelles cantos, pondo uma nota jocunda na taciturna melancolia da casa.

O proprio Paulo, como suggestionado, pouco rumor fazia. Os creados ciciavam. Se cahia um objecto a casa estremecia como sobresaltada com o ruido; só o canario indifferente trinava saltando com o sol, que o visitava na sua prisão dourada. Ignezinha, sempre ruidosa, queixando-se de calor, escancarava as janelas para que o ar entrasse, sentava-se ao piano, corria escalas, e, convidando Isaura, repassavam musicas estacando, ás vezes, num accesso de riso, por se haverem as mãos encontrado ou porque falhára uma nota no teclado endurecido pela humidade e pela falta de exercicio.

Se Julião ouvia as gargalhadas detinha-se e entrava a procurar uma explicação para aquella estrondosa alegria, pendendo, sempre arrastado pela idéa que o avassalava, para a malicia e, quando Isaura, depois de acom-

panhar a amiga ao portão, subia ao gabinete conduzindo o Paulo, elle interrogava-a:

— De que rias tanto?

— Não era eu, era Ignezinha. Elle fazia um mômo e, meneando com a cabeça tomava, ao acaso, um livro e sentava-se.

— Já estás zangado.

— Não, não estou zangado, mas essas gargalhadas, com as janellas abertas... não acho decente. Não é por mim, mas tu bem sabes que no Rio de Janeiro fala-se de tudo. Eu ainda vinha longe e já ouvia as tuas gargalhadas.

— Não era eu, Julião. Já disse!

— Ora, não eras tu... Mas quem mora aqui?

— Queres, então, que eu me opponha ao riso das minhas amigas? Hei de dizer-lhes: riam mais baixo, por isto ou por aquillo? Que tenho eu com os vizinhos? Que podem elles dizer de mim?

— Pois sim, pois sim, mas essa amisade...

— Ah! já sei; não queres que Ignezinha venha cá, não é? Mas eu hei de viver isolada, Julião? Queres que eu fique nesta casa como uma criminoso? Afinal a solidão aborrece.

Olha, eu estou emmagrecendo, nada me falta, mas comprehendes que não se pode viver como eu vivo: encerrada e calada. Não sei que mania é essa. Na roça, ao menos, eu tinha com quem conversar; aqui, se te procuro, vens sempre com o trabalho — que vais fazer isto ou aquillo ou então que estás cansado; e eu que viva calada e feliz, ensurdecendo os passos para não interromper o teu somno ou os teus estudos. Não sei porque antipathisas com Ignézinha, tão boa menina. É alegre, tem aquelle genio, mas nada se allega contra a sua moral, pelo menos eu nunca ouvi e todavia, como dizes, fala-se aqui de tudo. É a amiga que me procura, porque as outras, a pretexto de que as não visito, aqui não apparecem.

— Pois sim... e, arrependido, dando intimamente razão á mulher, fugiu á discussão: Que tocavam vocês?

— A *Parisina*, de Miguéz. O Paulo intro-mettia-se então, subia ao sofá, sentava-se junto ao pai, afagava-o, contava-lhe proezas e, por momentos, a alegria visitava a alma agitada do medico.

Um incidente veio abalar a vida morna do casal. Estavam uma manhã á mesa do almoço quando a campainha retiniu violentamente. O copeiro correu ao portão e voltou com uma carta tarjada. Isaura deixou o talher enquanto Julião rasgava o envelope e, pela mudança repentina da physionomia do marido, comprehendeu que se tratava de coisa grave.

— Coitado do Amancio! exclamou Julião.

— Que é? perguntou ella anciosa.

— Adelaide...

— Morreu?! Elle acenou affirmativamente retomando o talher.

— Tambem... coitadinha! E releu, para a mulher, as poucas palavras do bilhete:

«Meu caro Julião. Foi-se a minha pobre Adelaide, á meia-noite e 20. Enterra-se hoje á tarde, aqui mesmo. *Amancio.*»

Coitada da Adelaide! Tambem de que lhe servia a vida?

— Tu deves ir para lá, Isaura.

— Sim, vou. Vens commigo?

— Não, tenho ainda algumas voltas a dar; vou depois. Manda vir um carro e vai com o

Paulo: eu lá estarei á hora do enterro. Pobre Adelaide!

Terminaram o almoço ás pressas, era quasi meio dia. Isaura subiu para vestir-se e Julião mandou a criada á cocheira tomar um carro. Quando Isaura desceu, de preto, um véusinho no rosto, calçando as luvas, Julião mirou-a vagarosamente.

— Estou bem?

— Estás. Ella sorriu com os olhos nelle.

— Que é?

— Estou muito desconfiada de uma coisa... disse em tom mysterioso, abotoando a luva.

— Tu?

— Ha quasi mez e meio e... certos symptomas. Elle encarou-a surpreso. Eu gosto bem, ao menos terei companhia...

— Companhia, pois não está ahi o Paulo? Só depois de algum tempo ella murmurou:

— Ah! sim... Paulo, acompanhado pela criada, já prompto, descia a escada chalrando, com a bengala de Julião de rasto, a bater pelos degraus.

— Mas desconfias? perguntou Julião voltando ao assumpto.

— Não desconfio, tenho quasi certeza. O carro parou á porta.

— Vai! disse elle.

— Manda levar algumas flôres e uma corôa, pediu Isaura.

— Sim... Beijou o Paulo, tomou-lhe a bengala e sahiu ao jardim, onde ficou de pé até que o carro partiu. Tornou, então, para o gabinete vendo, porém, a porta do quarto aberta, entrou.

Isaura deixára tudo em desordem — roupas pelo chão: uma saia, a camisa, meias; a *matinée* no espaldar da poltrona; um dos sapatinhos estava emborcado, virou-o com o pé. Sobre a cama, caixas de chapéus abertas, lenços, uma velha luva gris-perle, manchada e secca, encoscorada, véus amarrotados. No pellêgo fulvo, diante do psyché, uma travessa de tartaruga e a cabeça dum arlequim; apanhou-os.

Do guarda-vestidos aberto vinha um aroma antigo, um mixto de perfume de carne e de essencias emanando dos casacos de mangas fôfas, das saias muito escorridas. Entre os vestidos lá estava ainda, muito alvo, com algumas flores de lorangeira, o de noivado. Apalpou-o,

voltou-o no cabide; de repente, porém, lembrando-se da frase de Isaura, caminhou até a janella, debruçou-se alongando os olhos pela montanha talhada a pique, escalavrada e núa.

Hervas escorriam pela rampa, algumas salteadas de flôres amarellas, depois era o planalto orlado de matto. Avultando entre as moitas palmeiras esguias pareciam querer agarrar, no espaço, as aves que passavam em vôo rapido. Mais longe, fugindo ao precipicio, o casario — aqui um telhado quasi sumido entre a vegetação, além um chalet desimpedido, muito alto, com uma agulha affrontando o céu; cercados com latadas verdes, um renque de casas em amphitheatro, muito brancas, offuscando a vista ao sol e ás chaminés subindo, na mesma linha, como os tubos duma flauta de Pan.

Mais em baixo, na base da montanha, os fundos das casas vizinhas, os quintaes, alguns ajardinados, outros em matto, com touceiras de bananeiras, em cujas raizes havia montes de lixo e gallinhas ciscavam cacarejando; tanques de lavagem, cordas cheias de roupa. Trepada na pedra, chamando a cria, que ia aos saltos pelas chanfraduras da rocha, buscando pasto,

uma cabra malhada berrava e, de todas as casas, acima dos telhados vermelhos, as chaminés fumegavam.

Um gato, deitado no pignon dum chalet, lambia as patas e, no carvalho do quintal visinho, velho carvalho emigrado, que mirava saudoso dos seus invernos, uma camaxirra chirriava e abelhas zumbiam em torno nastros da herva de passarinho, que ia, aos poucos, sugando a seiva do gigante, que vivia acabrunhado e triste fustigado pelo sol do paiz do exilio, elle acostumado ás neves, pobre carvalho de França que um emigrado trouxera, pequenino ainda, arrancando-o á floresta nativa para que tanto soffresse dos sóes e daservas más do paiz ardente.

Julião olhava, mas sem attenção, vagamente, pensando: «Estou muito desconfiada de uma coisa...» Seria verdade? Estaria ella grávida? Então era innocente... sim, era innocente... porque se houvesse prevaricado, por certo não lhe daria a noticia com tanta antecedencia e procuraria esconder, tanto quanto lhe fôsse possível, a prova do crime.

O Paulo, esse sim, esse era seu filho, tinha

todos os seus traços, até signaes herdara; êsse sim... mas o outro? Ao mesmo tempo a revolta sacudia-o. Mas porque havia de infamar a esposa com aquella suspeita? Porque? Foi até um dos angulos do quarto contemplar o retrato de Isaura e olhou-o enternecido.

Era bem ella, já moça, com os cabellos soltos, os seus lindos cabellos dourados, sorrindo. O fundo era uma selva. Era bem ella, duma belleza casta, mas tão seductora! com aquelles olhos quebrantados, com aquelles labios semi-abertos, com aquelle vigor de carne e de sangue, era bem ella a que elle via sorrir a Lucio Mendes. Suspirou e, ouvindo soar um relógio, lembrou-se dos clientes e da infeliz Adelaide. Pobre Adelaide! Uma cigarra cantou escondida entre os ramos do carvalho. Pobre Adelaide!

Ah! aquella sim, passara pelo mundo purissima, sem desejar, sem despertar um desejo. Quem poderia pensar naquelle rosto de cêra, magro, cavado e livido? naquelles olhos amortecidos, naquella boca descorada, naquelle corpo entrevado e sem carnes, callejado pelos duros leitões? Mas na solidão em que vivêra sem-

pre teria a pobresinha ignorado o amor? Ah! não, por certo, algumas vezes o sol ia até o seu travesseiro, dourava-lhe o leito casto e de sofrimento, aquecia-lhe os cabellos, reanimava-lhe o sangue; chegavam-lhe á prisão os cantos alegres dos passarinhos, o aroma das flores abertas, a vida entrava em bafagens pelo seu quarto melancolico e ella estremecia ignorante.

Quantas vezes ouvia o lento rodar de carruagens e a voz da mãe annunciando: «É um casamento!» e ella ficava inerte, a escutar o rumor da bôda, que se perdia pouco a pouco, fugindo, para onde? para a ventura ineffavel do amor, para a felicidade suprema. Ó sonho nupcial! E o seu coraçãosinho orphão batia como uma avesita presa que ouve de fóra o reclamo da primavera, o canto dos outros passaros livres voando ao sol, aos pares, na maravilha da luz, na alegria do amor, para as florestas cheirosas onde os ninhos macios, feitos com a lanugem dos algodoeiros, com as folhas das madresilvas, com os gravetos cheirosos, esperam o alado hyminêo abençoado pelo sol num ramo de velha arvore florida.

Ah! ella bem sentia o coração, ella bem desejava, mas... Pobre Adelaide!

O enterro devia sahir á tarde, não tinha tempo a perder; mandou buscar um tilbury. Pobre Adelaide! Vais enfim deixar o leito, já te preparam outro muito frio, á sombra de cyprestes. Vais deixar o martyrio. Abrem-te a prisão, soltam-te. Pobre Adelaide! Ainda assim foste feliz, ah! bem feliz, porque nunca amaste.

Prompto, cofiou os bigodes, passou a escova nos hombros e, quando a criada appareceu annunciando que o tilbury estava á porta, desceu apressado recommendando — que arranjassem o quarto e o gabinete.



ABITUALMENTE pacata, duma imperturbavel quietação de *in pace*, a rua em que morava Amancio, em Catumby tinha, nessa tarde azul e docemente mórna, um desusado movimento.

Mulheres appareciam ás janellas entreabertas, olhando curiosamente para um lado, para outro, como á espera de alguma coisa; falavam ás visinhas. De longe, braços nús acenavam adeuses, havia como uma grande alegria em todos os olhos que se reviam. Falava-se da saude, das difficuldades da vida, riam; e crianças, em fraldas de camisas, descalças, o ar atoleimado, de pé ás portas, olha-

vam com espanto como se vissem pela primeira vez a gente da vizinhança, o céu dum sereno azul e a herva que pululava exuberante ao longo das calçadas, até um alto muro, orlado de madresilvas, que parecia fechar a rua solitaria, á sombra do qual estacionavam dois carros e um tilbury cujo animal, com o focinho na relva, pastava enquanto o cocheiro, de pernas cruzadas, o chapéu derrubado sobre os olhos, dormia.

Quando o tilbury de Julião, rangendo, aos solavancos, metteu-se atafulhadamente pelas hervas altas, houve um movimento geral de curiosidade, uma grande agitação entre a gente que ali vivia como exilada, tendo já perdido a noção da vida de cidade.

As crianças bradavam chamando as mãis, escancaravam-se janellas onde appareciam mocinhas, com as cabeças cheias de papelotes; cães investiam ladrando como se quizessem trincar as rodas do vehiculo, que ousara alvoçar a paz somnolenta daquelle retiro e os pintainhos espavoridos fugiam piando diante do animal, que ia a passo, fincando as patas, forcejando para arrancar o vehiculo que o macegal enleava.

Foi diante da ultima casa, ao fundo dum secco jardim, que Julião desceu com uma grande corôa. Nos canteiros esturrados a gramma falhada amarellecia, raros crotons resistiam. Pelos muros, avelludados de limo, subiam as folhas duma trepadeira e, ao centro, um tanque recoberto de conchas, com um tritão nú soprando um buzio, estava entulhado de pedregulho.

Amancio já estava á porta, sob o alpendre, á espera de Julião e, mal deu tempo ao amigo para deixar a corôa sobre a janella, porque logo lhe abriu os braços debruçando-se-lhe ao peito. Houve uma troca de surdas palavras e um arrancado suspiro: «Pobre Adelaide! Foi-se como um passarinho!» Julião entrou em surdos passos respeitosos, acenando de cabeça, a cumprimentar os que se achavam na sala velando a morta, que já dormia no seu caixão de virgem, entre quatro cirios altos. Antes de vê-la caminhou até o sofá onde se achava D. Januaria, de preto, muito alta e immovel, as mãos repousadas no collo, os olhos fitos na mesa em que descansava o caixão. Falaram baixinho, cochichando e Amancio aproximou-se

tocando-lhe de leve no hombro e segredando:

— Está lá dentro com Ursulina; o pequeno foi passeiar com os filhos do Silva, isto aqui está muito abafado. Julião ouvia meneando com a cabeça. Se queres entrar não faças cerimonia. Mas Julião indagava de Salustio: «Se não tinha escripto, porque não vinha?»

— Está com a idéa de ficar por lá. Gosta da fazenda, disse D. Januaria.

— Mas tão longe!

— As terras são magnificas. Depois, velhos como estamos, tanto nos faz viver aqui como no sertão. Não sahimos, a nossa vida é em casa. Lá, ao menos, teremos largueza e ar. Um homem gordo, encostado ao umbral da porta que levava á sala de jantar, fumava, d'olhos no tecto, distrahido e um velho militar, em grande uniforme, passeiava pela sala retorcendo o grosso bigode grisalho, com os olhos nas taboas do soalho lustrosas de cêra. A um canto, perto do consóle, uma mocinha sardenta, de cabellos ruivos, amamentava uma criança e um cãosinho felpudo, gordo e claro, ia dum a outro, rebolando-se, ganindo, com os olhinhos levantados como a pedir caricias.

Julião ia sentar-se junto de D. Januaria quando Amancio o chamou:

— Vem vê-la, coitadinha! Foram os dois e o homem, que fumava encostado ao umbral da porta, como se também ainda não houvesse visto a finada, adiantou-se. Pobre Adelaide!

Pequenina como uma criança, engelhadinha, com o rosto magro, duma lividez marmorea, os olhos cercados de olheiras quasi negras, cavadas, a boca entreaberta mostrando os dentinhos cerrados, as mãos enrugadas, parecia ter sahido dos dedos crueis da Morte macerada, espremida e secca, sem uma gotta de sangue nas veias. Uma capella, immensa para a sua cabecinha infantil, cercava-lhe a fronte como um halo de rosas; sobre o seio raso uma palma e, em volta do corpo, flôres murchando ao contacto daquella carne nevada. Pobre Adelaide!

— Que idade tinha? perguntou o homem.

— Ia fazer 24 annos. O homem meneou com a cabeça lastimosamente. O militar veio também postar-se junto á mesa e todos ficaram contemplando o cadaver.

— Enfim! suspirou Amancio retirando-

se. Passos soaram no corredor. Julião levantou os olhos e viu Lucio Mendes, muito aliado, de luvas. Empallideceu e, quando o amigo lhe estendeu a mão, mal poudo corresponder. Lucio dava piparotes na lapella da sobrecasaca e, a pretexto de calor, convidou Julião para a varanda:

— Abafa-se aqui dentro. Então, que ha de novo? Tua senhora está bem disposta. É a aleijada, hein?! Tambem, coitada... para viver como ella vivia... Lançou os olhos ao jardim, e, sorrindo, segredou: Olha as rosas incomparaveis de que nos falava o Amancio. Machinalmente Julião relanceou um olhar ao jardim abandonado, mas de improviso, dirigindo-se a Amancio, que conversava com o militar, pediu-lhe que mandasse prevenir Isaura da sua chegada. Amancio olhou-o como espantado:

— Pois fazes cerimoniaes connosco? Vai entrando. Ella está lá para dentro com Ursulina. Vendo, porém, que o militar não tirava os olhos de Julião, apresentou-o: O major Gaudencio, meu amigo, um dos heróes do sul. Dr. Julião de Brito, medico. Os dois

homens cumprimentaram-se. Vai entrando, já conheces a casa. Eu fico aqui para receber os que chegam. Julião seguiu pelo corredor sombrio até a sala de jantar, onde a noite já parecia haver chegado, porque as vidraças encardidas mal deixavam passar a escassa claridade que o sol vertia na área estreita, onde piavam pintainhos.

A mesa comprida estava disposta para o jantar; sobre a toalha branca pratos e talheres, duas fruteiras de louça e uma bandeja a um canto de moscas voejada. Pelas paredes escuras oleographias, gravuras; um grande relógio de armario, entre o guarda-louça e uma velha mesa de jacarandá, que servia de etagère, movia vagarosamente a larga pendula de metal.

Julião parou á porta como para orientar-se e viu, junto a uma das janellas, mergulhado numa cadeira de vime, Helvecio Pires, a cabeça derreada, a boca aberta, dormindo. Caminhou em pontas de pés até junto delle e, tocando-lhe no hombro, despertou-o. Helvecio abriu os olhos atarantado e, dando com o amigo, estirou os braços espreguiçan-

do-se. Ia levantar-se mollemente, mas Julião deteve-o.

— Deixa-te estar, ainda é cedo. Onde estão as senhoras?

— Entraram naquelle quarto. Devem estar ali. Não estás ouvindo choro? Helvecio esticou as pernas, coçou a cabeça e ficou a olhar o tecto, com as mãos cruzadas no ventre, tamborilando com os pollegares. Julião estava diante da porta sem animo de bater, quando appareceu uma negrinha. Chamou-a e, indicando-lhe o quarto, disse:

— Vai ali chamar D. Isaura... Dize-lhe que o seu marido está aqui.

— D. Isaura? Não é uma moça loura que está com um menino?

— Sim. A negrinha foi rapidamente e poz-se a bater.

— O enterro é á mão? perguntou Helvecio.

Julião não tirava os olhos da porta e, só attendeu á pergunta de Helvecio depois que a negrinha lhe disse: «Ella já vem.» Então voltou-se para o morphiómano, vendo-o, porém, a cochilar, foi encostar-se a uma das janellas,

aberta sobre a area e olhava distrahido quando ouviu a mulher :

— Estás ahi?

— Há muito tempo.

— Espera um pouco. Recolheu-se. Instantes depois sahiu alisando os cabellos: Ah! meu velho, não sei que seria de mim se eu não desapertasse o collete. Que afflicção logo que entrei! Não sci se foi por vêr tanta gente chorando ou se foi por causa do cheiro da cêra: fiquei nervosa, quasi tive uma syncope e ainda não estou boa. Já viste o corpo?

— Já.

— Como ficou, coitadinha! Mas lembrando-se da corôa: Trouxeste o que pedi?

— Trouxe. E o Paulo? Com quem foi elle?

— Foi com uns meninos dum Silva que está ahi. Sentou-se derreada, dizendo: Eu fico por aqui, não vou mais á sala, não posso. Julião olhou para o relógio: eram quatro e meia.

— A que horas pretendem sahir?

— Não sei. Vozes e passos fortes de crianças soaram na sala, mas logo amorteceram.

Está ahi o Paulo, disse Isaura curvando-se para olhar o corredor.

Helvecio ergueu-se atordoado, com a camisa a saltar-lhe em fôfos pelo cós das calças, bocejando; cambaleou dirigindo-se mollemente, a lentas passadas, para o corredor, sempre a raspar a nuca com os dedos aduncos; e os dois ficaram, como esquecidos, no silencio sombrio da sala, calados, sem uma idéa, olhando as moscas que esvoaçavam. Do quarto vinha um sussurro de vozes e a porta abriuse devagarinho dando passagem ás senhoras.

D. Ursulina, acabrunhada, suspirando, vinha entre D. Laura e uma mulher gorda, flaccida, d'olhos empapuçados, que arrastava os pés difficilmente como se os não pudesse levantar. Julião dirigiu-se ao grupo. Ao dar com elle, D. Ursulina rompeu num choro sacudido, deixando-se abraçar e muito infeliz, acolhida ao peito do medico, poz-se a dizer:

— Coitada! Ah! minha filha... tão boa, doutor! Tão boa! Era um anjo. Nunca vi morrer assim, nunca vi! Doente mesmo fazia-me tanta companhia, ajudava-me tanto! Coitada da minha Adelaide! Ah! doutor...!

Amancio, porém, appareceu e lançando um braço á cinta da irman, disse-lhe baixinho:

— Vamos, vem abençoar a pequena. São horas. D. Ursulina arrancou um gemido longo e, curvando a cabeça, foi seguindo levada pelo irmão. Julião dirigiu-se á D. Laura. A boa senhora respondeu baixinho, emquanto procurava o marido com os olhos.

— Foi agora mesmo para a sala, disse Julião.

— Viu como elle está, doutor?

— Continúa?

— Ora! cada vez peor. Até erysipela teve por causa da maldita agulha. Não sei mais que hei de fazer... Suspirou. Sua senhora é que está muito bem disposta. Não ha novidade? e um sorriso triste illuminou a physionomia devastada da senhora.

— Não, por emquanto; disse elle. Gritos agudissimos romperam na sala. D. Laura susurrrou:

— Vamos? Estão fechando o caixão; e tomou pelo corredor. Julião voltou os olhos para Isaura, como a chamal-a, ella, porém acenou negativamente fazendo um mômo.

— Ficas aqui só?

— Manda o Paulo para cá. É baixinho, pondo-lhe as duas mãos no hombro, attrahindo-o como se o quizesse perto, bem perto, animando-a naquelle tristissimo momento em que a Morte triumphante sahia, como em apothese, entre flores: Não! deixa-me, sim? deixa-me aqui. Não posso com essas scenas. Elle mirou-a e, sentindo a fragrancia dos seus cabellos seccos, muito louros, que esvoaçavam, sentindo-lhe a pressão dos dedos contrahidos, teve um voluptuoso arrepio. Um tremulo suspiro escapou-se do peito de Isaura e Julião, curvando-se, apertou-a muito nos braços, dizendo-lhe num segredo amoroso:

— Vê lá! Ella levantou a cabeça e fitou-o com os olhos languidos, borbulhantes:

— Ah! Julião... nem aqui!?

— Está bem... Mas soaram passos no corredor e Amancio appareceu:

— Vamos? Vens connosco, Julião?

— Sim, vou. Apartou-se de Isaura. Manda o Paulo, disse ella.

— Sim. E seguiu. Chegando á sala procurou o pequeno e, vendo-o ao collo de D. Ja-

nuaria, falou á boa senhora pedindo-lhe que acompanhasse Isaura que estava muito nervosa.

— Onde está ella?

— Na sala de jantar. O caixão foi retirado da mesa. Lucio Mendes tomou uma das alças. D. Ursulina, que abafava o rosto no collo montuoso da mulher gorda, levantou impetuosamente a cabeça d'olhos esgazeados e, num grito lancinante, chamou a filha, avançou, mas faltando-lhe as forças, atirou os braços desesperadamente e teria cahido se a mulher não se houvesse precipitado amparando-a. E lento, com um arrastar cadenciado de passos, foi sahindo o feretro para o jardim.

A tarde, muito azul, hostilisava a tristeza. Uma cigarra cantou no flamboyant, primeiro num zizio como de velha mola enferrujada, mas o caixão chegava á porta quando o insecto começou aos psios como se fôsse o espirito da casa, a alma domestica que estivesse chamando a que se partia, á luz daquelle occaso incendido, para a absoluta noite, para o absoluto silencio.

Á porta havia crianças, visinhos curiosos

que balbuciavam: — «Deus te dê o céu.» Mo-
cinhas commentavam, mostravam as corôas
brancas que iam enfeitando o caixão da vir-
gem, falavam como de uma bôda. Algumas
espichavam-se, abaixavam-se como se quizes-
sem vêr, pela frincha do caixão, a que ia nelle
encerrada.

Amancio seguia d'olhos baixos, entre Ju-
lião e Helvecio e á frente, conduzindo o leve
esquife, iam Lucio, sempre cuidadoso, o Sil-
va, um velho mulato calvo, de melenas lustro-
sas e o major, cabeça alta, carrancudo, pisando
firme.

Apparecia gente ás janellas, ás portas,
nos bonds levantavam-se os passageiros cu-
riçosos, descobrindo-se, e o cemiterio appa-
receu com as suas grades e o seu alto e largo
portão dourados pelos derradeiros raios do
sol poente.

O cortejo seguia grave quando Helvecio
dispersou os olhos pelo céu magnifico:

— Linda tarde! Julião e Amancio concor-
daram.

As cigarras faziam uma chiadeira peren-
ne. Cantavam passarinhos, e os cyprestes, ba-

tidos de sol, tinham fulgores de bronze entre os marmores dos jazigos.

— É aqui que está o Lisboa... disse Helvecio passando a vista pelos mausoléos.

— Que Lisboa? perguntou Amancio.

— O capitão-tenente.

— De fragata, emendou Amancio. Não, está em São João Baptista. Para aqui só vêm os irmãos. Deixem lá, não ha como ter a gente a sua ordem. Eu sou irmão de duas.

— Eu não penso nisso, disse mollemente Helvecio accendendo um cigarro.

— Pois devias pensar. Julião levantou os olhos para Helvecio que ia de cabeça baixa, atirando as pernas machinalmente. Um sorriso triste passou-lhe pelo rosto magro e, impondo a mão ao hombro de Amancio, disse:

— Achas então que devo ir preparando o meu commodo eterno?

— Por certo.

— Pois não penso nisso: trabalhei muito para os meus, é justo que elles façam alguma coisa por mim. Demais, tanto se me dá ficar com marmores em cima do corpo como em uma valla. Acho a preocupação futil.

— Também eu, disse Julião.

— Pois eu não, contrariou Amancio e Helvecio, sempre calmo, continuou:

— Tanto se apodrece aqui — e apontou um monumento encimado por um anjo, de vestes longas, que pisava um archote, — como ali — e atirou um gesto abandonado para o fundo do cemiterio. Dois homens, em mangas de camisa, passaram por elles, tocaram nos chapéus respeitosamente.

— Onde é o quadro? perguntou Amancio.

— É acolá; nós vamos indo... E seguiram.

— Pobre Adelaide! suspirou.

A tarde arroxava quando chegaram ao carneiro destinado á virgem: caleado de fresco e fundo, com um monte de terra ao lado. Repousado o caixão os coveiros despregaram as corôas e um delles, ruivo, sarapintado de sardas, lançou os olhos ao grupo. Amancio fez um gesto breve e dois homens avançaram com as correntes, soergueram o caixão, que pairou um momento sobre a cova e foi descendo rapido, tocando o fundo; as correntes tiniram e o major, sempre garboso, tomou a pá de cal e polvilhou o caixão,

Amancio, de pé, com duas grossas lagrimas nos olhos, contemplava e, quando lhe chegou ás mãos a pá, respirou e, tremulo, mal poudo cumprir o acto piedoso retirando-se. E houve logo um som cavo, a terra vermelha rolava fechando a cova. Pobre Adelaide! E as cigarras cantavam sempre.

a volta, Lucio Mendes agarrou-se a Julião explicando-lhe os motivos da sua ausencia: andava sobrecarregado de trabalho e tao compromettido que nao lhe sobrava tempo para visitar os amigos: eram concertos, bailes, e, com a vice-presidencia do Club, nao tinha um minuto de seu. Ia d'ali comer alguma coisa, mudar a roupa, porque tinha ensaio de canto, a noite. Julião caminhava cabisbaixo. De repente Amancio deteve-se perguntando:

— e o Helvecio? pararam todos pesquisando com os olhos. Foi o Silva quem o descobriu:

— Nao e aquelle que la vem? Sim, era elle: sahira detraz dum mausoleu, coçando a nuca. Amancio bradou:

— Vamos? Elle atirou o braço como a dizer que seguissem. Em casa, Amancio quiz, a

todo transe, que ficassem para o jantar: estava prompto, ia já para a mesa. Recusaram-se todos e, D. Januaria, de pé, despedia-se de D. Ursulina, que suspirava sentada na cadeira de vime, quando Isaura appareceu com o Paulo.

— Ainda ficas? perguntou a Julião. Eu vou com D. Januaria, ella tem ahi o carro.

— Pois sim, disse elle.

— Vens connosco?

— Não, tenho um tilbury. As duas senhoras foram beijar D. Ursulina e Amancio acompanhou-as até a porta. Julião despediu-se no mesmo momento e Lucio precipitou-se tomando o chapéu e poz-se a fazer as suas despedidas azafamado. Amancio foi com elles até o jardim, e, apertando-lhes as mãos, pediu:

— Agora appareçam, venham jantar commigo; estamos tão sós. A pequena, mesmo doente, fazia-nos companhia, coitada! Emfim... Que se ha de fazer?!

— Sim, sim, disseram ambos. Á porta Lucio Mendes, alisando as calças, convidou:

— Vamos tomar o bond ali no largo?

— Não, eu vou de tilbury. Tenho ainda um doente.

— Ah! é teu esse tilbury?

— É.

— Então adeus. Até breve.

— Adeus, Mendes.

— Eu talvez apareça por lá no sabbado.

Mas o cocheiro já havia tocado o animal e o vehiculo foi rodando maciamente, silenciosamente sobre as hervas. Diante das casas homens, em mangas de camisa, repoltreados em cadeiras amplas, digeriam; crianças brincavam e mocinhas, de braço dado, em fila, passeavam ao longo da calçada cochichando, sorrindo. Quasi ao chegar á esquina Julião, do tilbury, viu Helvecio e D. Laura que seguiam vagarosamente. Numa igreja soou com tristeza a primeira badalada da Ave Maria.



XVI



COM a ida do pequeno para a companhia de D. Januarina, que entristecia no seu casarão sumido entre as velhas arvores, na visinhança taciturna da montanha, a casa recahiu no silencio dos primeiros tempos.

Julião sahia depois do almoço e tornava á tardinha, sempre entediado, quando não irrompia a horas desacostumadas, farejando, espionando, até encontrar a mulher com um bordado ou a dormir, com uma brochura escanchada no seio alto, sob as mãos finas e brancas.

Raras visitas appareciam, de longe em longe, rapidas, assustadiças, como aves que, de

passagem, cançadas, pousassem num galho morto. Amancio era o mais frequente: de luto, sempre a recordar a finada, às vezes levando rosas murchas e goivos que trouxera de lá e que afirmava possuírem alguma coisa da pobrezinha; Helvecio Pires, caminhando agarrado á mulher, como um somnambulo, a raspar a calva escalavrada com as unhas negras e compridas ou a cochilar pelos cantos, cabeceando, ossudo e livido, despertando em sobresalto quando o chamavam para o café ou para a sala, a um pouco de musica; Lucio Mendes, lépido, gamenho, muito lustroso, com programmas de festas e preocupações de espectaculos no theatrinho do Club. Ás vezes Ignezinha, que não se atrevia a entrar, melindrada com as maneiras seccas de Julião; apparecia um instante e ficavam as duas a cochichar, sempre receiosas de o verem surgir de repente.

Isaura, para evitar dissabores, nem á janella chegava. Pela visinhança, murmurava-se, com indignação, contra «o carrasco.» Certa vez, estando a arrumar a sala com a criada, ouviu alguém dizer na rua: «Aqui é que mora

a pobre moça, coitada!» Sentiu o sangue subir-lhe ao rosto, arrasaram-se-lhe os olhos de lagrimas e ficou estatelada, hirta. A criada, notando-lhe a perturbação, perguntou: — Que tem? «Nada», disse em voz surda; e, com raiva, a tremer de vergonha, vexada do insulto, abriu a janella, debruçou-se e poudo ainda vêr duas senhoras que desciam a rua, com *sombri-nhas* de seda clara.

Era aquillo — a sua vida andava pelos commentarios, o seu soffrimento, tão resignadamente curtido, era pasto da visinhança. Tinham-na por uma victima e, talvez que, nas conjecturas que se faziam sobre o mysterio daquelle encerro, alguém, querendo justificar o procedimento de Julião, rebuscasse delictos imaginarios, passos infames, fraquezas torpes e a suspeita que lhe fazia a vida no lar tão erma e desconsolada lá ia, por ali fóra, gerando lendas que a envileciam.

Taes idéas encheram-lhe o peito duma pesada angustia, passou-lhe uma sombra pelos olhos e, atordoada, poudo, a tempo, apoiar-se ao piano, mas rompeu em pranto, tão forte que a criada, attonita, quiz ir á venda falar ao ho-

mem para que mandasse um caixeiro á cidade chamar o doutor. Ella, porém, oppoz-se: «Não, aquillo passava. Era nervoso. Tolicie.»

Vivia para a casa imaginando disposições originaes para os moveis. Ella propria arranjava o escaparate onde tinha uma preciosa collecção de Saxes e de camafeus e antigualhas historicas, que haviam pertencido a reis: miniaturas, taças floridas, leques de marfim e de tartaruga, porcellanas d'Asia, *magots* bojudos e acaçapados, agathas, topazios, todo um pequenino museu. A casa reluzia d'aceio — os vidros brilhavam nos caixilhos, a cantaria dos umbraes tinha os seus veios muito vivos; as portas, lavadas d'alto a baixo, pareciam pintadas de fresco. Nos armarios faiscavam os crystaes de côres e as baixellas nitidas tinham lampejos que deslumbravam. Os pratos raros, de porcellana translucida, um medalhão de Khorsabad, duas lindas placas, uma de Kiuthaia, outra de Delft com uma zagala á sombra d'alamos, os pés nagua transparente dum corrego, cercada d'ovelhas sobre um fundo risosinho de georgica: uma grande concha de majolica com um episodio de amor entre nereidas

e tritões e varios pratos rusticos com frutas, peixes, reptis e flores, que ornavam as paredes da sala de jantar eram espanados, lavados cuidadosamente, para realce das pinturas e dos relevos. Todas as manhans a criada, com um pau, batia tapetes e pellêgos. Uma vez por semana, do dormitorio á sala de jantar, a casa era lavada e raspada; diariamente, pelo ladriho da cozinha, a cozinheira arrastava um lam-baz e, aos sabbados, substituia o papel que for-rava as prateleiras onde reluzia, como nova, a bateria d'agathe.

As plantas davam-lhe outro cuidado e ou-tra distracção: passava horas e horas diante da sua banquetta semeada de margaridas e amo-res perfectos pondo escoras para amparar os raminhos tenros das avencas, borrifando as samambaias, examinando as palmas das lata-neas para livral-as das lagartas, arrancando as folhas murchas dos tinhorões ou mudando orchideas para vãos em sombras. Tinha cari-cias maternas para as plantas: era um gozo quando descobria um botão de rosa, uma fo-lha em cartucho em um dos tinhorões, uma nova espatha nas palmeirinhas.

Às vezes, na respiração da tarde, chegava-lhe ao quarto um cheiro doce de magnolias: descia á pressa, radiante e ia descobrir o botão entre as folhas duras, com as suas petalas em concha, trescalando, embalsamando a casa como se a visitasse espiritualmente.

Não raro, porém, entristecia saudosa: — ficava-se para um canto inerte, olhos parados, a rever a fazenda, a sua gente, o seu gado, as arvores. Ah! o doce tempo! Vivia, então, como uma hamadryada: ninguem a prendia, não lhe pediam contas dos actos, era livre e forte, feliz e alegre.

Quanta vez, passeiando a cavallo vira, em caminho, cahir a noite triste. E como se alegrava quando, correndo á redea solta, os cabellos ao vento, alcançava a porteira e via, á beira da matta, branca, com as janellas illuminadas, a sua casa, entre rosas, com a agua a cantar em torno e lá dentro, reunida, a sua gente tão amiga, tão amorosa, a esperal-a sem ancia e sem cuidados infamantes, apenas com o receio de que a noite a sorprendesse nos desertos valles. O doce tempo!

E, nem sequer, lhe era permittido rever os

lugares amados e aprazíveis do seu agro natal. A baroneza lá estava com Carlos Villas que adoecera de febres. Bem lhe escreviam elles chamando-a, aguçando-lhe as saudades com annuncios de novas bellezas nas terras: mais uma cabana em tal sitio, um recanto pittoresco na matta, uma novilha linda que nascera e tão mansa que subia a comer á mão dos velhos; e flores, todos os canteiros cobertos e, nos banhados, a floração dos lirios. O doce tempo!

A sua ultima esperanza desvanecera-se como uma luz guiadora que se apaga ao longe, numa grande e calada treva. No seu quarto, ao voltar da casa de Amancio, depois do enterro de Adelaide, não se conteve que não chorasse, talvez com a lembrança da morta ou com o desespero de vêr desfeito aquelle sonho duma vida que ia despontar da sua, feita com a sua carne e com a sua alma, como um desdobramento da sua personalidade: um filho que seria uma preocupação, que seria um companheiro nas suas lentas e compridas horas solitarias e um elo mais a prender o coração do esposo. Deus não quizera — a sua vida

havia de continuar enfadonha e pesada naquella triste prisão de luxo.

Lutas estranhas travavam-se no seu espirito mortificado: maldizia o casamento: Podia ter encontrado um homem que a amasse, que fôsse carinhoso como tantos outros que ella conhecia e fôra ter ás mãos dum rispido que a brutalisava, que a torturava, nem permitindo que ella dêsse expansão á sua ternura, porque repellia os carinhos, fugia aos afagos, abandonava-a quando a sentia inclinada a acaricial-o e, deixando-a sosinha, lá se ia encerrar no gabinete, a ler, a escrever, até ás tantas, numa febre de trabalho.

Entretanto ella ainda o amava, bem o sentia. Ás vezes, muito humilde, ia roçar por elle, pedir uma palavra meiga, fazia-se pequenina, fraca e desgraçada «que não tinha outra pessoa por ella senão elle, longe dos pais, como estava.» Procurava-o submissa, a chorar, e, como quem se arroja a um perigo, atirava-lhe, de repente, impetuosamente os braços ao pescoço e, escondendo o rosto muito chegado ao seu hombro, rompia num pranto forte que a sacudia toda.

Julião reprehendia-a, achava aquillo ridiculo: «Que razões tinha ella para chorar?»

— Tu não gostas de mim, Julião.

— Ahi vens... Enternecia-se, humedeciam-se-lhe os olhos, passava-lhe o braço pela cinta e falava como um pai, aconselhando, a desculpar-se da sua frieza com o genio «que era um secco.» Por fim, quasi com vergonha, como se commettesse uma falta, beijava-a, mas tão ligeiro como se receiasse melindral-a.

E esse curto instante de ventura bastava para reconciliar-a com a vida. Comprehendia então que o amava, que lhe pertencia toda, que nunca seria feliz porque havia de ser delle, serva dos seus designios, victima dos seus caprichos sempre, sempre, emquanto lhe restasse a esperança de o ter, durante um segundo, ao alcance dos seus braços para enlaçal-o, para receber o seu beijo e repousar a cabeça d'encontro ao seu peito ingrato.

XVII



UMA noite, á mesa, Julião, que jantara em silencio, ao encetar a sobremesa, perguntou, de repente, sem tirar os olhos do prato:

— A Marianna esteve aqui?

— Dona Marianna? não. Porque?

— Encontrei-a hoje na cidade. Fez que me não viu. Isaura mexia lentamente o seu café, d'olhos baixos, muda. O marido começava sempre as suas recriminações dum modo vago, falando d'encontros, de conversas que tivera ou que ouvira, de cartas que recebera ou citando episodios de romances, fantasiando casos. Lançava as frases

sorratamente e, apanhando as respostas da mulher, ia por ellas até irromper em insinuações e, não raro, sahia da mesa arrebatadamente, murmurando e ia trancar-se no gabinete. Isaura, sempre que presentia os costumados pretextos, retrahia-se numa fingida indifferença, ouvindo-o calada, impassivel, sem demonstrar interesse nem commoção. Nessa noite, porém, contra os seus habitos irrequietos, Julião deixou-se ficar sentado, rolando a argola do guardanapo, a fumar. Isaura não levantou os olhos, receiosa, e foi elle quem quebrou o silencio perguntando:

— Queres ir amanha á cidade?

— Eu?! fez ella sem poder disfarçar um alegre espanto. Elle encarou-a. Se me quizes levar... concluiu ella com uma voz muito mansa, muito meiga, inclinando a cabeça.

— Eu não posso; irás com a velha.

— D. Januaria?

— Sim.

— E porque não contigo? E, meio amuada: Parece que tens vergonha de sahir commigo, Julião.

— Ahi vens.

— É mesmo.

— E os meus doentes?

— Ora, não tens agora doentes graves. Todos os maridos sahem com as suas mulheres, só tu...

— Demais, minha filha, eu não entendo d'essas coisas de modas.

— Que modas?

— Vestidos, capas...

— Vestidos...?

— Sim. O velho Salustio entrou-me hoje no escriptorio offerecendo-me dois lugares no seu camarote do Lyrico.

— Ah! elle assignou?

— Assignou, ou antes, ficou com a assignatura de um sujeito que perdeu um parente. Foi o que me disse. Deu-lhe agora a mania dos theatros e, depois dum silencio, declarou, sorrindo com ironia: Essa historia foi bem combinada, isso foi. Emfim: tua alma, tua palma.

— Que queres dizer?

— Pensas que sou tolo, Isaura?

— Não te comprehendo.

— Andas sempre com queixas, murmuran-

do que arrastas uma vida tristonha, que não sahes, que não te divertes, que envelheces entre as quatro paredes d'esta casa.

— Eu?

— Julgas que não me chegam aos ouvidos as tuas lamentações? Pois olha, filha, eu não te prendo: não sahes porque não queres.

— Mas quem te disse tal coisa, Julião?

— Ora! quem? todos: o velho, D. Januaria, Amancio e outros. Sempre que estão commigo é infallivel a recriminação. Ainda hoje, com a offerta dos lugares, lá veio a lenga-lengua: «Porque a pobre menina precisa sahir, vêr, divertir-se; é moça e tu nem sequer lhe permittes que apanhe um pouco de sol.» Isso enfara, afinal. Estar um homem a ouvir sempre as mesmas palavras, as mesmas allusões... Sinto, ás vezes, o sangue ferver-me e não sei mesmo como ainda não disparetei.

— Pois eu não abro a boca para falar de ti. Se peço, uma ou outra vez, para sahir um instante, á noite, é que tenho medo de adoecer, e, onde vou? ao largo do Machado ou ao Cosme Velho, contigo. Nem á igreja tenho ido. Quanto a isso de theatro nem eu sabia.

— Pois sim.

— Juro-te! e, se não quizeres ir...

— Compreendo: queres dar razão aos que me accusam. Agrada-te o papel de victima. Pois olha: eu não estou disposto a continuar no papel de carrasco. Faze o que entenderes, eu reservo-me para proceder como julgar conveniente desde que sinta necessidade de intervir em defesa da minha honra.

— Oh! Julião! que motivos tenho eu dado para que, constantemente, me maltrates com insinuações que aviltam? e encheram-se-lhe os olhos d'agua.

— Não sei.

— És mau! e, atirando os braços á mesa, escondeu entre elles o rosto, rompendo a chorar com um pranto convulsivo que a sacudia toda.

Julião, numa surda revolta, recriminava-se, reconhecendo a injustiça do seu procedimento, commovido com aquelle pranto; longe, porém, de procurar contel-o, fingia-se indifferente, lutando contra a sensibilidade, a passear lentamente ao longo da sala.

Isaura levantou-se e, d'olhos baixos, solu-

çando, subiu para os seus aposentos. Elle ouviu-lhe os passos na escada que rangia, ouviu o bater da porta e o baque do corpo no leito e ficou a torcer nervosamente o bigode, irritado, sentindo-se, por demais, desamoravel e mau. Nos longos pensares em que, por vezes, ficava embebido como que se inclinava sobre o grande e fundo vasio do seu coração e, sondando-o, surprendia-se com o despovoado abysmo onde não havia um affecto, uma crença, uma esperança, apenas o nevoeiro das illusões rolava desfazendo-se ao primeiro raio da razão, como a neblina que se esvae ao calor do sol.

Não comprehendia, não podia comprehender o amor que faz a ventura dos seres, esse viver para outrem, essa suave alliança d'almas que se prendem num mesmo desejo, num mesmo suave sentir, num só bem, num só pensar. Os carinhos vexavam-n'ò como actos impudicos, os olhares meigos da mulher irritavam-n'ò como affrontas — só a comprehendia e aceitava como um instrumento de sensação, uma fonte de gozo e o que via, o que desejava nella era a carne, o calor da carne, a convulsão lu-

brica, sem preoccupar-se com a alma sensível, com a bondade, com a ternura.

O seu apêgo voluptuoso tornava-o excessivamente avaro daquella carnação e o que o fazia concentrado era a suspeita eterna de que outros, vendo aquelle esbelto e languido corpo, ondulante e farto, o appetecessem e, nelle, com ancia, cevassem os olhos humidos de lascivia.

Na rua sentia uma encolhida timidez quando acompanhava Isaura. A belleza da mulher tornava-o medroso, vexado, como se a levasse núa e todos, ao verem-n'ó, adivinhassem os seus arrebatamentos sensuaes. Se algum homem roçava por ella ou simplesmente a olhava com mais demorada insistencia, fazia-se carrencudo, murmurava entre dentes «contra a falta de educação» e chegava-se muito para ella como para defendel-a de qualquer contacto.

Procurava as ruas mais ermas, fugindo ás passagens de maior frequencia para que o não vissem com o seu thesouro carnal. Isaura queixava-se de que elle sempre a conduzia por umas travessas immundas, atravancadas de

carroças, com uma gente suja e maltrapilha a atropellar os transeuntes e fardos pelas calçadas e escorias pelas sargetas; e elle ponderava: «Que ella não sahia para mostrar-se e aquellas ruas de commercio eram mais serias, ali não havia chalaças, cuidava cada qual do seu trabalho e uma senhora podia passar tranquillamente sem ouvir torpezas, como acontecia na rua do Ouvidor.» E rematava: «Quando quizeres lá ir manda chamar D. Januaria. Commigo não, tenho genio, não aturo desaforos e não quero prestar-me a escandalos.»

Mas a sua convicção dolorosa era que não amava, não conhecia o amor, era um ser incompleto. Esse mesmo sentimento, geral no universo, que abranda a féra e divinisa o homem, «o amor do filho», elle não o achava no coração arido. Tinha por todas as crianças a mesma igual piedade: eram entes fracos que se não sabiam defender, eram como os velhinhos alcançados em idade que tremem nos vãos das portas, estendendo as mãos encarquilhadas á esmola; eram como os animaes desprotegidos. Confundia-os na mesma caridade em que juntava todos os humildes, mesmo as

coisas e, quando o filho o procurava, longe de o vêr como uma colonia do seu ser, povoada pela sua alma, alimentada pelo seu sangue, via-o apenas como uma criança, uma parte da grande Fraqueza Universal e tinha por elle misericordias de piedoso e nunca afagos paternaes.

E invejava esse grande amor dos homens que vem dos remotos tempos, amparando as novas raças, gerando religiões, inspirando poemas, estabelecendo a indestructivel cadeia da solidariedade humana.

Era um infeliz, um incompleto: faltava-lhe uma fibra essencial. Entretanto commovia-se com a dôr de um animal, com a cegueira de um velho, com a fome de uma viuva, com o frio de um pequenino. Não comprehendia que uma mulher lançasse o filho á roda nem que um marido abandonasse o lar, deixando a esposa sem pão e sem agasalho e, no consultorio, muitas vezes, commiserado, dava do seu bolso o necessario para um infeliz mandar aviar a receita, recusando-se sempre, com obstinada repugnancia, a servir-se de um ferro para não ouvir gemidos.

Ficou ainda algum tempo na sala de jantar seguindo pensamentos até que a criada, depois de arrumar a louça, perguntou timidamente se podia fechar o portão. «Sim, podia fechar.» Subiu para o gabinete, deu luz ao gaz e foi debruçar-se á janella. Relampagos rasgavam a noite negra mostrando vãos de céu nublado e montes; um vento frio soprava do mar, agitando as arvores do parque enxameado de vagalumes; por vezes, uma rajada mais forte varria a rua deserta revolvendo a poeira, levando papeis no torvelinho, batendo janellas com estrepito. Homens passavam apressados fugindo á tormenta proxima e rumores soturnos de trovões rolavam no silencio da noite.

Apezar da friagem, deixou-se ficar, contemplando distrahidamente a sua sombra imensa, alongada no muro do parque, dentro da clara moldura da janella illuminada. Os relampagos succediam-se, arrepiando o céu e grossas gottas bateram nos telhados, estalaram nas pedras da rua levantando um cheiro acre e morno de terra queimada. Subitamente, com um rufar distante, um vento gelado

passou e logo em seguida, a chuva forte cahiu em báticas.

Recolheu-se precipitadamente, fechou a janella e, inerte, a olhar vagamente, ouvindo o golfar do aguaceiro, ficou parado diante da mesa a olhar, com o espirito disperso. Tomou um livro, folheou-o, abriu a pasta, revolveu as canetas, atirou para a cesta uma ponta de cigarro que encontrou no cinzeiro, por fim sentou-se derreadamente como numa grande fadiga, sem idéa, a principio, logo depois empolgado pela preocupação da mulher, a pensar na que lá estava no leito, lavada em lagrimas, a recordar a que dormia para o sempre sob a branca e gelada pedra do sepulchro, tão linda na sua morbida fraqueza, tão meiga na sua doce resignação, tão ardente nos seus amores de despedida á carne.

Levantou, com impeto, a cabeça como para sacudir aquelle pensamento funereo, mas a morta lá estava a rir, pallida, hirta, a adorál-o em silencio, a excital-o, a chamal-o para um gozo macabro, a accusal-o dum perjurio ingrato, a mostrar-lhe o seu corpo fino de adolescente, mais alvo do que os lirios que flores-

cem á noite, mais frio que os frios marmores, movendo-se, contorcendo-se, numa diluida nuvem de sonho.

Julião sentia-se preso naquella obsessão: — era uma doença. Irritado, poz-se a caminhar dum para outro lado. O estampido dum trovão abalou a noite e, quasi no mesmo instante, Isaura, descalça, com as roupas em desalinho, atirou-se pelo gabinete, aterrada, tremendo, os olhos muito abertos. «Ah! Julião...» e agarrou-se ao marido, unindo-se muito com elle, como a buscar protecção contra aquella furia dos elementos que batalhavam. Toda ella tremia, mal podia falar, o seu peito arfava com violencia. Elle sorriu superiormente, acolhendo-a:

— Que medo é esse, Isaura?

— Não posso, deixa-me ficar aqui; tem paciencia. Outro trovão atroou com o fragor dum desmoronamento. Ella apertou-o mais, nervosa. A chuva estiava um instante como para deixar o campo livre ao fogo da altura, e, de novo, desabava, ainda sobre os ecos estrondosos. «Tem paciencia!» podia apenas balbuciar Isaura escondendo a cabeça no peito

do marido, para não vêr a fulguração dos relampagos, para não ouvir a atroada dos trovões, a tortural-o com o arrocho do seu abraço de assombrada.

È ali ficaram: ella encolhida num humilde terror, elle a acaricial-a machinalmente — a alisar-lhe os cabellos, a contornar-lhe os hombros num repassar muito lento, muito leve da mão, sem quasi sentil-a. Ao fim duma meia hora longa cessou a tempestade: relampagos chammejavam espaçados e os trovões lá iam muito longe, surdos, perdendo-se; a chuva cahia miuda e serena. Isaura, então, desprendeu-se e, dando pelo seu desalinho, aconchegou o roupão escondendo o collo que apparecia arfando, alto e branco, levemente dourado á luz.

— Não te vens deitar?

— Ainda é cedo, preciso ler umas paginas.

— Lê de manhan, tem paciencia.

— Mas já não ha trovoada, não vês?

— Sim, mas eu tenho medo. Vem ler na cama.

— Pois sim, concordou passivamente deixando-se levar.

XVIII



DIA seguinte amanheceu limpido, com um esplendido sol que se insinuava pelas persianas.

Julião, saltando da cama, abriu largamente as janellas. O céu, muito azul, tinha um brilho fundo como de esmalte, a aragem passava fresca e leve, a verdura sacudia-se ao sol, contente com a rega farta daquella noite e com aquella doce luz da manhan: as folhas rebrihavam, as pedras reluziam, a mesma terra tinha uma côr mais viva: de sangue nas barrancas, dum roxo negro nos altos bordos da montanha onde o arvoredado, meio inclinado, com as raizes fundamente cravadas nas fen-

das, pendia, derramava a folhagem sobre o abysmo. Azas de pombos estralavam no ar e andorinhas volteavam gozando a caricia da luz. Julião experimentou uma grande alegria como se o jubilo tranquillo da natureza se lhe communicasse infundindo-lhe um bem estar todo novo, nunca sentido e suave como uma graça.

Quando a criada appareceu com o café sorveu-o lentamente, a pequenos goles e, contra os seus habitos, deixou-se ficar no quarto, numa cadeira baixa, embrulhado no roupão de banho, a repassar os pés nús pelas felpas do pellêgo, com uma voluptuosidade felina. E, com os jornaes sobre os joelhos, encantado, seduzido por aquella belleza, por aquella doçura, num enervamento delicioso, ficou a olhar perdidamente, ouvindo as cigarras que, de todos os cantos, num estridulo concerto, pareciam cantar a gloria do azul e a magnificencia do sol.

— Ó Isaura, vem gozar um pouco d'esta manhan. Vein vêr. Nem parece que hontem choveu tanto. Mas Isaura estava entorpecida, sentia-se bem naquelle ninho tépido que o sol

aquecia e dourava. Encolheu-se mais e, como o espelho do guarda-casacas ficava em frente ao leito, poz nelle os olhos amodorrados contemplando um trecho escasso da clara paizagem que se reflectia: um canto da montanha com as suas hervas crespas, um muro arruinado e limoso, ao alto; uma parte da pedreira descoberta, sem herva, sem terra, núa, escalvada como uma cicatriz. Por vezes, uma ave atravessava no brilho do crystal.

— Anda, Isaura.

— Não, resmungou. E, repuxando as cobertas, deslumbrada pelo sol que scintillava no espelho: Para que abriste as janellas? Que maldade! Estou ainda com tanto somno! Que horas são?

— Seis e meia. O apito agudo de uma machina perturbou o silencio. Estás ouvindo?

— Se são horas de acordar a gente...

— Sim, mas a que horas nos deitamos hontem? ás nove.

— Mas não dormimos logo, disse entre vergonha e sorriso. E, pondo os lindos olhos azues no espelho, ficou como num extase, a olhar. Duas borboletas, perseguindo-se, en-

traram por uma das janellas — uma pousou no alto do guarda-vestidos, a outra ficou adejando, com um bater d'azas fremente; por fim, a que pousara abalou e as duas, quasi unidas, fizeram a volta do quarto e, de novo, fugindo, tornaram para o claro ar, voando na direcção da montanha, levadas no mesmo desejo. Julião, por fim, levantou-se, e de pé ante o leito, atando os cordões á cinta, lembrou:

— Olha que tens de ir á cidade. Isaura, sem voltar-se, sempre aconchegada aos travesseiros, encolheu os hombros com indifferença. Queres que mande prevenir a velha?

— É, para depois começares com os ciúmes, como hontem...

— A que horas queres ir: depois do almoço ou mais tarde? Ella estirou rijamente os braços, esticou as pernas e, numa voz espremada, respondeu:

— Depois do almoço. Voltou-se de costas afastando dos olhos uns fios de cabello que esvoaçavam. Porque não appareces para escolhermos juntos os vestidos? Vai, sim?

— Pois sim; accedeu,

— Vais? exclamou, com um sorriso feliz de surpresa, olhando-o.

— Vou. Num impulso elastico sentou-se, batendo as palmas, a sacudir-se na cama, a rir, como uma criança. Os seus fartos cabellos, á luz viva, brilhavam numa riqueza d'ouro; subito, desprendendo-se, rolaram pesadamente, desenroscaram-se, e, como ella sacudisse a cabeça, a rir, ficou toda envolta naquella catadupa que fulgurava e branca, na luminosa moldura, era como uma deusa em plena gloria olympica. Saltou da cama descalça, em camisola e, diante do espelho, torcendo o cabello, poz-se a arranjar-o em torre, descobrindo a nuca.

— Então posso mandar prevenir a velha?

— Vais tomar carro?

— Certamente.

— Pois então manda dizer que eu a espero ás 3 e meia.

— Não, o carro vai lá buscal-a.

— Então sim. Voltou-se, com os dois braços em curva, a accommodar os cabellos: Mas olha lá, Julião: eu não saio de *Notre Dame* sem tu chegares.

— Vou, já disse. E seguiu para o gabinete.

Foi direito ás janellas, abriu-as — a luz entrou em jactos explosivos, logo fulgindo nos vidros com deslumbramento, recennando as molduras, ensanguentando ainda mais as rubras lombadas dos livros perfilados nos altos armarios de jacarandá.

Nas menores coisas sentia-se o sol: no luzir do crystal do tinteiro cavado num blóco, no claro brilho dos ferros dos moveis, no faiscar dos fios de metal que entremeiavam o tecido das sanefas e dos reposteiros, mesmo o pó desprezível, o pó morto da terra, animava-se á luz formigando irisadamente num raio obliquo e fino que varava uma frincha do tecto cahindo, em nimbo, no soalho. Defronte era o parque vivendo soberbamente ao sol. As arvores, numa expansão de saude, pareciam mais rijas e esbeltas, com mais pujança nas frondes, com mais seiva nos troncos. As folhas lavadas lampejavam como brunidas, os ramos retesavam-se numa ostentação orgulhosa de força; os mesmos arbustos frageis resistiam com mais vigor á brisa, firme no sólo duro e batido, ainda humido da chuva. E era d'ar-

vore a arvore, rente á gramma verde e molhada, pelas desanuviadas alturas, aos chilros, aos pios, galreando, atitando um esvoaçar de passaros como numa festa paradisiaca. E as roliças palmeiras, solidamente fincadas, sacudiam, muito alto, ao sol, como sentinellas avançadas da verdura da terra, as suas palmas verdes e luminosas.

Longe estendia-se o mar azul, sob o céu azul. Para o fundo, como se o forrasse um tapiz de mica, offuscava, em fogo. Ia sahindo um paquete — lento, deslizando maciamente, com uma cauda longa de fumo a esgarçar-se nos ares. Julião debruçou-se e, enquanto poudes vêr o transatlantico, que demandava a barra, pensou no seu sonho antigo, castellos azues da mocidade, ideaes desvanecidos do seu desejo: vêr mundos, correr terras de historia, regiões eternisadas pela tradição; pousar em sitios celebrados, ruinas de cidades, campos de guerras; visitar terrenos em que os deuses amaram, entre loureiros e aguas serenas, demorar-se nos sitios que os poetas cãntaram, vêr terras, vêr aguas, vêr céus, vêr povos, gozar, emfim, nesses velhos paizes de tanta bel-

leza e de tão doce poesia... O mar estava de novo largo e deserto ao sol.

Ao fim do almoço, com uma carta alegre para D. Januaria, Julião despediu-se comprometendo-se a estar ás 4 horas em *Notre Dame* para dar a sua opinião sobre as fazendas e os figurinos.

Isaura, num alvoroço, como se se tratasse dum acontecimento magno, subiu para os seus aposentos com a criada e poz-se logo em acção agitadamente, abrindo moveis, puxando gavetas, desfazendo embrulhos, a revolver, a rebuscar, murmurando contra o desarranjo «que não havia meio de ter os seus objectos em ordem, por mais que fizesse, por mais que arrumasse». E espalhava pela cama o que ia tirando, sempre irrequieta, num frenesi que, por vezes, chegava á irritação.

A criada, sem uma palavra, ia retirando a roupa: estendia vestidos na cama, dobrava-os nos respaldares das cadeiras, sacudia-os, escovava-os, ia com elles ao sol examinal-os, vêr se tinham alguma mancha, um pique de traça, um descosido, enquanto Isaura enrolava os cabellos, murmurando contra aquelle «horror»,

jurando que um dia mettia a tesoura *naquillo*, porque nem se podia arranjar. Fazia, desfazia o penteado, com muitos grampos; por fim cravou um gancho de tartaruga no *chignon*, espetou dois pentinhos d'ouro aos lados, sempre insatisfeita, achando-se mal com aquella trunfa: «já estava com dôr de cabeça». Correu a lavar as mãos, em camisa. Diante do espelho do lavatorio inclinou-se arregoando a boca, num rictus, para examinar os dentes que brilhavam, passou a toalha pelo rosto e, apresada, sentou-se á beira da cama, tomou uma perna ao collo, atirou longe a meia e a carne alvejou rija, lisa, roliça.

— Que é das meias de seda?

— Estão ahi mesmo. Estavam sobre o travesseiro; poz-se a calçar-as esticando-as, alisando-as, passou as ligas e, tomando uma fina camisa de cambraia abriu-a, metteu-se por ella como em mergulho e a outra cahiu-lhe mollemente aos pés, escorrendo-lhe dos hombros e o seu corpo transparecia todo atravéz do tecido subtil.

Pediou a saia, o espartilho, ajustou-o, apertou-o á cinta tirando com força pelos cordões.

Os quadris saltaram e ella poz-se a colleiar, a retorcer-se accommodando-se naquella couraça de seda e velludo. E foi toda uma campanha a escolha do vestido — repellia uns, examinava outros, hesitante, com um mômô. Decidiu-se, por fim, por uma saia de cachemira *baige* e uma blusa de *foulard*. Foi depois a vez dos chapéus: experimentava-os ao espelho, derreando-os para a frente, inclinando-os para os lados, mirando, remirando, sempre descontente, a achar as fitas amarfanhadas, ás plumás escorridas, a palha encardida ou o feltro ruço.

O guarda-vestidos escancarado parecia um mostrador de bazar: eram blusas crespas, de côres vivas, muito tufadas, eram saias escorridas, uma ampla capa de gola alta, outra arre-camada de lentejoulas, um comprido focale de plumas, a manga carmesi dum casaco entre as rendas dum vestido e o brilho da guarnição d'aço duma petrina; e caixas, laçarotes, fitas, novellos de lan e a um canto a sombrinha de seda perola entremeada de rendas. No outro corpo lateral, em prateleiras fundas, caixas de chapéus, pilhas de roupa branca, camisetas de crepe; e um doce perfume sahia daquelle cahos

como uma transpiração voluptuosa. Pelo chão rolavam laços e retalhos, uma blusa enxovalhada abria as mangas, junto á porta; uma saia branca formava um rôlo a um canto, meias espichadas, sapatos emborcados, uma desordem como se por ali houvesse passado a devastação duma pilhagem.

Foi necessario que a criada prevenisse que eram 2 horas para que Isaura se decidisse por um chapéu de palha com um esgalhado laço escossez de cujo nó subiam tremulas espigui-lhas louras; e que afan para descobrir naquella confusão o véu, as luvas, um cinto que já haviam sido separados.

E começou a vestir-se azafamada, precipitada, a reclamar alfinetes, sempre diante do espelho, já empoada e perfumada, arfando. Pelos marmores do psyché, da mesinha de cabeceira eram grampos esparsos, a borla de pó de arroz, pentes de tartaruga, o leque e a criada voltava em torno della, ora de cocoras, ora erguida, repuxando o vestido, desfazendo uma ruga, ajustando uma dobra, corrigindo um defeito.

Quando foi para apertar a blusa Isaura

teve um acesso de ira martyrisando os dedos; bateu com o pé frenética — estava mais gorda, não conseguia abotoar. Enfureceu-se deixando cair os braços; num desanimo, quasi a chorar, via o collo muito alto entumecer-se ainda mais: a carne opulenta não se continha no arrocho de seda — eram os duros seios que esgorjavam, eram os braços roliços que se sentiam opprimidos, eram os hombros que faziam ranger o tecido retesado, era toda a sua carne viçosa, exuberante, carne acostumada á liberdade, vivendo folgadamente em cassas frouxas, em largos casacos, que se insurgia contra a constrição como a féra selvagem que se revolta e ruga entre os ferros da jaula estreita. Mas a criada conseguiu abotoar a blusa.

Isaura arrancou um suspiro e todo o seu collo cresceu inflado, num lento e cheio ondular. «Estou espremida, nem posso respirar!» Poz-se a soprar, afilicta; uma gotta de suor cresceu e foi descendo, em lagrima, por entre os finos cabellos das temporas, ao longo da face humida; o seu pescoço estava levemente orvalhado. «Não posso! repetiu. Isto

é capaz de rebentar na cidade, se é que já não está rebentando.» Poz-se a andar dum para outro lado, anciada, sacudindo os braços, agitando a cabeça a arfar, corada e suada. «Abre as janellas!» A criada empurrou as persianas, o ar penetrou a golfos revolvendo os papeis de seda, refrescando o aposento. «Que é do meu leque? dá cá. Com a vida que levo toda a minha roupa ha de ficar inutilisada. Estou engrossando como uma mulher do campo. Olhem que cintura!» Mirava-se.

— É que a senhora almoçou.

— Nem que eu tivesse comido um boi! Mirou-se de frente, examinando-se da cabeça aos pés; voltou-se de flanco. Já não sentia tanta oppressão: o corpo submettia-se. Dá cá o chapéu. Collocou-o sobre a massa dos cabellos atravessando-o com um estylete e contemplou-se, orgulhosa, reconhecendo-se a mesma de outr'ora. Desceu o véu, esticou-o, pediu as luvas. Que horas são?

— Tres e um quarto, disse a criada lançando um olhar ao despertador que titilava numa cantoneira.

— Agora vou esperar a senhora D. Janua-

ria. É capaz de só apparecer ás cinco. Olha como já estou lustrosa. Tambem com este calor...! Vai arranjando isto, guarda tudo; não deixes essas coisas espalhadas, como costumás fazer. Vê outro lenço. Não sei que tem esta botina que está me machucando tanto. Tiraste a sombrinha? tira. Todas essas frases eram ditas diante do espelho á medida que se endireitava, afrouxando um laço, escondendo um alfinete.

A criada adiantou-se com uma concha de nacar onde rebrilhavam joias. Isaura escolheu um broche com um solitario e espetou-o na gola; tomou outro, que era um pequenino amor-perfeito, de esmalte, e pregou-o no peito, revolveu, ainda indecisa, as pedrarias que faisca-vam, por fim, voltando-se, pediu as pulseiras. Abria as caixas, escolhia: decidiu-se por uma de rubis. Enfiou-a no braço e mais outra com uma grande perola e duas mais, que eram como os seus amuletos, finos aros de ouro com um berloque pendente.

Perfumava o lenço quando a criada, prestando attenção, disse:

— Parece que D. Januaría está ahí, parou

um carro lá em baixo. A campainha retiniu. «É ella, manda subir.» E, como a criada descesse precipitada, Isaura levantou o véu e, apressadamente, como se commettesse um crime, passou pelo rosto a borla de pó de arroz.

Desceu. D. Januaria, de preto, com uma severa capóta, na qual pareciam morrer tristemente umas flôres tristes, esperava encostada á mesa, olhando, atravéz do véu negro, o canario que saltava na gaiola chilreando. Beijaram-se e a velha senhora desculpou-se de a haver feito esperar: recebera a carta muito tarde, por um menino, pouco antes de chegar o carro.

— Mas ainda não está na hora. São apenas tres e vinte. Então? não está admirada? A velha sorriu.

— E onde vamos?

— Á *Notre Dame*. Elle prometteu lá ir.

— Então vamos. Foram sahindo. Isaura recommendou a casa. Á porta sentiu certa timidez: os visinhos deviam estar ás janellas. O carro lá estava reluzindo — era um landau. A criada passou á frente para abrir a porti-

nhola e Isaura, depois de haver lançado, rapidamente, os olhos para um e outro lado da rua, tomou o carro meio desapontada: só descobrira uma mocinha loura na sacada da ultima casa, voltada para o mar. D. Januarina deu a direcção ao cocheiro: «Largo de S. Francisco.» E o carro partiu.

Falaram, então, dos amigos. Helvecio cada vez peor, disse a velha: parecia um esqueleto. Fôra visital-o, com Salustio, e arrependera-se: estava de impressionar. A pobre Laura, coitada! uma santa — não o deixa, mesmo porque elle está como uma criança, precisa de uma pessoa que o acompanhe. Se não fôsem os amigos não sei que seria daquella gente.

— E continúa com as injeccões?

— Ora! se lhe negam enfurece-se, atira-se pelo chão, chora, diz que o querem matar. Tambem agora de que servia suspender? é a unica consolação que elle tem, dá-lhe allivio...

— E o velho Amancio? Tem apparecido por lá?

— Jantou comnosco no domingo. Anda agora preocupado com o tumulo de Adelaide. A pedra não lhe parece bastante, quer alguma

coisa que lembre a pequena e elle mesmo desenhou não sei que para mandar executar em marmore.

— Que será?

— Sei lá! sorriu. E como vai Julião? ainda muito impertinente? Isaura encolheu os hombros perguntando, para fugir ao assumpto:

— E Paulo?

— Oh! insupportavel! está um diabrete. Lembrei-me de o trazer, mas quando o vi, não tive coragem. Passa os dias na chacara a correr, a chapinhar nagua com risco de apanhar uma febre. É pelas arvores, é ás voltas com os cães, é com os cabritos, e sempre escalavrado, esfolado, com a roupa em tiras, descalço. Mas está que é um gosto! Salustio lembrou-se de comprar-lhe uns instrumentos de jardinagem e o pequeno, a pretexto de ajudar o Manoel, revolve os canteiros, esburaca as banquetas e é da manhan á noite o pobre negro a berrar, a ameaçar, a queixar-se. Um demoninho! não imaginas.

— Não fala em mim?

— Fala, como não. Tu é que és ingrata...

— Ah! eu... A senhora bem sabe... O

carro rodava estrepitosamente. Isaura mal avistava as filas de bonds, o casario, outros carros, gente que apparecia e sumia, copas d'arvores muito lustrosas ao calido sol da tarde. Quando chegaram ao Largo de S. Francisco ella teve como uma suffocação, sentiu o sangue affluir-lhe ao rosto numa onda cheia, um peso abafou-lhe o peito. D. Januaria desceu tranquilla, offereceu-lhe a mão e ella saltou sentindo logo o sol, a claridade vivissima que a offuscava, um grande atordoamento naquella praça que lhe parecia immensa e outra, bem differente da que ella conhecera. Na rua do Ouvidor, sem poder desfazer um sorriso que lhe alindava o rosto, chegou-se muito á D. Januaria. Era a sua felicidade que transparecia, era o seu gozo que se denunciava. Timida, atrapalhava-se com os transeuntes, evitando os olhares que a buscavam, que a seguiam. D. Januaria deteve-se a uma das portas de *Notre Dame*:

— Julião ainda não está. Queres esperal-o aqui ou vamos seguindo?

— Como a senhora quizer.

— Então vamos. Continuaram. Isaura ve-

xava-se de tudo, julgando-se muito desgraçada; perdia o passo; longe de irritar-se com os encontrões, sorria. D. Januaria parou diante duma vitrina, ella retrocedeu alvoroçada. Seu primeiro olhar foi para o vidro nitido que a reflectia; mirou-se; depois, baixando o olhar, poz-se a examinar as amostras — as blusas vestindo bustos de madeira, as fôfas gravatas, os peitinhos encanudados, os córtes de seda. D. Januaria commentava os padrões, elogiava as gazes ou fazia mômms. Isaura descobria pequeninas coisas, mostrava-as — uma gravata de rendas, uma mantilha de ramagens de seda, uma guarnição de amores-perfeitos. Seguiram. A turba tornava-se mais densa. Uma charanga atrotou. Isaura teve um estremecimento e os sons alegres de um boléro vibraram. Um homem, á porta duma casa, arengava, aos berros. Pequenos apregoavam jornaes, discutia-se pelas calçadas. E Isaura sentia-se admirada. Um velho, de suiças, cumprimentou-a dum grupo e os que o cercavam imitaram-n'o respeitosamente; ella inclinou apenas a cabeça e, muito chegada á D. Januaria, perguntou: Quem é?

— É o Mattos, o Mattos do café. Não se lembrava; encolheu os hombros com indifferença.

As lojas attrahiam-n'a. Parou um instante para olhar a montra duma ourivesaria e os seus olhos ficaram deslumbrados com a scintillação das pedras ricas: claros brilhantes, sanguineos rubis, perolas lacteas, esmeraldas dum verde d'agua; e eram broches que reluziam como accesas estrellas, eram agrafes em forma de flôr, eram pentes de tartaruga lou-ra, eram plumagens lentejadas de brilhantes, eram gargantilhas, pulseiras, anneis, tudo rebrilhando, refulgindo sobre um velludo negro, amarrotado em ondas, que fazia realçar aquella riqueza esplendida. Mais adiante, noutra montra, eram baixellas repulhadas, bronzes artisticos, crystaes preciosos, figuras de marfim minuciosamente trabalhadas representando deuses estramboticos, animaes truculentos e a um canto, inclinado, um livido Christo eburneo agonisando numa cruz preta. Senhoras passavam espalhando um aroma leve que logo se perdia desfeito no ar; Isaura examinava-as de relance. Mocinhas garrulas mira-

vam-n'a da cabeça aos pés e seguiam cochichando.

Das portas das lojas ou encostados aos mostradores homens affirmavam a vista como se procurassem reconhecê-la, ella via-lhes os labios tremerem em segredinhos communicados; alguns sorriam, outros fitavam-na dura, atrevidamente. As faces ardiam-lhe. Não se conteve:

— Não sei que tenho para que essa gente me olhe assim, resmungou amuada.

— Deixa lá, que mal faz?

— Incommóda, véxa.

— Olha Julião, disse D. Januarina. Efectivamente era elle, á porta duma livraria, conversando com um sujeito gordo, calvo, que se abanava com o chapéu.

Julião, que as avistára, sorriu espalmando a mão como a dizer — que esperassem; o seu interlocutor voltou-se ligeiro e lépido, d'olhos franzidos, inclinou-se respeitosa-mente com a calva a luzir; depois, tremendo com a cabeça, a affirmar, rindo sonoramente foi-se, meio d'esguelha; ao atravessar a rua esbarrou com um homem, empertigou-se, mirou-o d'alto e,

pondo o chapéu, seguiu, num andar sacudido em que parecia espichar-se e encolher-se todo, mollemente, como se fôsse de borracha.

— Que homemzinho grotesco! disse Isaura num acesso de riso. Julião chegou, risonho, com a cartola erguida; cumprimentou D. Januaria, lançou um olhar á mulher:

— Desculpem-me, estava a responder a uma consulta. Tenho uma grande clientela de rua. Esse faz provisão quando me encontra: pedia-me remedios para o seu figado e para a gastrite da mulher. Querem descer?

— Não vale a pena; é melhor voltarmos.

— Então?

— Estou muito matuta, respondeu Isaura baixinho. Não sei andar; vou aqui vendida.

— Ora qual! É o velho? como vai elle, D. Januaria?

— Bem. Elle não te falou do Helvecio?

— Sim; já fui vê-lo.

— Então? Julião encolheu os hombros, desanimado:

— É um caso perdido. Nada se póde fazer; suspender a morphina é matal-o de desespero. O melhor é deixar...

— É o que eu digo. Julião sorria, tocava na aba do chapéu, correspondia a adeuses e Isaura observou: «Como tens conhecidos...!»

— Oh! exclamaram. Julião voltou-se e houve no grupo um espanto. Era Amancio, o alegre Amancio, sobrecarregado de embrulhos, atrapalhado para poder estender a mão às senhoras. Cá vai o ouriço! Cá vai o ouriço para a toca. Ah! e depois quando os bons amigos se queixam da sua indifferença, lá vem a resposta prompta: que não sahe. É assim mesmo, é assim mesmo.

— Não saio, pergunte a Julião. Ha mais de tres mezes que não ponho o pé na rua.

— Mas não por doença, porque está gorda e com excellentes côres; até parece mais moça e mais bonita. Cá o nosso Julião sempre o mesmo. Recuou como num espanto: Mas não iam subindo? então vamos, eu acompanho-os: vou tomar o meu bond. São horas.

— Dona Ursulina?

— Vai indo, vai indo; sempre chorosa, coitada. Volta e meia lá está a discutir com o homem do cemiterio sobre a limpeza da sepultura. Traz aquillo que faz gosto. Coitada! é

o que lhe resta neste mundo. Tem para aquelle pouco de terra os mesmos carinhos que tinha para a pobre Adelaide. Emfim...

— É o senhor? perguntou D. Januarina.

— Eu?

— Como vai com o monumento?

— Ah! estão a trabalhar; quem está com elle é um italiano da rua da Ajuda. Vai ficar um primor. Seguiam vagarosamente — Amancio a falar da vida melancolica naquella casa onde iam morrer as flôres das sepulturas que o coveiro levava para fazer jús ás gratificações com que D. Ursulina o engodava, além da mensalidade do trato para lavar a pedra, para arrancar a herva, para zelar as plantas do pobre cantinho em que jazia Adelaide. Deixem lá! a gente vai indo aos poucos com os entes queridos que morrem: a minha alegria lá foi! Hoje sou um môcho, e esticou o beijo desconsolado. Isaura observava, de relance, as vitrinas ainda mais recolhida, sem um olhar para os que passavam, certa de que Julião não lhe perdia um só dos movimentos. Soprava sobre a tarde uma brisa fagueira, a luz era mais branda, o azul do céu mais pallido.

Subindo a rua a multidão apressava-se com ansia de recolher, de repousar. Á porta de *Notre-Dame* Amancio despediu-se, pedindo que não fôsem ingratos, que apparecessem, não por elle, pela pobre Ursulina, coitada! E foi-se curvado, com os embrulhos a balançarem, batendo-lhe nas pernas.

— Pobre Amancio! lamentou D. Januararia.

Julião deteve-se á porta, indeciso, mas Isaura lembrou-lhe a promessa: queria que elle mesmo escolhesse as fazendas, os feitios; e observava-lhe a physionomia, já receiosa d'al-guma desconfiança.

— Não, filha; vai com D. Januararia; eu não entendo d'isso.

— Ah! não sejas aborrecido! fazes a vontade á tua mulher, resmungou a velha. E foram entrando. Havia pouca gente no armazem já em penumbra; empregados arrumavam fazendas, empilhavam caixas. Um delles adiantou-se solícito offerecendo cadeiras e Isaura, sempre tímida, murmurou um pedido de «amostras de sedas.»

Sobre o balcão foi o caixeiro desdobrando côrtes; gabava o tecido, a côr, a originalidade.

D. Januaria examinava, apalpava uma fazendá côr de rosa, chamalotada. O caixeiro, porém, sabendo que era para o Lyrico, lembrou uma «novidade»: uns córtes rendados; e trouxe-os, desdobrou-os, estendeu a fazenda sobre a mão, mostrando os desenhos. Isaura sorria encantada e buscava os olhos do marido, a consultal-o; depois umas finas gazes bordadas, esvoaçantes e transparentes como neblinas e as applicações: flôres, passaros, raminhos silvestres, de seda frouxa, em relevo. Ficaram de parte tres córtes. Julião pediu preço; o caixeiro, derreando-se, sussurrou uma quantia. Houve espanto: era uma exorbitancia. D. Januaria clamou por Nossa Senhora, Isaura rejeitou, revoltada, mas o caixeiro demonstrou que eram quasi de graça, argumentando com a qualidade dos tecidos, com os direitos e convenceu. Julião, franzindo o sobr'olho, ia pagar quando o caixeiro, muito cortez, perguntou: se não ficavam «para fazer?»

— Sim.

— Ah! então... e foi dobrando os córtes, tomou-os debaixo do braço, convidou as senhoras a acompanharem-no á officina, e, sorri-

dente: O senhor doutor não quer subir?

— Não, esperava. As duas senhoras seguiram. Quando o moço reapareceu prazenteiro, elogiando as fazendas e garantindo que as toilettes iam ficar deslumbrantes, Julião pediu a nota das compras, queria pagar. O caixeiro fez um ligeiro movimento de cabeça, poz-se a escrever num caderninho e, destacando uma folha, entregou-a ao caixa. Julião pagou, recebeu o troco e foi ficar á porta. Instantes depois entrou, sentou-se, abriu um jornal, poz-se a ler. De quando em quando voltava-se impaciente. Escurecia, posto que lá fóra ainda brilhasse um sol magnifico. Levantou-se como numa resolução inspirada; foi ao caixeiro, pediu que lhe mostrasse uma capa. «Tenho novidades, senhor doutor.» Levou-o para o fundo, falou a um companheiro encarregado da secção e foi um abrir de armarios, um amontoar de capas, de casacos: claros, escuros, de seda, de panno, com lantejoulas, com vidrilhos, com tufoş altos de rendas em babados sobrepostos, com bordados. Julião optou por uma capa de seda com lantejoulas, que rebrilhava como um manto de **santa**.

Já uma hora longa havia corrido quando Isaura desceu. Elle chamou-a, mostrou-lhe a capa, quiz que experimentasse, mas a Madame, que acompanhava as senhoras, muito garbada, fez um mômto: tomou a capa, mirou-a; por fim, com os olhos em Julião, declarou com um carregado accento nos rr:

— Que aquillo, francamente, não era para Madame. *Vous savez, monsieur? il faut quelque chose...* e, voltando-se para D. Januaria: que diga com as toilettes. *Ça n' va pas*, concluiu com um franzir de labios, atirando a capa para o monte. Tenho figurinos lá em cima... *très jolis. Vous n'avez pas vu? J'en ai beaucoup, madame; il faut les voir. Je vous les montrerai...* Isaura sorria.

— Pois sim, concordou Julião.

— Então até sabbado; ás duas horas, não?

— *Oui, madame;* Julião cumprimentou: *Au revoir, monsieur!* Iam sahindo quando o caixeiro que servira as sedas pediu licença e entregou um papel dobrado a Julião.

— O recibo, senhor doutor, murmurou. E muito obrigado.

Inclinou-se diante das senhoras e ficou á porta com um sorriso lisongeiro.

— Querem ir ao Paschoal?

— Vamos. Pelo caminho Isaura foi descrevendo a Julião os feitios — um nada deco-tados. Para o de rendas mandara fazer dois corpos, um afogado; de sorte que, com a mesma saia, podia apresentar duas toilettes: uma para theatro e baile, outra para visitas. Iam ficar lindas!

— Não ha como as francesas para essas coisas, murmurou D. Januaria.

Áquella hora o Paschoal começava a esvasiar-se; poucas pessoas rodeavam as mesas, as compras eram feitas ao balcão, ao balcão bebia-se o aperitivo, dum trago, á pressa, como nas gares. As senhoras pediram sorvetes, Julião decidiu-se por um vermouthe e mandou fazer um embrulho de *marrons* para o Paulo.

Isaura e D. Januaria discutiam, quasi em segredo, as *toilettes* e Julião olhava para o fundo quando surpreendeu dois rapazes que se inclinavam com desfaçatez analysando Isaura. Conhecia-os de vista: encontrava-os sempre

pelas confeitarias, em circulos de cocotes, com o braço passado pelo respaldo das cadeiras, em attitudes cynicas. Revoltou-se com a insistencia daquelles olhares devassos e, carregando a physionomia, fitou os rapazes como se os desafiasse.

Disfarçadamente, um delles, poz-se a riscar o chão com a bengala, d'olhos baixos, a sorrir com ironia, murmurando alguma coisa — o companheiro levantou os olhos, e ficou algum tempo encarado em Julião. Um caixeiro, parando a atar um embrulho, encobriu-os, mas Julião ouviu distinctamente a ameaça: «Ora bolas! quem sabe se tenho medo d'olhos!? Se é homem tambem eu sou. Carrancas não me amedrontam!» O caixeiro afastou-se e Julião viu o rapaz, a ageitar-se na cadeira, com uns meneios provocadores. Poz-se a bater no marmore com a bengala, rosnando; os caixeiros moviam-se atarefados. Impacientou-se e, de pé, com o chapéu de palha para a nuca, os olhos luzindo, berrou: «Não ha aqui quem receba?» Um pequeno correu ao chamado. Julião sentia o rosto em fogo, as mãos tremiam-lhe. E as senhoras.

alheias á scena, conversavam tranquillamente raspando os seus sorvetes. Mas os dois rapazes derrearam-se a rir estrepitosamente, um delles batia com os pés, com a bengala. Julião rosnou: «Corja!»

— Que é? perguntou D. Januaria e Isaura levantou os olhos surprehendida.

— Nada. Infelizmente não ha policia que veja essas coisas.

— Que foi? perguntou Isaura numa sobresaltada curiosidade.

— Nada. Os rapazes sahiam lentamente, com olhares de relance para a mesa, batendo com as bengalas; o do chapéu de palha gingava cantarolando. Julião desabafou:

— Ahi está porque evito esta rua, não ha respeito, não se attende ao decoro: uma senhora está sujeita ás pilherias do primeiro vagabundo que passa. É um desaforo! E para essa gente não ha um correctivo: prende-se o bebedo, não se contém o infame. E um homem faz uma loucura e, ainda por cima, é criticado.

— Mas que foi? perguntou D. Januaria enquanto Isaura lançava os olhos pela sala

como á procura do causador daquella furia que assanhava o marido.

— Aquelles dois sujeitos que estavam áquella mesa, ali ao fundo; dois vagabundos. Logo que entramos começaram a olhar, a rir, a murmurar, criticando-nos...

— Ora, Julião, tu tambem... Se te incomodas com essas coisas, filho, o melhor é não sahires á rua. Queres que todos tenham a tua educação?

— Mas para os que não são educados ha a bengala, D. Januarina. A velha sorriu com bondade chuchurreando o sorvete.

— Havia de ter graça, um homem como tu a trocar bengaladas no Paschoal. E nós aqui sentadas, não? a olhar.

— Não posso, não está em mim, perco a cabeça. Sahiram. Ao tomarem o carro, no Largo de S. Francisco, D. Januarina convidou-os para jantar, insistindo.

— Só se passarmos por casa para avisar a criada que nos espera.

— Pois sim.

XIX



HEGOU, por fim, o dia da estreia da companhia lyrica. Isaura, logo que abriu os olhos, achando os jornaes, que Julião deixára amarfalhados no chão, junto á cama, tomou-os procurando, com ancia, a quarta pagina. Lá estava, em grandes letras negras, o titulo da opera: *Tannhaüser*. Não se contentou com isso, leu todo o annuncio minuciosamente: os nomes das personagens e dos interpretes, as referencias á orchestra, aos córos, ao corpo de baile, aos scenarios, ao guarda-roupa, ao preço dos bilhetes, a hora do espectáculo, antegozando o prazer daquella deliciosa noite tão longamente desejada.

Saltou da cama descalça e, abrindo uma das janellas, teve um grande desanimo vendo o céu pardacento, amontoado de nuvens, numa ameaça de chuva.

Esteve a olhar com tristeza acompanhando o vôo assanhado das andorinhas; repentinamente, porém, lembrando-se do vestido rendado que recebera na vespera, á noitinha, quiz vê-lo. Abriu o guarda-vestidos, tirou o cabide, examinou vagarosamente a saia, depois o corpinho que tão lindo lhe ficára no corpo. Estava nessa contemplação quando um raio de sol descorado, lentamente, preguiçosamente se foi estirando pelo soalho. «Graças a Deus!» exclamou e ficou a sorrir para a luz que lhe beijava os pés descalços, invadindo o quarto, subindo pelos moveis, fulgurando nos espelhos. Correu á janella: o céu desanuviava-se, neugas de azul appareciam como promessas de bom tempo, cigarras cantavam no arvoredos e o sol ia-se tornando mais vivo, mais dourado, mais quente — a luz alastrava vencedora e as nuvens lá iam silenciosamente como uma téla escura que se enrolasse descobrindo o sereno, o admiravel, o bem querido céu. Julião, entran-

do no quarto e vendo-a á janella com o cabide do qual pendia o vestido, não poudo conter o riso:

— Êstás a pedir sol... Ella voltou-se risinha:

— Pudera! E pendurou o cabide fechando o guarda-vestidos. Se chove, Julião...!

— Não chove, descança. Effectivamente o dia tornou-se limpido, e uma brisa agradável refrescou a tarde. Quando Julião chegou para jantar, ás cinco, já encontrou Isaura penteada e toda a sua roupa estendida no divan: as calças, o collete branco, a casaca, uma camisa bordada. Na cama estava a toilette de Isaura — das meias á mantilha, era só vestirem-se.

— Êstás anciosa, hein?

— Não, é para não andar, á ultima hora, procurando aqui e ali. Não me quero fazer esperar; se fôssemos sós... Julião estava derreado, tivera um dia trabalhoso, dum lado para outro, a bond, a tilbury:

— Eu vou a esse espectaculo porque emfim...

— Ha enthusiasmo na cidade, Julião?

— Parece. Fala-se muito da prima-donna.

O tenor não é lá essas coisas, disse-me o Dutra que esteve hontem no ensaio. É, depois dum bocejo: Sabes quem está mal? o Helvecio: deu uma queda, feriu-se. Pobre homem! Ahi está um que devia morrer.

— Queres que mande servir o jantar?

— Já?! espera um pouco, deixa-me tomar folego. Tirou o casaco, o collete e, arregaçando as mangas da camisa, vertendo algumas gottas de perfume nagua, mergulhou as mãos, banhou o rosto voluptuosamente.

— Que imprudencia, Julião!

— Qual imprudencia! Estou afoguedado; isto faz bem.

Ao estampido do tiro das oito Isaura, que debicára ligeiramente á mesa, já prompta, poz-se a calçar as luvas diante do psyché. O coração batia-lhe precipite, numa impaciencia e o tic-tac do relógio como que se tornava mais forte, a prevenil-a que o tempo corria. «É essa gente que não vem...» murmurou.

— Ainda é cedo, disse pausadamente Julião, que fumava, sentado junto á janella, lançando-lhe um olhar ao corpo esbelto, ondulante sob as rendas caras do vestido.

Via-lhe as brancas espaduas, o roliço peçoço encadeado numa gargantilha de perolas, os braços fortes que a pellica comprimia e, quando ella se voltou com o braço esticado para que elle lhe abotoasse a luva, sentiu no coração um abalo violento, terrível como um presagio, vendo-lhe o collo alto, duma carne moça sob a pelle macia e alva, arfando tumidamente como numa anciedade de gozo.

— Vais muito decotada, Isaura... admoestou baixinho para que a criada, que recolhia as roupas, não ouvisse. Ella baixou os olhos sobre o collo, examinando-se:

— Nem por isso...

— Pois sim...

— Tremiam-lhe os dedos incertos e, sentindo a carne resistente que se revoltava contra o aperto, um estranho cuidado preoccupou-o: «Não fôsse elle perdel-a!» E arrependia-se das antigas violencias, dos seus arrebatamentos, com um desejo humilde de prosternar-se adorando aquella belleza, que parecia contemplar pela primeira vez como se, numa transformação, a mulher casta, a esposa modesta e simples, resignada e servil se houvesse muda-

do na amante imperiosa e voluvel, dominando pelos caprichos, impondo-se pelos artificios, fazendo-se amar pela carne e pela graça rebuscada do andar, do olhar, do falar, do sorrir. O perfume que ella exhalava era como o de uma flôr venenosa que entontecia e allucinava, o seu halito era morno e cheiroso e, á luz quente do gaz, os seus cabellos louros ardiam como uma aureola.

Quando ella se afastou airosamente levando de rasto a cauda do vestido mais se lhe aggravou o cuidado: «Não fôsse elle perdel-a!» Ali, sem conhecer o esplendor da vida, as pompas e as seducções do exterior, não era difficil mantel-a honesta — que podia ella de-sejar se vivia na ignorancia de tudo, tendo um acanhado horisonte e concentrando toda a felicidade na alegria pequena da sua casa?

Ia para a liberdade como uma ave que fugisse da gaiola voando, pela primeira vez, livremente, atravéz dos espaços, de surpresa em surpresa, vendo a vastidão frondosa das florestas, a viride largueza florida dos campos, a altura vertiginosa das montanhas, a profundidade ennevoadas dos valles, os grandes rios,

as quédas d'aguas e contemplasse as manhans em pleno céu e visse todas as estrellas das noites, ouvindo reclamos apaixonados e offer-tas amorosas de ninhos dependurados de ramos em flôr. Tornaria ao carcere a ave fugi-tiva? E era elle, elle proprio, quem lhe ia mos-trar a seducção, era elle quem sahia com ella pelo caminho perigoso, expondo-a, dando-lhe a provar o pernicioso fruto da vaidade.

— Como achas o vestido, Julião?

— Bem feito; respondeu seccamente, accen-dendo um cigarro.

O rodar dum carro alvoroçou-os. «Estão ahi os velhos;» disse elle erguendo-se. A cria-da correu ao gabinete e voltou apressada com a noticia:

— É seu Salustio, minh'ama.

— Queres que mande entrar, Julião?

— Não vale a pena.

— Então vamos. Tomou a capa que o ma-rido lhe pousara sobre os hombros, sacudiu-se nella como uma ave a refrescar as pennas na-gua e pregava a mantilha quando a voz cheia de Salustio trovejou na sala de jantar:

— Ainda não, creaturas?

— Estamos promptos! disse Isaura apresada, mirando-se, e Julião, vestindo o macfarlane, pondo a cartola, tomou a bengala e desceram.



MULTIDÃO compacta apinhava-se em frente ao theatro, carros chegavam atropelladamente, num forte rodar, com os animaes reluzindo de suor, as narinas afflantes. Bonds despejavam passageiros, senhoras agasalhadas em capas de luxo, com as mantilhas em coifa sobre os cabellos entrevistos em negror ou em ouro atravéz das finas malhas da renda; homens muito espigados, com os capotes abertos abandonadamente deixando vêr os lustrosos e tufados peitilhos, com o lampejar duma pedra accesa entre os bordados e a flôr engastada na botoeira da casaca. Carros rompiam lenta, difficilmente a mul-

tidão curiosa; abriam-se as portinholas e, numa festa de risinhos e garrulices, surgiam cabecinhas inquietas, corpos em curva e logo um pé sorrateiro mostrava-se, muito esguio, e, finalmente, com um relumbrar de sedas, um faiscar de pedrarias, senhoras saltavam e, apoiando-se ao braço dos maridos, aconchegando as capas ao collo nú, com receio e recato, os rostos quasi velados pelas mantilhas, em passo miudo e trepido, passavam indifferentes por entre as alas do populacho e entravam respirando com desafoço.

Outros carros chegavam e, sem descontinuar, a fila vagarosa adiantava-se perdendo-se ao longe na escuridão, que as lanternas picavam luminosamente.

Por vezes uma onda refluia com surdo rumor, cocheiros bradavam retesando as redeas para sopear os animaes, que arremettiam espantados; e eram gritinhos, corridas assustadas, empurrões, protestos e a patrulha chegava a trote, passando e repassando, a abrir claros na turba.

No vestibulo, duma fulguração que deslumbrava, era um fervilhar estonteante. As

casacas agglomeradas manchavam a claridade duma alastrada sombra, com um destaque muito vivo dos claros peitilhos, as cartolas luziam com um brilho macio, de seda e, atravessando ligeiramente aquelle vasto negror, as toilettes claras das senhoras, com recamos d'ouro e scintillações, faziam um deslumbrante contraste.

Para um lado e para outro era um desfilar de casaes, de familias, todos correndo com a mesma anciedade; em grupos faziam-se referencias aos cantores que estreavam, recordava-se com saudade «o outro tempo» lembrando-se nomes gloriosos de artistas que ali haviam sido acclamados em noites memoraveis.

O botequim regorgitava e, perpassando preguiçosamente, com uma voz lamentosa, um rapazola offerecia confeitos.

Quando Isaura atravessou a porta pelo braço de Salustio, tremula, numa emoção que se trahia no olhar assustado e vago, no gesto indeciso, no sorriso fixo, cerraram-se curiosamente as alas dos perfilados, os pince-nez fuzilaram, os olhos accenderam-se cúpidos e, como Salustio se detivesse um instante, á es-

pera de Julião e de D. Januaria, houve um curto minuto de extase e não passaram despercebidos á Isaura os elogios, bem os ouviu, ardentes, posto que surdos, como que segredados. Cahiam-lhe em cheio, ella sentia-os e vexava-se. O seu maior soffrimento era o receio de que Julião ouvisse as indiscretas palavras, que sorprendesse aquelles olhares abraçados, de sorte que, quando D. Januaria se aproximava, foi ella a primeira a mover-se esforçando-se por libertar-se, fugir áquelle assedio, passar além, desaffrontar-se. Salustio sentia-lhe os arrancos: «Vamos devagar, filha; temos tempo.» D. Januaria explicou a sua parada: «que a franja do seu chale se havia prendido ao botão da capa dum homem, á entrada.» Riram, menos Julião, que se conservou taciturno, a olhar Isaura que apanhava o vestido para subir as escadas.

Chegavam ao camarote quando a campainha começou a retinir, annunciando o primeiro signal. Isaura, deixando a capa e a mantilha nas mãos de Salustio, ao vêr-se áquella claridade, teve um movimento de pudor retrahindo-se ao fundo como vexada do decote que

lhe parecia quasi uma nudez; abriu o leque e protegeu-se recatadamente.

Julião, immovel, mirava-a com despeito, remoendo um odio surdo que, nascendo naquella carne alva e casta, ia alcançando a quantos appareciam enchendo o immenso recinto, confundindo-os no mesmo horror, na mesma desconfiança, como se toda aquella gente tivesse os olhos cravados nella a desejal-a, a sentil-a, a gozal-a, trahindo-o.

Rapazes, que passavam pela corredor, detinham-se diante da porta entreaberta, a pretexto de conversa, espiando; dos camarotes contiguos irradiavam olhares de admiração, sussurrava-se sobre a magestade daquelle collo, sobre a luz meiga daquelles olhos, sobre o fulvo chammejar daquelles cabellos fartos, sobre a airosa curva daquelles quadris, sobre o porte esbelto, sobre o sorriso gracioso e ingenuo que lhe abria uma covinha em cada face. Cabeças inclinavam-se e, dos camarotes fronteiros, eram binoculos assestados, pessoas que se moviam curiosas de vêr. Senhoras mostravam-n'a, d'olhos fitos nella, as cabecinhas juntas, com segredinhos por traz dos leques.

Na platéa, que era como um vasto pateo ladrilhado a côres, a mesma emoção corria, communicativa e rapida — de lá também espiçavam-se binoculos como se a procurassem, mostravam-n'a; das torrinhas derreavam-se para vê-la, e ella, timida, sem sentir o encanto amoroso que infundia, olhava o velario purpureo, arrepanhado em dobras amplas, olhava os fôcos electricos, que piscavam com um borbulhar chiante, olhava os camarotes onde leques afflavam de leve sobre collos também nús, orvalhados de pedrarias. O ar morno adensava-se; um murmurio escachoava incessante e, constantemente, abriam-se camarotes, entrava gente na platéa e era um continuado cahir de capas descobrindo espaldas, petrinas tremeluzentes, rutilas gargantilhas, braços admiraveis.

Na platéa, homens, de pé, circulavam o recinto com os binoculos — trocavam-se cumprimentos, sorrisos correspondiam a sorrisos e, das torrinhas, num referver de colmeia, partiam vozes, gargalhadas, gritos, bater de bengálas.

Morosamente os professores da orchestra iam apparecendo, tomando os seus lugares.

De novo a campainha vibrou e logo uma luz mais intensa refulgiu. As duas senhoras occuparam as cadeiras da frente e Isaura levou o binoculo aos olhos vendo então, claramente, aquella esplendida assembléa, sumptuosa como um cenaculo divino — as senhoras muito direitas, em attitudes hieraticas, como serenas deusas contemplativas e, na platéa, as claras manchas dos vestidos, o brilho faiscante das joias, a palpação dos leques.

Subito, como num estrepitoso abalar de pombos assustados, palmas freneticas atroaram e houve um clamor longo. O regente assumira o seu posto, voltou-se agradecido, inclinando-se, a abanar com os braços; ao sentar-se, porém, com um estalo secco da batuta na partitura, um silencio attento succedeu ao rumor. Aqui, ali, por entre as filas de cadeiras, surdamente, esgueiravam-se retardatarios.

O regente, lançando os olhos á direita, á esquerda, ergueu a batuta e houve um reluzir de metaes, os arcos inclinaram-se sobre as cordas, á luz branca dos reflectores. O silencio tornou-se ainda maior como numa parada de halitos e, curvando-se, com a mão esquerda

espalhada, a pairar, o maestro vibrou a batuta e, religiosamente, em sons graves, como de órgão, romperam os primeiros accóordes mysticos, longinquos.

Isaura dispersava a attenção pela sala passeiando o binoculo, a aproveitar aquelle recolhido momento em que todos se achavam sob a influencia avassaladora da symphonia estu-penda. Salustio, a mão em concha ao ouvido, inclinava-se acenando de leve com a cabeça branca e D. Januaria, numa ancia de vêr, impacientava-se com aquella musica «que não tinha fim» virando e revirando a cabeça, a procurar distracções na platéa, nos camarotes, mesmo no tecto do theatro, atravessado pelos grossos varões onde, tantas vezes, ella vira col-gaduras de seda, cabos de trapezios e escadas, no tempo dos acrobatas japonezes.

Julião, de pé, encostado á divisão, trans-figurava-se, perdia-se naquella sonoridade sug-gestiva, sonhando, recuando para as fundas idades dos extases, da crença viva, dos eter-nos amores e dos encantos. Sentia-se como arrebatado áquellas eras mortas de justas e de ladairos, de temeridades e de penitencias, de

castidade e de orgias, de chacinas e de peregrinações. Por vezes, como que fugindo ao encanto harmonioso, descia ao real — iam-se-lhe logo os olhos para a mulher, mas abru-mava-se-lhe o espirito e todo elle ficava no imaginario, suspenso num arroubo delicioso, vivendo uma outra vida, mais feliz e mais bella.

Uma ovação estrugiu abalando o theatro, o maestro ergueu-se; cruzavam-se brados, gritos esfusiavam, o clamor foi crescendo e descia das torrinhas como uma tormenta, atroando, dominando, num delirio. A sorrir, complacente, o festejado retomou a batuta e, de novo, no silencio opprimido, a orchestra atacou a symphonia. D. Januarina murmurou: «que tolice!» e, de costas para a scena, com o binoculo nos olhos, poz-se a rever as senhoras, chamando a attenção de Isaura para certas «bellezas» proclamadas, para o esplendor de algumas toilettes.

Descerrando-se o velario, com uma melodia mysteriosa, appareceu a gruta subterranea da Venus germanica, a antiga Holda transfigurada. Era o roseo interior do monte maldito, o monte da perdição, inferno lasso de volupia.

Ao fundo, nas aguas ceruleas dum lago, coalhado de nenuphares rubros, cantavam sereias e a deusa, mollemente reclinada na sua concha materna, sob um esparavél de flôres, em languido abandono, o corpo ondulando sob neblinas de gaze, contemplava Tannhäuser, poeta errante, que, de joelhos, harpa em punho, jazia captivo dos amavios sensuaes. Bacchantes romperam do fundo mal tocando o sólo, ageis, trefegas, como um bando de libellulas esvoaçantes, brandindo thyrsos floridos, num bailado fugace. Repentinamente, erguendo-se, Tannhäuser, accordando a harpa num arrojado de inspiração, entoou, fremente e energico, o louvor da volupia.

Julião sentou-se e, cruzando as pernas, com um cigarro apagado entre os dedos, indifferente a tudo, empolgado pela idéa perseguidora, enquanto o poeta damnado, numa saudade viva da terra, enfastiado do gozo insano, reclamado pela Dôr Humana, repellia a deusa e as delicias da sua gruta de amor, elle, intimamente, comparava-se a Tannhäuser: tambem tinha a sua Venus, tambem tinha a empusa captivante, era ella: Lucia, a esposa mor-

ta que o attrahia, que o chamava, incutindo-lhe no espirito tantas idéas sinistras como se quizesse incompatibilisal-o com a vida para o possuir todo e para o sempre.

Passou a mão pelos olhos e estremeceu num sobresalto como se acordasse dum sonho mau. As vozes dos peregrinos vinham soando ao longe. Salustio cantarolava baixinho o côro conhecido. Julião levantou-se — tinha diante dos olhos o valle gracioso de Wartburgo: lá estava o severo castello ao fundo, alcandorado no monte, com os torreões negros destacando-se fortemente no céu claro da madrugada. Um pastor, na ponta do penedio, soprava a doçaina e Tannhäuser, atordado, sentindo a terra verde, a frescura do ar, o perfume das flôres, vendo o céu, reconhecendo o solar alpestre e o cruzeiro rustico, abrindo-lhe os largos braços como num aceno misericordioso, curvava a fronte ao peso do remorso, reconciliando-se com a vida e com Deus, arrependido do seu delirio, almejando o perdão e a paz. Isaura voltou-se risonha e, vendo-o arredado para o fundo, com uma tristeza no semblante, perguntou:

— Estás sentindo alguma coisa?

— Não.

— Porque não chegas a tua cadeira para cá? ha lugar.

— Não, estou bem aqui, conheço a opera; fica á vontade. O canto religioso encheu tonitruosamente a scena e os peregrinos, em longos bureis escuros, empunhando cajados, appareceram no alto da ladeira que descia para o valle, atravessando lentamente para a bemdita jornada á cidade santa. Do penedio agreste a doçaina do pastor respondia com a aria bucolica ao côro mystico e tudo foi morrendo na distancia tristonhamente, perdidamente. Sons de trompas de caça rolaram no silencio do valle.

Julião, com um bocejo, explicou a Salustio: «São os poetas e o landgrave...» E sentou-se de novo, abatido de tedio, o cerebro nublado e foi quasi com surpresa que ouviu as palmas annunciadoras do final do acto. Isaura, enlevada, murmurou: «Que belleza!» D. Januaria referiu-se apenas ao côro dos peregrinos, para o mais teve um expressivo alongar de labios.

Ergueram-se. Todo o theatro borborinha-va num escoamento rapido — as senhoras levantavam-se nos camarotes, reuniam-se ao fundo, sahiam para os corredores. Na platéa era um perpassar ancioso; ficavam filas de cadeiras vasias; aqui, ali um grupo de senhoras, homens de pé passando em revista a concorrência. Trocavam-se impressões, estabeleciam-se parallellos. Salustio offereceu refrescos, sorvetes; propoz uma volta para tomarem um pouco de ar «que o camarote estava uma fornalha!»; e discutiam, o velho a contrariar a «casmurrice» de Julião, que achava tudo aquillo enfadonho, affirmando preferir o silencio da sua casa, a companhia dos seus livros e um pouco de céu estrellado visto da larga janella do seu tranquillo gabinete a todo aquelle bulicio do theatro. As senhoras arranjavam-se para sahir quando bateram, de leve, á porta; Salustio abriu: era Lucio Mendes.

Muito escoreito na sua casaca, com uma grande rosa á botoeira, a sorrir, todo curvado, pedia licença para apresentar os seus respeitos ás senhoras. Um perfume forte de violetas espalhava-se em torno d'elle e os seus ca-

bellos lambidos, collados á cabeça, reluziam como uma celada muito justa e polida. Julião sorria ironico e Isaura, estendendo friamente a mão ao gamenho, lançou um rapido olhar ao marido percebendo immediatamente o seu desgosto.

— Não parece mau o conjuncto, que dizem? Julião encolheu os hombros, indifferente. Lucio ficou um instante silencioso, embaraçado e todos em torno, calados, pareciam contrafeitos.

— A senhora é que está fazendo um successo, disse elle, por fim, dirigindo-se á Isaura; um verdadeiro successo! Eu não os tinha visto, foi preciso que o meu visinho de cadeira chamasse a minha attenção para o camarote. Reconheci logo e cumprimentei; não viram...

— Não, não vimos...

— Cumprimentei... Voltou-se para Julião e, vendo-o frio, com o olhar perdido, ficou atarantado e afastou-se como para dar passagem ás senhoras: Iam sahir?

— Sim, apressou-se Salustio em affirmar, iamos dar uma volta, isto aqui suffoca.

— Está quente, na verdade; muito quente;

e foram sahindo. D. Januaria interrogou Isaura:

— Que tem Julião?

— Não sei; é sempre assim.

— Que genio de creatura!

— Detesta esse pobre rapaz, porque entende que anda sempre a cercar-me de cuidados. Se fôsse só commigo, mas elle faz isso com toda gente.

— Foi sempre assim, desde pequeno. Menino ainda já se lhe notava a tendencia molle que se transformou nessa mania prestativa. É um inoffensivo. Pobre Lucio! O que elle quer é que o tenham como o typo mais popular da cidade. Que mal ha nisso? Julião tem ciume delle?

— Parece.

— Ora! Sahiram. Ao longo do corredor e do salão, quasi em penumbra, tão escassa era a luz, passeiavam senhoras e grupos de rapazes; ás portas dos camarotes trocavam-se cumprimentos, recebiam-se visitas. Isaura tornou-se logo o alvo de todos os olhares — subiam elegantes para vê-la de perto, formavam alas e ella seguia muito chegada á D. Januaria,

como numa necessidade de defesa. Lucio Mendes fazia-se muito intimo para que o vissem e, com um ar de orgulhoso triumpho, relanceando superiormente a turba extatica, exhibia a sua familiaridade com aquella creatura soberba que, de todos os extremos do theatro, arrastava admiradores da sua rara e serena belleza e do seu garbo senhoril.

Julião tinha impetos de o sacudir longe, num repellão violento, quando o via inclinar-se respondendo a uma pergunta de D. Januaria ou prestando uma informação á mulher. Seu nome, que partira, num gritinho, dum grupo ruidoso de moças, chamou a attenção de Isaura que se voltou a tempo de acolher Ignezinha, sempre alegre e estroina, muito elegante num claro vestido de seda aljofrado de contas, os cabellos frisados, as faces dum rosado sadio, que se precipitara para beijal-a:

— Ó minha bellezinha! como estás linda! e beijava-a, e apertava-lhe as mãos, afastando-a, com os braços estendidos, para admiral-a. Meus parabens, doutor! Pode orgulhar-se de possuir uma mulherzinha, e apinhando os dedos enluvados atirou um beijo a Isaura, rom-

pendo logo a rir, um riso crystallino, sonóro, que vibrava. Tomou-lhe o braço e, arrebatadamente, numa conquista, partiu com ella pelo salão. Julião teve um sorriso amavel, Lucio Mendes, como se houvesse soffrido uma desfeita, ficou num atarantamento, a sorrir, repuxando as luvas. D. Januarina repetiu com um risinho tossido o que sempre dizia de Ignezinha: «É a propria alegria, essa moça. Perto della não ha quem possa manter o sério.» Salustio achava-a uma «pagodista de marca.» Lucio explicou:

— É a mocidade.

— Qual mocidade! E as outras moças que andam por ahi encolhidas como frangas á chuva. Qual mocidade! é bom genio, é saude. E ao fundo do salão vibrava o riso de Ignezinha, que segredava confidencias á Isaura, passando e repassando por entre os grupos com uma indifferença superior.



XXI



QUANDO, enfim, depois daquellas horas lentas e fatigantes sentindo o assedio da turba detestada, Julião achou-se no interior do *landau*, ao lado de Salustio, em frente ás senhoras, rodando para a casa, sentiu um desabafado allivio como se escapasse á injuria duma assuada, á affronta duma deshonra vil. Tornou-se expansivo, falando do tenor, que só era supportavel nos agudos, emittindo detestavelmente as notas graves, todas nasaes, desafinadas por vezes, criticando a miseria dos scenarios e do guarda-roupa, exprimindo-se com ironia sobre a

prima-donna: um fardo de banhas flaccidas e vesga como a propria inveja. E as coristas: hediondas, magras, sarapintadas, magnificas para figurarem no sabbat do *Mephistopheles*. Salustio discordou taxando-o de exigente: queria que lhe dissesse se ia ao Lyrico para ouvir as vozes das artistas ou para admirar os corpos das mulheres. Isaura gabava sem reservas achando a opera «uma belleza» e D. Januaria, que bocejava, «com saudades do Paulo, morta por vêr-se em casa», suspirou por Mancinelli. «Qual! como aquelle...!» e declarou que não podia com as taes coisas de Wagner, preferia a todas as suas complicadas maravilhas a simplicidade suave de uma *Norma* ou de um *Trovador*. Do Tannhäuser o côro e aquelle melancolico romance do barytono, no terceiro acto.

— È a marcha então? a marcha do segundo acto, Januaria?

— Mil vezes a do *Fausto*! Carros passavam á disparada pelas ruas adormecidas atroando o silencio; bonds subiam apinhados. Salustio lembrou, para a recita seguinte, uma visita ao Alonso, um visinho, que enchia uma frisa

com cinco filhas magras e a mulher esgrouviada e livida, com uma espessa mascara de pó de arroz cavada em dois olhos baços. Isaura aventurou timidamente a idéa de irem ao *buffet*, apenas «para vêr.»

— Vai-se ao *buffet*, porque não? garantiu Salustio, e, a rir, lembrou Lucio Mendes. Homem, de casaca é mesmo um gafanhoto! exclamou.

— Muito ridiculo, acrescentou Julião.

— Mas boa alma, garantiu o velho, excellente amigo. Ê doido por ti e tu não lhe dás attenção, nem lhe falas.

— Irrita-me aquella preocupação de elegancia, de galanteios, sempre a arrastar os pés em zumbaias, a offerecer flôres e confeitos, com elogios melosos. Não é de homem.

— Ora! não é de homem... Tu, como és um seccarrão, entendes que todos devem ser lugubres. Desde que elle saiba manter-se dentro do respeito, que tem que diga as suas frases e que ande com *bouquets* e cartuchos? Eu acho-lhe graça.

— Eu tambem, disse D. Januaria do fundo do carro e, de repente, num tom de arrependi-

mento: Ah! Salustio e nós que nem uma bala levamos para o pequeno!?

O carro entrou estrepitosamente na rua Silveira Martins, calada e dormida. Isaura puxou a mantilha para o rosto, ajustou a capa e, com um beijo, despediu-se de D. Januaria agradecendo-lhe os cuidados e, para Salustio: «Então até depois d'amanhan. Boa noite!» Já na calçada recommendou: «Beijinhos ao Paulo». E o carro partiu em disparada.

A criada não se fez esperar, entraram. No ar frio da noite fluctuava um doce perfume de jasmims e Isaura, atravessando a estreita passagem, sentia as folhas pendidas dos tinhorões, ao longo da banquetta, que lhe roçavam, de leve, pelo vestido como numa carícia. «Ha magnolias abertas», disse sorvendo o aroma errante e Julião, que a seguia em sonoros passos pelo cimento, concordou: «Parece...»

Quando se acharam na sala de jantar mingudadamente alumiada, Julião sentiu-se desoprimido e respirou largamente dando toda a luz ao gaz. A claridade tirou scintillações dos crystaes e das pratas, o canario, que dormia

encolhido, moveu a cabecinha com um pio tremulo.

Isaura estava anciosa por vêr-se livre daquellas roupas e, arrepanhando cuidadosamente o vestido, rejeitou o vinho do Porto que Julião offerencia e lançou-se, com pressa, á escada, seguida da criada.

Só, na sala silenciosa e clara, onde um grillo impertinente trillava sem descontinuar, Julião encheu um calice de vinho e poz-se a beber lentamente, recapitulando a noite toda tomada pela mulher. Não era o espectaculo, não era a sala, não era o esplendor radiante daquella concorrida estreia, nada do que fizera a gloria daquella noite, entre todas memoravel, que lhe dava aquella satisfação intima, aquella vaidade grande, um tão intenso prazer — era ella, ella sómente, ella que triumphara, deslumbrando, impondo-se como uma deusa, admirada, invejada, desejada. Rolando o calice entre os dedos, d'olhos no oleado que reluzia, pensava, com um orgulho perverso, nos desejos que ella havia accendido.

Quantas fortunas rolariam a seus pés se ella quizesse! Quantos dariam a vida por um

só dos seus beijos e via-os, a elles, os adoradores, via-os na téla vaga duma reminiscencia parados, de olhos fitos, retidos no espanto, ouvindo-lhe a doce voz, tão afinada em meiguice, disputando-lhe o olhar duma luz tão suave, seguindo-a com a alma naquelle passo sereno em que ella se conduzia como se fôsse aereamente, num defluir de nuvem. E ella lá estava em cima, ouvia-lhe o andar surdo, macio, pelos tapetes altos.

O relógio bateu, com vagar, uma hora. Isaura chamou-o:

— Sóbe, Julião. Elle levantou-se, esvasiou o calice e subiu. A criada descia, cruzaram-se na escada.

Isaura, em camisa, os pés nús no pellêgo, desfazia o penteado ao espelho. Toda a sua carne parecia dourada e um tépido aroma sahia-lhe do corpo formando uma atmosphera lubrica no quarto. Julião poz-se a despir-se com arrepios e, quando os cabellos, livres dos grampos, rolaram soltos e ella derreou e sacudiu a cabeça espalhando-os, elle deteve-se tolhido, ficou a olhar, num extase mudo. Vendo, porém, que ella os repartia para apertal-os

em trança, esteve para pedir-lhe que os deixasse naquella soberba e ampla liberdade, ondulantes e luminosos, mas encolheu-se num vexame casto, retrahiu-se num pudor delicado, acompanhando-lhe o movimento dos dedos ageis, como fusos de marfim naquella meada de ouro, até que a fita ligou a ponta da grossa trança e Isaura aproximou-se do lavatorio, onde a criada já havia deixado a agua perfumada e, mergulhando as mãos, baixando a cabeça, poz-se a refrescar o rosto, depois enxugou-se e respirou satisfeita. Elle estendia a roupa, olhando-a.

Linda naquella transparencia excitante da cambraia Isaura caminhou para o leito muito alvo, d'almofadas altas, sob o docel vermelho e ouro, sentou-se cruzando as pernas, ficou um instante de cabeça baixa, immovel, persignou-se e, puxando a trança para o collo, que tremia, deitou-se encerrando a cabeça num halo feito com os braços nús e assim, sorrindo, esticada, como a offertar-se, bocejou alto, preguiçosa e com somno. Julião caminhou para o gaz e fechou-o, mas um raio de luar muito branco penetrou indiscreto. Elle então diri-

giu-se para o leito onde Isaura sorria como no começo dum sonho.

De espaço a espaço, no silencio, ouvia-se a voz do mar, profunda.

XXII

LSAURA, muito quebrantada da noite mal dormida, rolava ainda na cama quando a criada appareceu com uma carta que recebera do correio. Tomou-a estremunhadamente, mas reconhecendo nas garatujas do sobrescripto a letra do coronel, rasgou o envelope, com uma exclamação feliz: «É de papai!» e, sorrindo, mais commo- damente estirada, desdobrou a larga folha de papel enxadrezado.

O velho queixava-se do seu silencio, levando-o á conta de esquecimento. Eram poucos os minutos que lhe sobravam das festas, dos

espectaculos, das constantes visitas para que ella pudesse consagrar um curto intervallo aos que lá estavam pensando nella, preocupados com ella. Tinha informações detalhadas da sua vida e felicitava-a pelo successo que fazia no Lyrico, onde era apontada por todos como a mais formosa e gentil. O frio tornava-se insupportavel naquellas terras altas; as noites eram bravias, com um ventosinho cortante que doía nas carnes, as manhans acordavam geladas e neblinosas e só muito tarde, lá pelas nove horas, o sol conseguia romper o nevoeiro que punha uma tristeza de velhice nos serros. A velha gemia com o seu rheumatismo aggravado pela humidade. D. Marianna, sempre enrolada em flannels, com o livro de Horas e um chá para combater o flato, suspirava pelo Rio, pelo sol do Rio, pela alegria do Rio, por tudo que não fôsse Valença ou de Valença, e a baroneza, que se sentia gelar, fazia as malas, á pressa, afflicta por vêr-se em um canto onde houvesse agazalho e calor. Estava com vontade de passar o inverno na sua chacara de Santa Rosa, perto do mar, com o Carlos, que ainda soffria. Elle já escrevera ao Loyola para

que lhe arranjasse uma casa ou aposentos numa pensão tranquilla, pelas alturas do Cattete, perto della; não quizera incommodar o genro, porque sabia que elle tinha todas as horas tomadas. Ella que os esperasse em fins de Julho ou em começos de Agosto.

Num post-scriptum, em letra miuda, D. Candida desabafava-se em queixas amargas «que podia morrer sem que ella soubesse, que ella já não era a mesma, que o Rio lhe havia roubado a filha e, com a minuciosidade de uma caseira escrupulosa e fiel, referia miudamente todos os acontecimentos da fazenda — desde o começo da moagem até o surgimento alegre duma ninhada no terreiro. E a carta terminava com promessas largas de passeios e noitadas em theatros porque, apesar de velhos, elles tambem gostavam do que é bom.»

Isaura releu aquellas linhas saudosas e, sorrindo, ficou a pensar nas referencias ás idas ao Theatro. Quem lhe teria escripto? o Loyola, sem duvida ou algum outro amigo de quem se não lembrava; talvez mesmo alguem de Valença, que andasse pelo Rio, fugindo ao inverno, a gozar a estação.

Resolveu responder logo com arrependidas frases, desculpando-se da sua preguiça, não porque receiasse perder o amor dos pais, mas para que elles lhe dissessem o nome do indiscreto informante, tirando-a daquella afflicta curiosidade. Levantou-se com um longo espreguiçamento e, retorcendo-se, bocejando, empurrou uma das persianas recebendo em cheio, nos olhos, a luz offuscante do sol.

Compromettera-se a ir jantar com Salustio, que fazia annos, e sentia-se tão indisposta, tão alquebrada que o seu desejo era ficar na cama a rolar, modorrando, sentindo a caricia dos linhos tépidos, com a cabeça afundada nas almofadas molles.

Julião trabalhava. Levantara-se muito cedo, ás cinco e meia e sahira para o gabinete. Andava reservado e triste como numa preocupação, entretanto parecia mais meigo. Ás vezes ella o surprendia pelo espelho a contemplal-a, numa adoração, mas fugia a todas as conversas e, se ella o procurava, tinha sempre desculpas para arredal-a: o estudo de certo medicamento novo, uma carta urgente a responder, uma comunicação interessante a re-

digir e curvava-se sobre a mesa deixando-a esquecida, como em desprezo.

Nessa manhan, porém, com a novidade daquelle carta, atreveu-se a interromper-lhe o estudo. Achou-o sentado, os cotovellos fincados na mesa, a cabeça opprimida entre as mãos, immovel. Chamou-o, elle estremeceu e, olhando-a, vexado, talvez, de haver sido surpreendido naquella pensativa attitude, pretextou «a resolução difficil dum caso» que o trazia em constantes consultas, a revolver tratados e monographias.

Isaura entregou-lhe a carta, elle poz-se a ler, impassivel. De repente, levantando a cabeça, encarou-a: «Quem lhe teria escripto d'aqui?» «Não sei,» respondeu ella encolhendo os hombros. Elle poz-se a menear com a cabeça; subito, levantando-se, repelliu a carta e caminhou para a janella, as mãos enfiadas nos bolsos, o olhar erguido, cheio de dureza e odio. Voltou-se e parou no meio do gabinete, raspando o labio com os dentes, o sobr'olho carregado. Isaura sentia a ira que lhe flammejava nos olhos.

— Vês? exclamou por fim numa voz que

silvava. Vês? Que te disse eu? os commentarios já se não limitam ao Rio, vão além, chegam á fazenda. Fala-se de ti em toda parte, discute-se o teu corpo, emittem-se opiniões sobre o teu andar, gabam-te o collo, exalta-se o teu sorriso, és o assumpto da calaçaria. Insististe, ahi tens. Comparam-te a esta, áquella. É uma vergonha! Eu já evito a rua do Ouvidor para não ser apontado, porque a minha celebridade está em ser teu marido. Os que te viram o collo, as tuas espaduas, os teus cabellos invejam-me, detestam-me como se eu lhes houvesse roubado um thesouro. Agora não dirás que são as minhas imaginações — ahi tens a carta de teu pai. Já em Valença sabem que vais ao Lyrico decotada e aqui não ha quem ignore que tens um signal na espadua. Era melhor que sahisses núa! bradou atirando gestos desabalados, a esmurrar o vasio, numa furia.

— Mas que é isso, Julião? Que culpa tenho eu? Sou a unica que se decóta? Porque não falam das outras?

— Porque? rugiu fremente, queimando-a com o olhar, porque as outras sabem manter-

se, porque não andam pelos corredores, ás gargalhadas, como qualquer d'essas mulheres que se annunciam pelo escandalo.

— Começas... Eu já estava estranhando os teus modos.

— Se a senhora se limitasse ao camarote, se não fizesse questão de passear os *lindos* hombros pelo theatro, como um excitante annuncio do seu corpo, se evitasse a companhia da tal Ignezinha e daquelle imbecil do Lucio nada d'isso aconteceria. Isaura, com os olhos inundados, muito vermelha, encarava-o offegando, contendo uma explosão de brio, sopitando a revolta da sua dignidade tão duramente offendida; tremia sentindo que as pernas se lhe curvavam e Julião esbravejava: Que não casara para aquillo. Que era um nojo! E, lembrando a morta: A outra era tão moça como tu e não se queixava da vida; contentava-se com a casa e com a minha companhia: era a perfeita esposa, a mulher do lar. Tu, não; vives com o pensamento lá fóra, em passeios, em theatros, com as carnes expostas, num interesse grande de que vejam que és bem feita, que tens a pelle rosada e fina.

Com que intenção? Que pretendes? Isso, não? e espetou a carta com o dedo hirto. Pois, minha filha, não chegamos a accordo: ou resolves-te a ser o que eu entendo que deves ser, ou então... Deshonrado, isso nunca! custe o que custar. Isso nunca!

— Mas deshonrado, como? rouquejou Isaura dominando-se. Em que é que eu te deshonro? Que provas tens tu contra mim? Que fiz eu?

— Ah! que fez! e, com um rictus estranho, abrindo os braços: Nada! a senhora é um modelo de virtudes, é uma santa. Eu sou casado com uma santa, e riu, escarninho. Logo, porém, fechando o semblante, bateu com o pé tão violentamente que houve um tremulo ranger de moveis. Commigo, não! Se quer viver livremente, á sua maneira, procure outro. Eu não! Cruzou os braços e poz-se a falar sem olhar Isaura que, encostada á mesa, remexia os papeis. De sorte que a minha casa é governada pelos estranhos, o primeiro que chega julga-se com direito de contrariar as ordens que dou e o Sr. Julião que se submeta, que se encolha. Estão enganados! Não admit-

to tutores! Nunca os admitti! Se amanha acontecer alguma coisa ninguem dirá: é a filha do coronel Figueira, mas sim: é a mulher do Dr. Julião, do idiota do Julião. Isaura não se poudo conter e, por entre jorros de lagrimas, com uma energia de que elle não a julgaria capaz, irrompeu:

— Pois sim, Podes ficar tranquillo; volto a ser a filha do coronel Figueira para que não tenhas de que còrar. É demais! e teve um gesto de repulsa diante do qual os papeis voaram da mesa espalhando-se no chão. É demais! Tenho aturado muito!

— Que é que tens aturado?

— Tudo! E, altiva, fitou-o sem receio do olhar afogueado com que elle a fulminava. Sou aqui uma escrava. Isto cança, afinal. Nem diante dos criados o senhor contem-se e injuria-me, avilta-me com as mais torpes insinuações, infama-me com as mais grosseiras palavras. Os seus proprios amigos têm o direito de desprezar-me, julgando-me, senão uma creatura vil, ao menos uma leviana, indigna de usar um nome honrado. E que tenho eu feito que justifique esse procedimento da sua

parte? essa eterna e injusta diffamação? Vivo aqui encerrada, não chego, sequer, á janella, não recebo uma amiga, não visito um parente, nem mesmo posso escrever a meus pais porque ha sempre a desconfiança de que me sirvo daquelles que mais venero para fins indignos. E, constantemente, lá vem o senhor com o exemplo da finada, a apontar-me a cova da sua primeira mulher, que era um thesouro de bondade e de virtude. Nem tanto! O senhor conheceu-me alegre, sabia que eu tinha o genio folgazão, nunca dissimulei; porque me pediu? Depois de casada, para lhe ser agradavel, contrafiz-me, tornei-me reservada e, simplesmente porque vou ao Lyrico, com o senhor, em companhia de uma familia respeitavel, são scenas e affrontas. Não, assim não! Se receia que eu o deshonne, se não tem confiança em mim, devolva-me a meus pais. A vida assim é que não pode continuar — o senhor a soffrer, eu num constante martyrio. Assim não. O melhor é acabarmos com isto.

Julião, estranhando aquella attitude da mulher, que elle se acostumara a vêr sempre ti-

mida, passiva, ficou enleiado de espanto e com uma desconfiança maior de que ella houvesse recebido propostas de alguém para uma vida regalada e de festas, com um amor mais livre, independencia larga. Olhou-a de frente, aproximou-se tremulo, com uma lividez cadaverica no rosto contrahido, sem respirar, contendo-se. Repentinamente, curvando-se, atirou-lhe á face, repetidamente, numa voz surda, um nome vil.

Isaura abriu uns olhos immensos e, descolando os labios, pasmada, arripiada, recuava e elle a perseguil-a com aquella torpeza, a escarrar-lhe a infamia ao rosto, desvairado, numa allucinação. Isaura, por fim, temendo-o, deitou a correr para o quarto e bateu com a porta dando volta á chave; elle ficou parado, hirto no corredor, numa ira que lhe escancellava os olhos, com as narinas batendo, numa canceira; o halito sahia-lhe aos silvos, o peito arfava com violencia, crispavam-se-lhe os dedos. Um fremito passou-lhe numa vibração pelo corpo e todo elle tremia; o cerebro encheu-se-lhe como dum fumo espesso, uma zoeira zumbia-lhe nos ouvidos e as pulsações

do coração tornavam-se-lhe muito fortes, atroavam.

Ficou ali indeciso passando a mão pelos cabellos, com um suor a escorrer-lhe da fronte abrasada. Isaura andava no quarto, elle ouvia-lhe os passos, ranger de moveis e pancadas seccas no soalho como de sapatos arrojadados. De novo o nome vil sahiu-lhe da boca reseccada, mas no mesmo instante recordou a mulher, com toda a graça languida do corpo, os cabellos soltos e ondulantes, linda, risonha e feliz.

Teve um arrependimento, avançou um passo, mas deteve-se e, vendo a escada, desceu lentamente, agarrado ao corrimão, sentindo as pernas tremulas e molles. A criada estendia a toalha na mesa, o canario cantava estridulamente e as cigarras ziziavam ao sol, pelas arvores. Subito um grito agudissimo atravessou o silencio — a criada deteve-se, num espanto, olhando; o soalho, em cima, resoou como á quéda dum corpo e os globos da arandella ficaram tremendo.

— É lá em cima, disse a criada precipitando-se para a escada. Julião levantou-se, se-

guiu-a, ouvindo gargalhadas que rolavam longamente, gargalhadas de louca, freneticas, irritantes. A criada batia á porta, empurrava forçando-a e, quando o viu chegar, disse apprehensiva :

— Está fechada, patrão. Elle metteu os hombros, insistiu; por fim a porta cedeu indo de encontro á parede, com estrondo.

Isaura, estendida no tapete, retorcia-se, com os punhos fechados, rilhando os dentes; o collo saltava-lhe empinado, o ventre curvava-se e as suas juntas estalavam como num deslocamento. A criada, muito nervosa, acudindo com um frasco de essencia, ajoelhou-se, tomou-lhe a cabeça, soergueu-a, obrigando-a a aspirar o perfume, esfregou-lhe as temporas, os pulsos. Isaura agitou-se com mais violencia, de olhos fortemente cerrados; mordida-se rasgando as mangas do casaco, rangia os dentes com risco de os estalar, a debater-se, a inteiriçar-se rijamente, molhada de suor.

Julião quiz levantal-a ao collo, mas abateu sem forças e foi necessario o auxilio da criada para que elle a levasse para o leito. E, comprimindo-lhe o ventre, a chamal-a, a ameigal-a,

sentia um grande peso no coração, um abafamento, até que as lagrimas lhe saltaram dos olhos e, diante da criada, sem vê-la, sem senti-la, uniu o seu rosto ao da mulher e, enternecidamente, como uma criança, beijando-a nos olhos, na boca, nas faces, pelos cabellos poz-se a chamal-a com amor, com piedade, com arrependimento, soluçando.

Quando Isaura abriu os olhos, depois dum abatido torpor, dolorida, alquebrada, Julião, que não se arredara do quarto, encarou-a entre-sorrindo, com um *pœnitet* em cada pupilla; ella, porém, como á vista duma coisa detestada e repugnante, escondeu os olhos com o braço, conservando-se immovel. Elle sentou-se á beira da cama e, de manso, no receio duma repulsa, procurou-lhe a mão, tomou-a sentindo-a humida e gelada e afagava-a quando o collo de Isaura se poz a tremer e soluços romperam sacudindo-a. Elle inclinou-se meigo, chamando-a; ella voltou-se mergulhando o rosto entre as almofadas, sem attendel-o, desafogando-se em lagrimas.

— Está bem, acabou.

— Não! È, de repente, sentando-se desa-

linhada, com o rosto vincado, os olhos vermelhos e transbordantes, declarou a arrepanhar os cabellos: Quero ir para a fazenda, amanhã mesmo. Não posso, não devo continuar aqui.

— Porque?

— Porque! exclamou atirando-se para a frente sobre as mãos, corcoveada, d'olhos apertados, fitando-o: O senhor ainda pergunta?

— Naturalmente.

— Ora...!

— É, então, o divorcio que queres? perguntou elle sorrindo.

— Não, disse calmamente. Para que nos havemos de amofinar mais? separemo-nos com um adeus, é bastante. Encontramo-nos um dia, demo-nos as mãos e juntos começamos a caminhar. No começo eram risos, veio depois um silencio prenunciando o tédio que nos incompatibilisa. Como havemos de continuar assim? Não é possível. Para que a publicidade do divorcio? para ratificar a minha resolução? não é preciso: não recuarei. Quanto á razão, essa estará sempre a seu lado, o se-

nhor tem a defesa no proprio sexo. Se o prestigio da Lei pudesse garantir-me contra a maledicencia, eu appellaria para os juizes; infelizmente, porém, a esposa que abdica, rompendo com o preconceito humilhante, deixa nas mãos do marido a propria dignidade como um refem, não se livra da pécha de infame e, ainda que accumule em sua defesa a maior copia de documentos possivel, será sempre, para o mundo, uma culpada, uma creatura de comesinho escrupulo, uma «separada do marido». A mulher, para manter a sua honra, deve ser passiva, humilde, mais servil e resignada que uma escrava, porque essa mesma, quando fugia, arrancava, dum ou doutro, uma palavra de piedade, uma justificativa; as suas sevicias bastavam para escusal-a, mas como se ha de mostrar ao mundo um coração como o meu torturado, ultrajado, dolorido? Não importa! que me apedrejem com apôdos, que me enlameem com vilipendios; a sociedade que murmure, não me chegarão aos ouvidos as suas murmurações e, emquanto eu viver, não me sahirá da memoria essa injuria com que o senhor injustamente, cruelmente me ultrajou,

ha pouco. Não, não quero ficar em posição inferior á da criada que me serve. Sim, porque se o senhor houvesse dito á Josina o que me disse já ella aqui não estaria, asseguro.

E serenamente, como em soliloquio, meneando com a cabeça, affirmou:

— Ficar aqui é impossivel, é impossivel! Julião poz-se a passeiar pelo quarto, com as mãos para as costas, assobiando baixinho. Quando ella se calou deteve-se e, olhando-a d'alto:

— Queres, então, partir?

— Certamente.

— E se eu não consentir?

— Partirei. Escreverei a meu pai para que me venha buscar.

— Teu pai não governa em minha casa. Aqui mando eu.

— De accordo; as suas ordens, porém, limitam-se ao que lhe pertence e eu, desde este momento, considero-me simplesmente a filha do coronel Figueira. Depois dum reflectido silencio, elle murmurou com ironia.

— Eu já contava com isto.

— Não parece. Estou certa de que se me

tivesse por uma mulher briosa não diria o que disse.

— Qual briosa! explodiu. Julgas, talvez, que me illudes? Pensas que não tenho percebido as tuas intenções?

— Que intenções?

— Sim, queres sahir porque, entre as propostas que te foram feitas, já te decidiste, por certo, pela mais vantajosa. Pois vai! Vai! Ella deteve-se a miral-o e, compondo-se cuidadosamente, com exaggerado recato, como se estivesse em presença dum estranho, levantou-se do leito e ia apertar o botão da campainha quando Julião, numa arremettida, agarrou-lhe o pulso. Estava demudado: os olhos ardiam-lhe e pallido, os cabellos empastados na fronte, trincando os labios, tinha uma terrivel expressão de loucura.

Isaura voltou-se energica, com um repelão, tentando arrancar-se áquella mão ferrea que a torturava; encolheu-se resistindo, descalça, buscando apegar-se ao soalho e, com a mão livre, cravando-lhe as unhas no pulso, martyrisando-o, esforçava-se, em vão, por libertar-se, elle, porém, conseguiu prender-lhe

o outro braço e arrastavam-se aos empuxões — elle querendo subjugal-a, levando-a aos arrancos para o leito, mas num assomo, revoltada, o rosto incendiado, os cabellos despeñados, escondendo-lhe os olhos, por vezes, ella o repelliu violentamente, oppondo-se.

O quarto resoava com a luta em que se debatiam os dois indo de encontro aos moveis, aos esbarros, maguando-se, sem uma queixa, os olhos nos olhos, numa furia surda. Por fim Julião, num impulso brutal, conseguiu derubal-a, mas foi tambem sobre ella e ficaram os dois travados, lutando com rugidos: elle a manter-lhe os braços apartados, como pregados á cama em crucificação, pesando-lhe sobre o ventre, sobre o collo tumido, ella a debater-se, dando com a cabeça, a espernear, torcicollosa e arquejante. «Pensas então... Pensas então...» podia elle apenas arquejar na angustia da luta, com os dentes cerrados, os olhos vitreos, desvairado, e ella respondia com um «Não!» insistente que lhe sahia aos offegos asperos, stertorosos.

Já sem forças, tremulo, elle deixou-lhe um dos braços e ella, num impeto, sorrindo sinis-

tramente, ia lançar-lhe a mão á garganta, num movimento instinctivo de defesa, quando elle recuou, num salto, e, no mesmo instante, acharam-se os dois de pé, face a face, medindo-se, alagados em suor, anciando de fadiga, mudos.

— Francamente! deixou ella alfim escapar, num suspiro e, baixando os olhos, poz-se a mirar, a remirar os pulsos arroxeados e machucados. Elle não se movia, olhando-a, com a respiração muito forte que lhe enchia o peito. Francamente!... E poz-se a andar pelo quarto procurando as sandalias; o enigma de um sorriso não lhe deixava o rosto que reluzia suado. Julião acompanhava-lhe todos os passos movendo apenas a cabeça, mas a physionomia denunciava a luta terrivel que lhe refervia nalma. Carregava-se-lhe o sobr'olho, tremiam-lhe os labios, um fremito crispava-lhe as faces por onde escorria o suor em grossas camarinhas. De repente, em subita resolução, dirigiu-se á pressa para o lavatorio, deu um safanão á gaveta abalando toda a louça e o espelho que ficou a tremer lampejando. Isaura, sabendo que era ali que elle guardava as navalhas, teve um arrepio de medo e, sem lhe

dar tempo, colhendo as saias, deitou a correr, foi d'encontro á porta, apenas encostada, escancarou-a e, descalça, pallida, precipitou-se pelas escadas refugiando-se em baixo, na sala de jantar. Elle, que tentara oppor-se á fuga, ficou como bestializado á porta, a olhar para a escada, á escuta. Quiz descer, mas uma vergonha tolheu-o, a criada lá estava, lá estava a cozinheira. Não! E caminhou para o gabinete, sentou-se á mesa e ali ficou inerte, frouxo, vasio, numa prostração absoluta de todo o ser.

O silencio era grande, a luz intensissima e, em torno d'elle, só havia azoada e sombra. Pouco a pouco, porém, como em despertar moroso, foram surgindo os pensamentos, as recordações dos factos que lhe pareciam sahir dum remoto e esquecido passado; mas, de instante a instante, num luzir de razão, revia claramente toda a scena e, num d'esses momentos, vindo-lhe ao espirito a idéa aguda da perfidia de Isaura, o abandono do lar, a preferencia por outro, a vergonha dum encontro fortuito, os commentarios ridiculos, inexplicavelmente relampejou-lhe no cerebro a idéa do

suicidio. Já divagava em outros pensares, mas como quem, de passagem, em rapido relance d'olhos, descobre um objecto curioso e, depois de haver seguido, retrocede para examinar attentamente o que apenas entrevira, elle accommodou-se naquella idéa sinistra, volveu-a, revolveu-a, brincando com um lapis sobre a pasta de couro preto.

Que se fôsse! Nem elle podia continuar a viver ao lado daquella creatura — um dos dois era demais. Criminosa ou não, elle sentia que todos a desejavam. Que lhe importava, a elle, que não lograssem possuir o corpo? que era o corpo? se elle tinha a certeza de que outros lhe occupavam o espirito? Era a elle que Isaura se entregava? não, era a um, era a outro, num adulterio cerebrino, mais torpe do que se recebesse um amante, porque fazia do seu proprio marido o instrumento d'amores ideaes, reservando-lhe apenas as funções passivas dum transmissor — elle era um meio de communicação, e só. Que lhe importava sentil-a, apertal-a, se ella procurava nelle os outros, abstrahindo o real para gozar o desejado? Não! Não! Matal-a? teve um sor-

riso apagado. Não era uma solução: o soffredor era elle, o deshonorado era elle. Que ella ficasse no mundo com a vergonha. Que vivesse! era a sua vingança. Mas, numa lucidez, calmo, repellindo aquelles desvairamentos, murmurou: «Ella não vai...»

Ergueu-se, foi um instante á janella, alegrou os olhos no parque, em sol e ali ficou. De novo a idéa de suicidio repontou-lhe no cerebro e, de repente, achou-se no corredor, diante da escada, agarrado ao corrimão; desceu. Isaura, sentada junto á mesa, sentindo-o, voltou-se desconfiada; elle tranquillizou-a:

— Não te quero matar, descança.

— Depois do que houve, ha pouco, eu tudo espero do senhor.

— Menos um crime. Sentou-se ao lado della dizendo: Vamos acabar com isto, tenho de sahir e não quero que fiques soffrendo por minha causa. Já me conheces, sabes que sou um impulsivo, capaz de tudo em momento de colera, mas em calma, sou o mais commedido e delicado dos homens. Vamos; lembra-te que temos de jantar fóra; o velho não nos perdoaria a falta. Anda, levanta-te.

— Estou com dôr de cabeça; deixe-me ficar aqui.

— Se eu te disse aquillo foi impensadamente, numa explosão. Ella lançou-lhe um olhar duro e poz-se a retorcer a ponta da toalha. Está tudo acabado, não é? e procurou afagal-a passando-lhe o braço pelos hombros, attrahindo-a. Perdôas? Ella sentiu um affluxo de piedosa ternura, mas conteve-se, calada. Bem, vou vestir-me, tenho muito trabalho hoje. Está tudo acabado, não é verdade? fala! Ella suspirou:

— Não sei... e poz nelle os olhos baixando-os logo, timidamente.

— Não sabes? prenderam-se num longo e silencioso olhar; elle aproximou-se: Sê franca, tu estás aborrecida de mim, dize. Os olhos della foram-se enchendo d'agua e duas lagrimas compridas rolaram sobre a toalha. Julião fez-se livido e, sem conter-se, numa certeza horrivel, agarrou-lhe os cabellos; ella poz-se de pé. Mas foi tudo instantaneo porque elle logo a deixou, caminhando vagarosamente para a escada. Parou em meio da subida e chamou-a: «Isaura!» não teve resposta; in-

sistiu: «Isaura, olha que te arrependes, vê lá!» e a idéa sombria do aniquilamento esvoaçava, perseguindo-o: «Isaura, não teimes; sóbe». Ella resistia, posto que se sentisse abalada, mas o medo prendia-a, o medo duma traição: aquellas frias navalhas que lá estavam, em cima, talvez promptas, abertas, luzindo sobre a mesa. E revoltava-se contra aquella injustiça, a sua innocencia insurgia-se contra a suspeita vil. A criada passou com um pellêgo. «Isaura!» chamou Julião, já em cima.

— O patrão está chamando, minh'ama.

— Já vou; e deixou-se estar. O seu desejo era sahir, recolher-se a uma casa amiga, de onde escrevesse ao pai para que a viesse buscar; e repassava todas as suas relações: D. Januaria, Amancio, a velha Laura, Ignezinha, a familia do Gomes, na Gávea; uma prima, que morava na Tijuca, o Loyola... Sim, o Loyola. Ali ficaria perfeitamente, entre aquelles mansos velhos, na chacara do Andarahy, á espera dos seus. Tomaria um carro, com algumas mudas de roupa branca, deixando o mais para que elle não pensasse que se queria enfeitar com as suas dadivas. E se o Loyola se

houvesse mudado? Via-se perdida, dentro de um carro, a errar sem destino pela cidade, com uma trouxa e faminta, olhada por todos, reconhecida talvez. Ali perto, não. Á casa de Ignezinha elle iria buscal-a e toda a visinhança saberia do escandalo antes que ella houvesse, para o sempre, desaparecido, porque tencionava não tornar ao Rio, nunca mais! Envelheceria, acabaria esquecida na fazenda, entre a sua gente e as arvores; levaria a vida reservada e modesta duma viuva fiel. Viuva fiél... de novo as lagrimas subiram-lhe aos olhos. Deixal-o para o sempre, não o vêr mais, nunca mais! não o sentir, achar-se só a todas as horas... Mas como ficar ali? elle mesmo havia de reputal-a uma desbriada depois daquella affronta e, certamente, acorçoado pela subserviencia, faria peor mais tarde. Não, era necessario sahir, fugir, viver longe, embora tivesse de voltar, ao fim de um anno, depois de o haver humilhado, de haver, com aquella sahida, provado o seu resentimento, desaggravando-se da injuria. O Loyola guardaria segredo, os pais fariam silencio em torno do acontecimento, mas as criadas?

Josina sacudia fóra o pellêgo e na cozinha era um baquetar estrepitoso. Aquellas duas espalhariam pela visinhança o caso e como, sem duvida, haviam ouvido o rumor, talvez até houvessem subido para escutar á porta, descreveriam a luta com pormenores mentirosos: abatendo-a ao peso da mão do marido, mostrando-a de rojo, no chão, espinhada, a chorar, pedindo perdão de mãos postas, numa humildade aviltante.

Depois de um longo pensar encolheu os hombros, resignando-se a tudo: «Ficar, não! isso não! Já hoje ameaçou-me, mais tarde não terá escrupulo em bater-me. Não, ficar não fico, aconteça o que acontecer». Levantou os olhos e, vendo as paredes que rebrilhavam, lembrou-se da noite feliz em que entrara naquella casa pisando flôres, tímida e venturosa. Tudo aquillo reluzia: os moveis cheiravam fortemente a verniz e á cera, os crystaes faisca-vam, o soalho parecia brunido; sobre o boféte duas palmeirinhas verdejavam. O seu quarto lembrava as descripções dos contos de fadas: o leito, á cabeceira do qual o baldaquino abria duas azas largas, estava forrado

por uma lisa colcha de seda com as iniciaes de ambos entrelaçadas; pelas columnas haviam entorsalado flôres de laranjeira e por toda a parte, em vasos de porcellana, em alcofas de prata, nas açucenas do psyché, em torno do apparelho do lavatorio, ainda murchando pelos marmores, desfolhadas pelo chão, surgindo dentre as felpas dos pellêgos, profusamente espalhadas, com um fresco e delicado aroma, eram flôres das mais lindas, das mais cheirosas e, como a presidir áquellas nupcias, abençoando-as, a imagem da Conceição, que a vira nascer, num oratorio novo, de pau santo, que ella retirara do seu quarto de virgem, na casa paterna, transferindo-a para o seu novo lar. E ia, para o sempre, apartar-se de tudo aquillo, ia sahir para nunca mais tornar. Embora! era preciso. Chamou a criada, mandou abrir o banheiro e, depois de uma volta, a ultima pelo seu pequenino e florido jardim, como a despedir-se das suas queridas plantas, recebendo da criada a toalha e o sabonete encerrou-se no banheiro.

Julião passeiava em cima nervoso, a mais e mais verrumado pela idéa terebrante. Co-

meçara a vestir-se para sahir e, em camisa e ceroulas, descalço, ia e vinha, ora detendo-se para encasar um botão, ora de mãos para as costas a caminhar, ruminando. Estava convencido de que a mulher o trahia. Aquellas lagrimas!... Com quem seria? Lucio Mendes? Mas como? quando? ficou a pensar. Ah! aquellas criadas! aquellas criadas! Lembrou-se de interrogal-as. No impeto daquella idéa, precipitadamente apertou o botão da campainha, logo, porém, arrependeu-se e, quando a criada bateu á porta do quarto elle, que se deixara ficar sentado á beira da cama, falou:— «Que não era preciso; achara o que queria.» Porque havia ella de chorar? porque? não podia atinar com a causa daquellas lagrimas. Ah! não se devia ter casado com tal mulher, frivola, voluntariosa, de uma educação rebuscada e complexa, sem methodo e com os conselhos perniciosos daquella D. Marianna. Teve asco ao lembrar-se da velha senhora. «Estúpida! O que ella queria bem sei eu, mas commigo achou-se enganada. O que ella queria era metter-se aqui, a dar leis, como faz na fazenda. Aqui não!» Poz-se de pé e, diante do

espelho, começou a atar a gravata, as mãos tremiam-lhe e só depois de muito insistir, fazendo, desfazendo, conseguiu compor o laço, ainda assim as pontas ficaram desiguaes; deixou-as, já impaciente. E poz-se a falar para o espelho: «Um homem como eu não se devia casar; para que? Se todas as mulheres fôsem como a minha pobre Lucia...» Subitamente, pronunciando o nome da finada, estabeleceu uma rapida comparação entre as duas e parecendo-lhe Isaura mais bella e mais forte, murmurou: «Foi uma loucura! Deixei-me levar pelos encantos do corpo e são esses mesmos encantos que me torturam.» Foi á janella, respirou e, mais calmo, accendendo um cigarro, continuou a vestir-se.

Já prompto, retorcendo as guias do bigode, achou-se desfigurado, os olhos laivados e fundos. Foi de novo á janella e, retirando-se á pressa, como acudindo a um reclamo urgente, passou ao gabinete, abriu a gaveta da mesa, metteu a mão até o fundo a procurar, a rebuscar e retirou-a trazendo um revolver. Examinou-o: estava carregado com seis balas; esteve a contemplal-o algum tempo, de-

pois encolheu os hombros, repol-o na gaveta e fechou-a. Poz-se a passeiar, de olhos baixos, fumando; por fim, atirando a ponta do cigarro á rua, disse affirmativamente, como ao termo de uma discussão: «É isto!» e debruçou-se á janella balançando a perna, a olhar o mar azul. E, absorvido na sua idéa, discorria como se respondesse a uma interpegação: «Que hei de fazer? continuar nesta vida, sem um instante de paz, sem um minuto de alegria? não, o melhor é mesmo acabar com isto. Que fique para ahi, tem o pai. Não vive constantemente a falar nelle? pois que se arranje com elle.» Só então lembrou-se do pequenino orphão, o Paulo, que lá estava agasalhado pelos bons velhos, perfilhado por aquelles corações piedosos. Coitadinho! suspirou e uma grande, commovida ternura encheu-lhe o coração. Que seria da pobre criança? Teriam os velhos o mesmo carinho sempre? seriam, a todo tempo, os mesmos para o pobresinho? E se morressem? quem havia de recolher o infeliz, sem um parente no mundo? Ah! não, tinha uma tia, irman do avô, D. Brigida, uma velhinha que vivia socegradamente no fundo

de um arraial paulista, muito agarrada ás suas terras, fiando emquanto os cafesaes floriam e o moinho rangia na crista do outeiro. Sim, lá estava a tia para protegel-o. Pobresinho! E, numa necessidade grande de vêr o filho, tornou ao quarto e parou diante do retrato do Paulo, num caixilho de velludo, repoltreado num divan, com um tambor ao collo, a rir, muito gordo. Ali ficou tristemente olhando, olhando até que a imagem do filho se foi desvanecendo e elle viu apenas uma bruma alva-centa como uma téla que houvesse corrido entre a visão e o retrato; subito tudo reappareceu e outra vez, arrancadamente, elle suspirou: Pobresinho! Tomou o chapéu e, para fugir á emoção, desceu a escada. Isaura, com os cabellos enrolados no alto, estava debruçada á janella da sala de jantar olhando a sua banqueta.

— Queres alguma coisa da cidade?

— Não.

— Tens luvas?

— Tenho.

— Então até logo. Ella, sempre de costas, conservou-se calada. Elle sahiu, mas ao dar

volta, entrando na passagem estreita, toda orlada de plantas, fechada pelo muro alcatifado de hera, levantou os olhos para a janella. Isaura já não estava, recolhera-se como para evital-o. A cozinheira appareceu á porta da sala de jantar, sorprendida:

— Seu doutor não almoça, minh'ama?

— Não, vai almoçar lá em baixo. A campinha tiniu, só então Isaura respirou desafogadamente.

XXIII



UVINDO as lentas badaladas do meio dia Josina, que refrescava as begonias, teve uma exclamação de surpresa: «Nossa Senhora!» e, deixando o regador, correu a chamar Isaura que subira. Bateu as palmas junto à escada perguntando se «podia tirar o almoço?»

— Traze dois ovos quentes e um calice de vinho, disse Isaura. A criada desceu e na cozinha foi logo um azoinar mansinho sobre impertinencias do amo, ciumadas, exquisitices; e riam: Josina a preparar a bandeja forrando-a com um guardanapo, a cozinheira a quebrar os ovos. Os gallos cantavam. Algures, pela

visinhança, corriam escalas monotonas ao piano. Camaxirras chilreavam no muro, entre a rama das trepadeiras, maribondos entravam na cozinha e fugiam zumbindo e a agua da bica, enchendo o tanque, punha no silencio d'aquella hora socegada e cálida um barulho insistente. Josina subiu com a bandeja e encontrou Isaura, sentada á beira da cama, a pentear-se.

— Estão aqui os ovos, minh'ama.

— Deixa-os ahi.

— Ficam frios. Ella levantou a cabeça e virou o copo tomando sofregamente o calice de vinho como para combater o enjôo. A senhora está sentindo alguma coisa?

— Estou doente. Vendo que Josina ia descer com a bandeja chamou-a; a raparigá estacou: Sabes onde é a cocheira em que Julião tem conta?

— Sei sim, senhora: é aqui mesmo no Catete, na esquina da rua Corrêa Dutra.

— Has de lá ir pedir um *coupé* para as 2 horas.

— Minh'ama vai sahir?

— Vou á casa de D. Januaria.

— Sim senhora. Josina desceu muito preoccupada com aquelle choro de Isaura e, de novo, na cozinha, enquanto almoçavam, foi um cochichar ciciado sobre as brigas de Julião — que a pobre moça já tivera um ataque e ainda lá estava chorando, que era um inferno. Elle desconfiava de todos, sempre com a cara amarrada, aborrecido, a resingar, a gritar. Não valia a pena ter dinheiro para viver como aquella gente vivia, antes pobre e feliz. A cozinheira declarou que não invejava a sorte de ninguem, com o bocado que tinha estava satisfeita, porque não se consumia com amofinações. E Josina referiu o que vira no quarto: Julião a chorar agarrado á Isaura, chamando-a, sacudindo-a. «Elle faz as coisas e depois fica arrependido. Nunca vi homem assim. A pobre moça não tem o direito de chegar á janella, de conversar com um visinho, de ir a um baile, é sempre mettida em casa, como uma freira.»

— É porque ella é boa, outra já tinha dado uma cabeçada por ahi, disse a cozinheira e, raspando os restos do prato, resmungou: Se elle é secco para o filho, quanto mais para os

outros. Esganiçadamente uma clarineta poz-se a guinchar na rua o *Rigoletto*.

— Lá está o diabo do homem. Cruz! esconjurou Josina mergulhando na pia uma rima de pratos.

Isaura, depois de haver escolhido umas saias, umas camisas, meias, um vestido cinzento, de alpaca, fez um apertado embrulho e começou a vestir-se, ás pressas, preocupada com o tempo. Ouvindo a campainha do portão teve um estremecimento, debruçou-se á janella e perguntou para baixo: «Quem é?» A cozinheira respondeu:

— Foi Josina que sahiu. Fôra buscar o carro; não havia mais que hesitar — era vestir-se e partir. Mas um grande medo tomou-a. Era toda a sua vida perdida, irremediavelmente perdida. Lembrou-se da imagem e, numa crise forte de chôro, as mãos postas, pediu-lhe amparo, misericordia, que velasse por ella. A casa parecia prendel-a, como que de todos os cantos, numa timida surdina, sahiam vozes chamando-a, dissuadindo-a daquelle passo, convertendo-a á submissão. Era uma loucura o que ia fazer. Ficou no meio do quarto in-

decisa, as mãos enclavinadas, os olhos parados. Não! Não! decidiu-se resolutamente, abotoando-se. Era muito soffrer! Era muito humilhar-se! Uma fita mettia-se-lhe pela gola do casaco, affligindo-a; arrancou-a com raiva, amarfalhou-a, atirou-a ao chão, mas pouco a pouco, nella toda se foi aquecendo a regelada mocidade: o sangue revoltava-se fervendo, a carne protestava acordando a lembrança do amor — era a femea que rompia em opposição á mulher, era o sexo que reclamava e uma saudade crescia nella, uma saudade cá-lida que a queimava, ardendo como um grande fogo que houvesse rebentado no secco sarçal do esquecimento e ella debatia-se, torcia-se naquelle incendio latente, naquelle ardor vulcánico, que lhe punha nas faces a vermelhidão das chammas, que lhe scintillava nas pupillas, que a escaldava toda em febre intensa, levando-a para o delirio, para o vilissimo desejo de amor. Os movimentos foram-se-lhe tornando vagarosos, molles e, como numa grande fadiga, sentou-se embebendo-se em pensamentos, com uma irritação árdega. Despertou-a a campainha. Correu á janella: era Josina.

— Falaste?

— Falei sim, senhora. Suspirou: ia partir, ia deixal-o. Entrou numa agitação frenética, caminhando ás tontas pelo quarto — apanhava objectos e logo os deixava, ia ao espelho, sem vêr-se, chegava á janella. Rompeu pelo corredor e, no gabinete, entre os livros, diante da mesa, sentiu um grande aperto no coração. A carta do pai lá estava, dobrada sobre a pasta; tomou-a e, mirando-a, revoltou-se: «Tambem para que havia elle de escrever aquellas coisas conhecendo o character de Julião...» Mas que culpa tinha o pobre velho? Que maldade havia naquellas linhas enternecidas? Era tão natural que sobre ella escrevessem á familia... Veiu-lhe rapidamente á lembrança a noite do Lyrico e annunciavam para o dia seguinte *A Bohemia*... Não conhecia *A Bohemia*. Subito, occorrendo-lhe que Julião podia suspeitar que ella houvesse sahido com «alguem», quiz escrever umas linhas secas, dizendo apenas que se recolhera á casa duma familia, d'onde partiria para a fazenda, pedindo-lhe que a esquecesse, que lhe não escrevesse porque não teria resposta. Nada

mais existia entre elles senão a vaga lembrança dum tempo atormentado que passara e morrera.

Revolveu a pasta e, sobre a linha alta duma folha d'almaço, lançou tremulamente: «Illm. Sr.» e deteve-se, sem idéa, numa confusão mental, a pensar na fuga, a recordar o passado, a *vê-lo* ali, a ouvir-lhe o andar, como se elle viesse pelo corredor com os surdos pantufos crespos, de banho. Machucou o papel e ergueu-se. Que horas seriam? o carro não podia tardar. Teria esquecido alguma coisa? Lembrou-se dumas musicas que Ignezinha lhe havia emprestado — as sonatas de Beethoven, a *Parisina* de Miguez, a quatro mãos. Se as devolvesse Ignezinha, que se compromettera a vir repassal-as, com ella, ficaria alarmada. Não, elle que as mandasse depois; escreveria da fazenda. Chegou á janella: a rua estava deserta, ao bochorno; no parque as arvores immoveis reluziam, homens andavam pelas áleas largas com grandes chapéus de palha recolhendo ramalho, varrendo folhas secas. O bond electrico, arrastando um bagageiro, parou á esquina, no Flamengo, e houve

uma algazarra ruidosa de carregadores que se equilibravam sobre caixas, fardos ou apinhados nos bancos, agarrados aos balaustres, ás gargalhadas, vozeirando, acenando para a taverna com as toalhas negras e retorcidas e no ar, manchando o azul limpido, ás guinadas, um papagaio amarello e branco, rabeava, colleava, remoinhava ao vento fresco do mar. O surdo rodar dum carro tirou-a daquella contemplação — voltou-se para o lado do Cattete e, perto do palacio, reconheceu o *coupé* que chegava ao trote picado duma parelha de bestas, com um brilho offuscante de metaes areados. «Ah! meu Deus!» e retirou-se afogueada, num desespero, com os olhos arrasados d'agua. O coração batia-lhe como se lhe quizesse rebentar o peito apertado no corpinho justo. Sentia-se fraca e o carro aproximava-se, mais vagaroso, estrepitando nas pedras. Atirou-se a uma cadeira em soluços, apertando as temporas, que estalavam. «Ah! meu Deus! Ah! meu Deus!» O carro parou á porta. Ella correu á janella, debruçou-se, viu-o em baixo, a luzir, e recolheu-se rapidamente, sem ar.

— O carro está ahi, minh'ama; avisou Josina da escada. Ella mordida o lenço nervosamente, os olhos fitos em um dos armarios de jacarandá. O carro está ahi! insistiu a criada.

— Já sei! bradou frenetica, com um gesto violento, caminhando para o quarto. Ficou diante do espelho a compor os cabellos. Como havia de sahir com aquella physionomia abatida, os olhos radiados de sangue, entre fundas e roxas olheiras, os pulsos cercados de ecchymoses denegridas? Como havia sahir assim? A campainha tiniu ao portão. Debruçou-se á janella e viu o cocheiro. Josina gritou: Já vai! Teve um movimento de impaciencia, lançou um olhar ao embrulho que jazia na cama, tomou o chapéu, um chapéu leve, de palha, com flores, collocou-o sobre os cabellos, mas vendo-se ao espelho, já prompta, ficou a olhar, a olhar... De repente, atirando o chapéu a uma cadeira, arrojou-se de bruços sobre as almofadas, rompendo num choro forte, aos gemidos, raspando, arrepanhando a colcha, sacudida violentamente pelos soluços.

XXIV



o sahir de casa, subindo a rua toda em sol, áquella hora abafadiça e dormente de sésta, Julião caminhava absorvido, recapitulando intimamente a scena violenta da manhan. Sem attender ás janellas de onde alguem podia espreitar-lhe os movimentos desordenados, gesticulava, brandia a bengala demolindo argumentos que lhe revoavam no cerebro, esmagando a mulher, demonstrando-lhe a sem razão da revolta ou injuriando-a. Por vezes parecia-lhe que estava a escandalisar a rua como se fôsse por ali fóra bradando aquelles pensamentos, chamando a attenção dos que modorravam amollecidamen-

te por traz daquellas persianas fechadas. Erguia os olhos e tranquillisava-se vendo que, em todo o quarteirão, não havia viv'alma, mesmo no interior das casas a quietação era absoluta. só ao longe, num daquelles sobrados, um piano soava fanho, cascavellante, zimbrando o silencio. O proprio palacio parecia dormir, calado, fechado, com as vidraças faiscando e na cimalha, altas, muito duras e negras, as estatuas encarvoando o edificio.

Um tilbury estava parado á esquina; o cocheiro dormia derreado, com o chapéu sobre os olhos e a alimaria, modorrando, zurzia as moscas, a espanar as ancas com a cauda frouxa. Tomou o bond; o ar escaldava sem que elle o sentisse mergulhado naquella recordação dolorosa. De repente, num movimento impetuoso, voltou-se lançando um olhar de espanto aos passageiros abochornados; logo, porém, retrahiu-se, agarrando a idéa que lhe afflorava o cerebro com a rapidez duma setta que passasse zunindo: a partida de Isaura. «Ah! não! não partiria!» teve um sorriso sereno e, cofiando o bigode, poz-se a discorrer mentalmente sem dar pelas attitudes extravagantes que to-

mava — espichando as pernas, brincando com a medalha da corrente ou pondo-se muito firme, o braço alongado no encosto do banco, mas logo recolhido á pesada pressão do corpo do visinho. «Não! Não partiria! Para onde havia ella de ir? quem a recolheria? não! Aquillo era sempre assim: arrufos, lagrimas, depois uma scena de arrependimento e as pazes». O visinho levantou-se, passou ao estribo e desceu; elle ficou mais folgado, entretanto não se afastou do sol que lhe sinapisava as pernas.

Diante do Lyrico, pondo os olhos no alto cartaz, leu o annuncio do espectáculo da noite seguinte: *La Bohême*. Franziu as sobrance-lhas mordicando os labios. Era aquillo que a perdia e detestou a companhia, num odio terrivel contra toda aquella chusma de cantores, de bailarinas, de comprimarios. Teve um gesto de repugnancia como se rebatesse uma sordidez que lhe houvessem atirado. Desceu no largo da Carioca e foi-se pela rua de S. José, andando machinalmente, sem sentir os passos, como impellido. Quando chegou ao consultorio viu apenas um velho macilento que arfava

sentado humildemente a um canto, com o chapéu sobre os joelhos. Era um antigo cliente que, de quando em quando, apparecia pedindo um pouco de allivio, um pouco de ar, que lhe tirasse aquella afflicção do peito. Ao vê-lo entrar o velho poz-se de pé com um sorriso triste e foi logo falando de noites em claro, de agonias mortaes, de dôres, a torcer a boca muito aberta, aos haustos, com os olhos muito fundos na face vultuosa e queimada, as mãos tumidas, d'unhas largas, barradas de terra. Julião sabia-o perdido e, sempre que o via apparecer, vindo de longe, duns aridos vageiros em Cascadura, não disfarçava a surpresa e sorria:

— Então, senhor Izidro, sempre forte?

— Qual, senhor doutor, a acabar, a acabar p'r'ahi. Isto estoura, mais hoje, mais amanha, e esticou o beijo com a mão espalmada no peito, desanimado. Entrou para o gabinete, separado da sala por um tabique, forrado de papel azul, de onde pendiam gravuras sérias em molduras pretas, sobre feitos scientificos, retratos de celebridades medicas e, sem ouvir os suspiros do velho, que caminhava lentamen-

te, ancioso pela consulta, foi refrescar as mãos no lavabo, a lembrar-se de Isaura. Quando o velho entrou rouquejando: «Que lhe estava a parecer que era a ultima vez que via o senhor doutor», elle fanfarronou um «Qual!» incredulo, acenando-lhe para que despisse o casaco, um grosso casaco, pesado e felpudo como um gabão de labrego. Inclinou-se e poz-se a auscultal-o sentindo o morno fortum daquelle corpo de rustico, mixto de azedume e de aroma de campos. Lá estava o tumor a pulsar, escutando, porém, aquelle sinistro latejo, que era como o passo macabro da morte, ouvia, ao mesmo tempo, o pranto, as queixas, as ameaças de Isaura e, com a cabeça encostada ao peito do velho, o olhar vago, ficou esquecido e, num momento, como se ali tivesse um cadaver, nada mais ouviu nem sentiu.

— Então, senhor doutor?

— Nem para mais, nem para menos, meu amigo. Parece-me, porém, que o senhor anda a cuidar de mais o seu meloal. Aqui ha canceira.

— Nem por isso, senhor doutor, nem por isso. Quem faz tudo é o filho, eu é só para

olhar o estendal. Nem bulo nos ramos, nem tiro uma lesma, estou mesmo que não valho dez réis. Lá uma ou outra vez, para distrahir-me, isso sim...

— Pega na enxada e é dar-lhe p'ra baixo de riço, hein? O velho teve um risinho. Pois é isso mesmo, meu caro senhor Izidro, é isso mesmo, são essas distracções. Deixe lá o me-loal, deixe lá a lavoura. Cuide de si; já é tempo de descançar um bocado. E poz-se a redigir a receita; fóra pigarream, tossiram. Apertou o tympano nervosamente e ao criado, que apparecera, perguntou: Quem está ahi?

— É aquella senhora com o menino. No mesmo instante uma criança poz-se a tossir aos arrancos, aos guinchos, convulsivamente, com arquejos que foram abrandando até ao silencio do qual rompeu uma voz afflicta de mulher a chamar em desespero: «Heitor! Heitor, meu filho! Heitor!» e um choro surdiu cançado e sentido por entre cochichadas palavras carinhosas.

— Vá, senhor Izidro, e deixe lá os melões. O velho enfiou lentamente o casaco; tirou do bolso um envelope, deixou sobre a

mesa e, estendendo a mão rude e callosa, perguntou:

— Dieta a mesma, não?

— A mesma.

— E para dormir, senhor doutor? Se eu pudesse dormir um bocado...

— Ha de dormir, ha de dormir... E, batendo-lhe amigavelmente nas costas, levou-o até á porta. Ao vê-lo, uma senhora, de preto, que aflagava os louros e annellados cabellos de um menino pallido, d'olhos femininos, muito languidos e humidos, adiantou-se lamentoza, desfiando um choroso queixume: «Que o pequeno, cada vez que tossia, ficava para morrer, suffocado, com todo o sangue no rosto, os olhos a saltarem. Era preciso acudir com salpicos d'agua, ás vezes com palmadas e gritos para o chamar á vida. Á noite, então, era um desespero». O menino muito humilde, levantava para Julião os lindos olhos macios, com dois cachos a brincarem-lhe no rosto branco; chegava-se muito á mãe, num receio daquelle homem que o contemplava friamente e sizudo.

— Vamos vêr, disse apenas Julião. O pe-

queno, porém, numa volta repentina, enrolou-se no vestido da senhora e ficou chorando, amuado, a negar-se: «Que não queria! Que não queria!» Sobreveiu-lhe novo acesso de tosse e, a esguelar-se, a esbofar-se ia-se tornando livido, roxo, com as arterias inchadas, os olhos esbogalhados, tossindo numa ininterrompida angustia, até que se lhe foi acabando o folego, quasi nada, nada e ali ficou hiante, tombado, o olhar fixo, em espasmo, dando com a cabeça em ancia. «Meu filho! Meu filho!» Mas o choro salvou-o. «Vê, doutor? ainda assim este acesso não foi dos mais fortes. Não imagina como esta pobre criança tem sofrido».

— Sim, minha senhora. Tomando o pequeno ao collo poz-se a examinal-o, interrogando-o com meiguice e a criança descreveu o seu soffrimento com uma vozinha lenta e branda na qual, por vezes, silvava desafinadamente uma palavra apiançada.

Só, tornou para o gabinete e ali ficou a contemplar um craneo articulado que amarellecia sobre uma pilha de revistas com austera e erudita solemnidade. Lá fóra fervia o mo-

vimento — era um contínuo estridor de carros, bulha borbulhante de multidão apressada, apitos, tinir de campainhas, pregões. Ficou imóvel, pensativo, a mão sobre a mesa.

De repente, decidido, tomou o chapéu e a bengala e sahiu dizendo ao criado:

— Se vier alguém dize que fui a um chamado. Podes fechar o escriptorio ás 3 horas. Desceu as escadas e, na rua, ficou a olhar, vazio, incerto, irresoluto. Lembrou-se, então, que não havia almoçado, pensou num *lunch* rapido, mas não tinha fome, sentia a boca amarga e grossa. Caminhões passavam rangendo, tilburys rodavam, gente atravessava a rua esbaforida, fugindo ao atropello, correndo a negocios. Que fazer? Accendeu um cigarro e, lentamente, encaminhou-se para a rua do Ouvidor; á esquina, porém, olhando o povo que negrejava, retrocedeu, sempre lento, ora cabisbaixo, a retorcer o bigode, ou d'olhos altos no céu como a buscar inspiração. Tomou pela rua Sete e, caminhando, achou-se no Largo da Carioca sem haver sentido a distancia, sem lembrar-se do que vira, alheio a tudo, apathico. Lançou-se ao primeiro bond que pas-

sava e, sentado, encolhido, lá se deixou levar preocupado com aquella resolução altiva da mulher, com as sentidas palavras que lhe ouvira, com a possibilidade duma traição, temendo achar a casa deserta e aviltada, á visinhança á janella num prurito de escandalo. Irritava-se com as paradas do bond, accendendo olhares furiosos quando ouvia tinir o tympano e, antes da rua Silveira Martins, passou para o estribo, sofrego, o coração agitado.

Por fim a rua appareceu clara e deserta e, lá muito em baixo, um carro estacionava. Julião estacou opprimido, a olhar, mas logo precipitou-se, quasi a correr, com um aperto presago. Atravessou para o lado opposto, caminhando collado ao muro do parque, sob as debruçadas ramagens e alongou os olhos: não havia duvida — era á porta de sua casa. Talvez fôsse uma visita, mas quem? quem? Rilhava os dentes com um suor abundante pelo rosto, o olhar immovel, cravado naquelle carro, que reluzia. Um cão saltou dum corredor ganindo e foi-se pela rua fóra numa desabalada corrida espantando dois pombos que mariscavam. Elle seguia e, perto de casa, mais

afflicto, correu. O cocheiro, sentado no limiar do predio visinho, cabisbaixo, os braços sobre os joelhos, as mãos pendentes, cochilava ao mormaço e os animaes, ardendo ao sol, batiam as patas com um tilintar de metaes. Empurrou o portão e atirou-o violentamente deixando a campainha a vibrar, com força e, como Josina apparecesse á porta da sala de jantar, resmungando contra a «brutalidade», interrogou-a com voz surda: Quem está ahi?

— Ninguem, não, senhor.

— Para quem é, então, esse coupé?

— Para minh'ama. Elle encarou a criada em silencio. De repente, decidido:

— E' onde está ella?

— Lá em cima.

— Canalha! rosnou, caminhando ás duras passadas para o corredor. Diante da escada deteve-se, com uma colera que lhe punha tremores pelo corpo. Subiu e, achando a porta entreaberta, empurrou-a e entrou. Isaura, que lhe ouvira a voz, levantara-se do leito e esperava-o de pé no meio do quarto. Elle avançou resolutivo: Esse carro que ahi está é para a se-

nhora? Ella encarou-o sem responder: Fale! bramiu. É para a senhora, não? É nelle que pretende partir? Vendo o embrulho sobre a cama rasgou o jornal que o envolvia e logo espocaram camisas com finas rendas, desenrolando-se mollemente; tirou-as todas, depois as saias, as meias, o vestido de alpaca, espalhando as peças pela cama, pelo soallho, com um sorriso odiento. Isaura não se movia, tolhida de medo, prevendo uma scena horrivel e, quando elle se adiantou vagaroso, fitando-a, recuou procurando instinctivamente refugio entre os moveis.

— Então a senhora ia partir, fugir, levando meu nome para o lodo em que, ha tanto tempo, deseja enxurdar-se? Offegava curvado, a espetal-a com o olhar coruscante. Num impeto, rugindo, atirou-lhe um murro que ella poudo evitar encolhendo-se.

— Não me bata, senhor! Não me bata! Que lhe fiz eu?

— Canalha! Era, então, uma coisa combinada? E com quem? Com quem? com algum dos calaceiros do theatro? Falava por entre os dentes cerrados e, depois dum contido si-

lencio, de novo sahiu-lhe da boca a torpeza injuriosa.

— Eu disse-lhe que sahia, que voltava para a fazenda; é o que vou fazer.

— Tu! tu! para a fazenda!? dobrou-se numa rinchavelhada satanica. Para a fazenda! com essas camisas, com essas saias, com essas meias, um rico enxoval, na verdade. E que ias fazer á fazenda? Eu bem sei que fazenda procuras, eu bem sei, mas olha... Fechou de novo a mão e, como ella fugisse, o murro apanhou-lhe as costas, com um som cavo; ella dobrou-se e foi d'encontro á cama com um gemido humilde, lançando-lhe um olhar medroso, de criança.

— Que lhe fiz? não me bata! Mas Julião já estava com ella agarrada, sacudiu-a rasgando-lhe o corpinho, os botões saltaram longe; ella baixava a cabeça defendendo o rosto, a tremer.

— Para a fazenda, hein? Ias para a fazenda a esta hora? e baforava obscenidades, cobria-a de infamias, a empurrar-a, a puxar-a.

— Pense no que está fazendo! Lembre-se que sou... Julião agarrou-a pelos fôfos do

peito e, num safanão, rebentou-lhe o corpinho descobrindo o collo muito branco que anciava.

— Julgavas que me havias de illudir? Pois olha — não é por ti, pouco se me dá que sejas isto ou aquillo, é por mim, é pelo meu nome. Mas tu não o deshonras, isso não! isso não! Correu para o lavatorio — ella, num salto, achou-se com elle, lançou-lhe os braços em torno do corpo, num pavor que a enfraquecia, lembrando-se das navalhas: «Julião!» e a voz faltava-lhe, morria-lhe na garganta: «Julião! Pelo amor de Deus!» Desvencilhando-se della empurrou-a brutalmente pelos hombros, estendendo-a de costas no soalho. Com o baque do corpo houve um estremecimento de moveis e um fino tinir de crystaes. Ella gemeu, rompeu a chorar e ia levantar-se quando elle, allucinado, numa furia cega, atirou-se ao chão, esmurrando-a; ajoelhou-se-lhe sobre as coxas, mas resvalava, subiu ao ventre e sentia-o sob os joelhos macio como um coxim, apertou-lhe as faces como se as quizesse esmagar, amassando-as, repuxando-as e via-lhe a boca rasgada, todos os dentes claros, os olhos immensos, arregalados com a distensão das palpe-

bras e olhava, insultando-a, equilibrando-se sobre o corpo que se retorcia, que se soerguia na luta. Deixando o rosto, com uma das mãos mettida pelos rasgões da seda, martyrisava-lhe o collo e ia com a outra para a garganta. No assombro da morte Isaura poz-se a gritar a soccorro, mas a voz sahia-lhe engasgada, já opprimida pelos dedos que se lhe cravavam na carne do pescoço. E Julião, dobrado, falando-lhe tão perto do rosto que ella lhe sentia a ardencia do halito, dizia:

«Morre! Morre!» Ella debatia-se martellando o soalho com os pés e, atracada a mãos ambas á mão ferrea que a estrangulava, conseguiu, num supremo esforço, livrar-se daquelle garrote e gritou desesperadamente, gritos agudos que repercutiram. Uma vidraça subiu, com estrepito, na casa contigua, passos soaram na escada precipitados e logo a porta escancarou-se e as duas criadas, attonitas, appareceram gritando horrorisadas com aquella scena brutal: «Meu amo! Seu doutor! Seu doutor!» Da visinhança perguntavam: «Que é? Que é?» Chamavam Josina. «Pelo amor de Deus, não me mate!» gemia Isaura. Josi-

na, mais corajosa, adiantou-se agarrando Julião pelos hombros. Elle poz-se de pé com a furia de um carnívoro perturbado no seu antro em momento de repasto — os olhos saltavam-lhe, o suor inundava-lhe o rosto e rouco, ameaçador, investindo, perguntou:

— Que querem? Quem as chamou aqui? rua! e, com o braço duramente esticado, mostrava a porta, repellindo-as. A cozinheira recuou para o corredor, mas Josina teimava dizendo que os visinhos estavam indagando, que havia gente á porta. Effectivamente a campainha tinia de instante a instante. Isaura ergueu-se em grande desalinho, afogueada, com o pescoço marcado, um grande horror estampado no rosto e procurava esgueirar-se, fugir quando elle bradou — que não se movesse d'ali! e voltou-se para Josina, accusando-a de cumplicidade em todas as patifarias, que ella era a alcoviteira, que a matava. Tremia d'odio, mostrando os punhos á rapariga que o olhava espantada. Canalha! Canalha! A campainha poz-se a soar desesperadamente e Josina ia sahir quando Isaura a chamou num grito, avançando, a pisar a roupa que se lhe embru-

lhava nos pés: «Josina! pelo amor de Deus!» e, de mãos postas, implorava. Batiam palmas no corredor em baixo. Josina debruçou-se á janella e, recolhendo-se, disse — que estavam ali os visinhos do lado. «Ha alguma coisa?» perguntaram de fóra.

— Não, senhor, declarou a rapariga, á janella: foi minh'ama que teve um ataque. Julião ouvia aquellas vozes de cabeça baixa, examinando as mãos e, vendo a cozinheira parada no corredor, disse-lhe:

— Manda esse carro embora. A rapariga desceu e elle, lançando um ultimo olhar á Isaura, passou-se para o gabinete. Espiando pelas rexas das persianas viu uma turba na rua, ao sol, diante da casa, a olhar. Recolheu-se e ficou parado, entorpecido, numa prostração. Ouvindo, porém, o rodar do carro, correu ao quarto, desconfiado. Isaura lá estava, a chorar, com a cabeça pendida, amparada por Josina que, de joelhos, procurava animal-a, confortando-a. Que fazes ahi? a rapariga implorou:

— Deixe, meu amo.

— Ah! deixe, hein? Chegou á janella e, olhando para o corredor da entrada, viu uns

pequenos maltrapilhos que se apinhavam á porta, pasmados. «Que querem?» as crianças foram sahindo timidamente em bolo, deixando o portão escancarado. De repente gargalhadas rolaram e houve um murmurio como de assuada na rua. Elle ficou perplexo e Isaura, por entre lagrimas, escondendo mais o rosto, exclamou: «Que vergonha!» Mas Josina explicou: «São os pedreiros que trabalham no palacio.» Julião olhou para o grupo das duas mulheres e, depois dum momento de silencio, disse para a criada.

— Venha quem vier, seja quem fôr, não estou em casa. Vá! Josina levantou-se com os olhos em Isaura, que a mantinha presa pelos braços, retendo-a como a sua unica defesa. «Para a fazenda!...» deixou elle escapar despindo o casaco, que atirou para a cama, desatou a gravata, arrancou o collarinho, os punhos e, em mangas de camisa, caminhou para o gabinete. Vendo-o longe, as duas mulheres, pé ante pé, chegaram á porta, Josina espiou e sorrateiramente, ás pressas, desceram ambas.

Julião, fechando-se no gabinete, accendeu

um cigarro e, encostado á mesa, d'olhos no chão, recolheu-se ás suas idéas, sem sentir o ambiente, surdo, cego, alheio a tudo, existindo apenas para aquelle tumulto interior, ouvindo a acusma do delirio, soffrendo a tortura latente do arrependimento, a julgar o que havia feito no assomo da raiva, no desatino da furia.

Estava tudo acabado! Ella, por certo, nunca mais lhe perdoaria aquella brutalidade e, mesmo que se lhe abrandasse o coração, amolecido pela ternura, a razão havia de mantel-la no receio dum novo arrebatamento. E partia! Enfiou os dedos pelos cabellos com um odio intenso, sedento do sangue daquelle miseravel que assim lhe destruia a felicidade seduzindo-lhe a mulher, maculando-lhe a vida, expondo-o ao ridiculo de ser apontado como um trahido.

Quem seria? Oh! a mulher! a mulher! E elle que a amava, que a amava tanto! Tinha culpa de ser um frio? de não saber dispensar carinhos, de ser timido, como era, a ponto de evitar os afagos que ella lhe fazia? não! amava-a, amava-a muito! e duas lagrimas rolaram-

lhe dos olhos, insensivelmente. Era um ciumento, sim: era um ciumento, o ciume é a avareza no amor — era um avaro porque muito a amava e ella não comprehendia.

Havia, então, de permittir que outros a possuíssem? que lhe sentissem o sabor do beijo? que a apertassem nos braços? que a vissem prostrada na exaustação do amor, linda naquelle deliquio de fadiga, como adormecida, os labios descerrados, abandonada, continuando o sonho sensual sob a caricia dos beijos saltitantes? Não! não! antes a morte. Levantou d'impeto a cabeça com um olhar duro, a fronte fundamente enrugada, annunciando a tempestade sinistra que se lhe desencadeara no cerebro. Era horrivel!

Como numa dança satanica as idéas revoltavam, elle sentia-se invadido pela loucura. Revoltou-se, seguiu até o meio do aposento, mas o intimo rumor crescia, nuvens espessas accumulavam-se, dando-lhe a sensação oppressora dum abarrotamento cerebral e, nos ouvidos, era uma insistente, percuciente zoadá. Faltava-lhe a orientação, não resolvia, deixando-se arrebatá pelo delirio, apesar da resistencia

da vontade: era impellido, arrancado e obedecia passivamente como um homem que é levado de rastos por esbirros crueis. E foi num lampejo da razão que se viu diante da gaveta aberta com o revolver em punho. Como fôra parar ali? não sabia. Não! Não!

Lembrou-se de Isaura, talvez houvesse partido. Deixou a arma, abriu precipitadamente a porta e lançou-se ao corredor, numa ancia: o quarto estava deserto. Num impeto, indignado por a haver deixado só, atirou um murro á frente, outro, outro, castigando-se da sua imprevidencia. «Fugiu! Fugiu! Fugiu!» silvava e correu para a escada procurando tremulamente o corrimão, arrojou-se, mal tocando os degraus e, na sala de jantar, antes mesmo de procurar alguém, como se falasse aos móveis, perguntou: «Que é de Isaura? Isaura?» Voltava-se, espalhava olhares tontos em torno; debruçou-se á janella, sahiu ao jardim. A cozinheira, diante da pia, borrhava molhos de hervas. «Onde está Isaura?» A cozinheira voltou-se e, vendo-o desfigurado, em mangas de camisa, com o peito exposto, os cabellos desalinhados, murmurou com medo:

— Parece que está na sala. Ella passou para lá, com Josina. Partiu d'arremetida e, chegando á saleta de espera, fechada e escura, deteve-se estendendo os braços e, lentamente, seguiu ás apalpadellas, como um cégo, chamando: «Isaura! Isaura!» Os olhos, porém, começaram a divisar na escuridão, iam descobrindo moveis, reconhecendo vagamente objectos; sentiu o reposteiro molle, passou a porta que communicava com a sala e ouviu um choro fraco sahindo lastimosamente dum canto. «Isaura!»

— Está aqui, meu amo.

— Onde?

— Aqui, perto do piano. Adiantou-se pisando abafadamente sobre os surdos tapetes, os braços estendidos, caminhando em direcção ás janellas. Roçou pelas cortinas asperas, achou o ferrolho, levantou-o e logo uma luz viva encheu a sala. Isaura, sentada num tamborete, os cotovellos nos joelhos, a cabeça nas mãos, chorava. Elle ficou a contemplal-a mudo e, como Josina o olhasse, fez-lhe signal para que sahisse. A criada levantou-se vagarosamente, com pena de deixar a ama, com medo de que

lhe acontecesse alguma coisa, mas Isaura, sem uma palavra, agarrou-a, prendeu-a.

— Deixa ir, Isaura; preciso conversar contigo. Ella apertou ainda mais o braço da criada, sem levantar a cabeça. O seu pranto cessara, de instante a instante, porém, soluços abalavam-n'a, fugiam-lhe suspiros tremulos. O que eu tenho a dizer só póde ser ouvido por ti. Deixa Josina sahir. Se é medo que tens de mim eu abro as duas janellas e vamos conversar ali perto. Anda! Vai, Josina. A criada interveiu conciliadora:

— Deixe, minh'ama; e, mais baixo, em segredo: Assim é melhor, minh'ama. Isso é tão feio.

— Não!

— Não queres?

— Não!

— Porque?

— Quero ir-me embora, voltar para a casa de meus pais. E, encarando-o: Pois o senhor julga-me tão desbriada que ainda continue a viver em sua companhia depois da scena de hoje? Veja como estou! puxou uns farrapos de seda do corpinho, arregaçou as mangas mos-

trando os braços denegridos, derreou a cabeça para que elle lhe visse o pescoço arroxeadado, levou as mãos ás cadeiras. Estou toda assim. E o senhor ainda me procura? para que? que quer de mim? quer matar-me? e porque? porque é louco. Só um louco procede como o senhor injuriando, maltratando covardemente uma mulher sem causa, por simples e injusta suspeita. Não, não posso continuar em sua companhia por todos os motivos: por brio e porque não quero ser assassinada. Deixe-me sahir, eu sou uma impura, sou! mas tenho direito á vida. Deixo-lhe o seu nome compromettendo-me a nunca mais usal-o, é o que lhe pertence; a vida não, essa eu a recebi de meus pais e elles não m'a exigiram. Ficar aqui? não, tenha paciencia...

Julião olhava-a, ouvia-a sem uma palavra. Depois dum silencio insistiu ainda:

— Vai, Josina.

— Deixe, minh'ama.

— Não! Elle avançou um passo, mas conteve-se:

— Isaura, dou-te a minha palavra de honra... Ella levantou impetuosamente a

cabeça e fitou-o com um olhar de desprezo, sem deixar o braço da criada. Preciso falar-te...

— Não! É escusado; estou resolvida a sahir, sahirei! hoje, ámanhan, quando puder. Aqui não fico. É demais. Quer saber com quem vou viver? com meus pais, informe-se, indague, ha de convencer-se de que não menti. Vou viver com meus pais. Toda a visinhança sabe que o senhor offendeu-me, os visinhos estiveram aqui á porta, ouviram os seus improperios, ouviram os meus gritos e quer o senhor que eu seja o motivo da chacota de toda a gente que me apontará a dedo como uma victima das suas...

— Brutalidades, queres dizer.

— Ou loucura, porque o senhor é um louco, estou convencida. Não, tenho vergonha, devo uma satisfação á sociedade, tenho grande zelo pelo nome de minha familia.

— É o meu?

— Já lh'o restitui. Elle encostou-se ao piano, examinando as unhas. A criada enrolava e desenrolava a barra da *housse* duma cadeira, numa indifferença fingida, como a não que-

rer dar attenção ás palavras que trocavam os dois.

— Então não me queres attender?

— Não, não vale a pena perdermos tempo.

— Queres o escandalo?

— Escandalo! E póde haver escandalo maior do que o que o senhor provocou? quer mais?

— E tu? Para que mandaste vir aquelle carro? Onde pretendias ir?

— Onde? á casa de um amigo de meu pai, um velho que me viu pequena, casado com uma senhora que é como uma irman para minha mãe.

— O Loyola...?

— Sim, senhor: o Loyola. Era para a casa d'elle que eu ia. De lá escreveria a meu pai para que me viesse buscar. O senhor imaginou immediatamente um romance de amor e fez o que fez...

— Eu não sabia... Ella olhou-o, de novo, sem responder. Tu me devias ter dito.

— Sim, devia ter dito; o resultado seria o mesmo, talvez peor. Não, nós não podemos continuar a viver juntos, é impossivel. O dou-

tor sabe, melhor do que eu, que o que firma a união entre os conjuges, não é o juramento do juiz nem a benção do sacerdote, é a solidiedade que o convívio vai estabelecendo pouco a pouco, através dos dias desiguaes de fortuna e desventura.

Para o senhor eu sou apenas a carne, nada mais; o seu coração não se communica com o meu pelo sentimento, o seu espirito não desce até mim, a sua superioridade impõe-se a todo o instante, ostensivamente. Eu, aqui em casa, sou apenas a primeira das criadas com uma obrigação a mais — a de lhe servir o amor. Julião sorriu sarcasticamente. Sorri, está a criticar intimamente as minhas palavras, porque nem admitte que eu pense, acha ridiculo que eu fale com acerto, que pondere, que apresente argumentos em minha defesa e julga, como costuma dizer, que repito servilmente tiradas de romances. Não, não sou a mulher que pensa. Infelizmente, digo infelizmente porque, se meu pai me não tivesse educado com tão excessivo escrupulo, é natural que, apesar de tudo, eu me considerasse feliz, resignando-me ao destino do meu sexo; infeliz-

mente, repito, aprendi a respeitar-me, sei quaes são os meus deveres e sei tambem o que me é devido. O que lhe prometti tenho cumprido até hoje: amei-o e respeitei-o, adorando o marido e considerando o homem. Mais duma vez dominei os melindres do amor proprio; soffri longamente, sem protesto, a aifronta dos seus ciumes, sujeitei-me á vida triste que me impoz e nunca articulei uma queixa: confiava serenamente na minha virtude certa de que ella havia de o convencer, mais cedo ou mais tarde, de que eu era uma mulher digna. E o senhor? fez um silencio e concluiu: Não, doutor — se havia um pacto foi o senhor quem o quebrou, não eu. Falava aos arrancos, precipitadamente, sem pausa, com uma sinceridade que transparecia.

— Vai, Josina; disse tranquillamente Julião. A rapariga levantou-se, Isaura deixou-a ir e ficaram os dois calados, interdictos, sem ousar fitar-se. Pelas janellas abertas entrava a fresca respiração da tarde tufando as cortinas de renda, balançando as sanefas. Um sangrento tapete de velludo, que atravessava diagonalmente a sala, reluzia lustroso; pellêgos

de côres vivas espalhavam-se variegadamente; o piano, coberto por um vistoso chale amarello do Tonkin, parecia atoalhado d'ouro; entre as duas janellas, numa columna de porphyro, uma cabecinha de criança, de marmore, ria communicativamente. Um raio de sol cortava a parede avivando as côres das telas.

As cigarras estreavam o canto vespéral. E Julião rompeu o silencio:

— Conversemos com calma, Isaura. Puxou uma cadeira para junto della, sentou-se. Então queres mesmo partir?

— Quero.

— Terias razão de proceder assim se me não conhecesses. Confesso que fui violento, grosseiro, mas que havia eu de fazer? não me pude conter. Sahi impressionado com o que me disseste. não consegui ter calma no escriptorio, estava impaciente; nem sei até que receitei a dois clientes que lá me appareceram. Vim por ahi como um louco. Chegando á esquina vi um carro parado á porta de casa, pensei ainda em alguma visita. Entrei, procurei-te, falei-te; nada me respondeste... Perdi a cabeça. Olha, Isaura, é possível que me julgues

um perverso, as apparencias mentem, minha filha. O que me allucina é justamente o excesso de amor, o excesso de zelo. Sei que és virtuosa, não tenho provas contra ti, mas desconfio de todos, de tudo. Não é de ti que desconfio, é dos outros, estás ouvindo? olha para mim. Ella levantou os olhos, logo, porém, baixou-os com receio de commover-se e ceder. Compara o teu soffrimento ao meu. Quem soffre mais?

— Quem soffre mais?!

— Sim, o teu tormento é apenas o reflexo do meu desespero; comprehendes o que eu quero dizer? E queres saber porque padeço tanto? porque és bella; sorriu tristemente: tem graça, não? pois é horrivel! E queres sahir...

— Quero.

— Insistes?

— Sem duvida.

— Porque?

— Já disse.

— E se eu prometter? Um pequeno passou pela rua cantando e, justamente por baixo das janellas, soltou um grito agudissimo; os dois voltaram-se repentinamente — a voz lá

ia longe, perdia-se, imitando o silvo da locomotiva. Elle repetiu, mais meigo: Se eu prometter?

— Não! Houve uma pausa anciada.

— Isaura, tu não vais para a fazenda. Ella encolheu os hombros, enrugando os supercilios, o olhar ao longe, aborrecida com aquella insistencia:

— Para onde vou então?

— Não sei. Pois olha, disse pausadamente, pesando as palavras: se fizeres isso mato-me. Ella encarou-o e elle repetiu acenando affirmativamente com a cabeça: Mato-me! Ella sorriu incredula, elle esboçou um sorriso.

— Não vale a pena, doutor; a minha partida é um allivio para ambos. Tudo se esquece.

— Nem tudo.

— Ora!... Imagine que morri. E se eu morresse? Elle não achou uma resposta e ella insistiu: Se eu morresse?

— Olha, Isaura, todas essas erupções do meu genio vêm da accumulção de soffrimento. Fui sempre um só, um triste, um desgraçado, nunca fiz mysterio do meu passado, que

conheces todo. Bem pequeno achei-me isolado no mundo, tendo necessidade de socorrer-me da caridade para conseguir chegar onde cheguei e acostumei-me a desconfiar da fortuna, a estranhal-a por ser a tristeza a companheira de todos os meus instantes. O Bem excessivo assusta-me, tomo-o como um engodo da Desgraça e acautelo-me. No tempo dos meus dias torturados eu via no prazer dos outros uma affronta á minha melancolia — nunca aprendi a sorrir. Sou como um miseravel que achou um thesouro: vivo a escondel-o, sem saber como o hei de empregar, receioso de que m'ò tomem, capaz de morrer á mingua para não levar uma moeda a troco despertando suspeitas sobre o que possuo e, sentado diante da riqueza, rebolcando-me em dobrões, tiritado de frio, padeco fome e sede. É isso avareza? não, é timidez, é medo. Que queres que eu faça? sou o primeiro a achar esse procedimento estranho, mas... Comprehendo que precisas sahir, é natural que te divirtas, estou certo de que não te preocupas com pessoa alguma, mas não imaginas como soffro quando um homem qualquer se volta para olhar-te; é, ás vezes,

um maltrapilho, esse mesmo incommoda-me. Soffro horrivelmente. Não julgues que pretendo fazer poesia: o meu ideal era viver contigo longe, muito longe, num sitio onde fôsemos os unicos seres humanos. Não é por mal que procedo assim, acredita — amo-te de mais, amo-te com medo. Dizes que revolvo os teus papeis, que ando sempre a rebuscar pelos moveis, é exacto, não nego; faço mais: ouço as palavras que dizes quando dormes, fico á espreita dos teus sonhos procurando nelles um nome, um indicio... Que é isso, Isaura, senão loucura? Deixa-me vêr as tuas mãos... Que brutalidade a minha! Doem-te? Fala! Ella levantou lentamente a cabeça e olharam-se. Que brutalidade! É essa criada que ouviu o que disseste...

— O senhor preocupa-se com o que ella ouviu sem lembrar-se de que as duas viram tudo, lá em cima. Não, não me sinto com coragem de ficar aqui. Quer que eu seja franca?

— Sim.

— Tenho medo do senhor.

— De mim?

— Se as criadas não houvessem subido tão promptamente, eu teria sido assassinada.

— Tu!?

— Então?! Comprehede que não posso viver a seu lado, num constante sobresalto... não! Deixe-me ir. Passarei algum tempo na fazenda e, quando houver esquecido tudo, se me achar com animo, voltarei.

— Quanto tempo queres lá ficar?

— Não sei.

— Como não sabes?

— Não sei.

— Se é por causa dos visinhos, ámanhan mesmo procuro uma casa e sahimos d'aqui.

— Não vale a pena; será um incommodo inutil.

— Oh! Isaura que mais queres? Já pedi, implorei, humilhei-me e insistes.

— Pois não, insisto e já lhe dei a razão da minha relutancia: tenho medo.

— Medo de que? Pois tu julgas-me capaz de um crime?

— Se o julgo capaz!?

— Já te expliquei, já expuz todos os motivos. Qual é o casal que não briga? qual

é elle? mostra-me um só e concordarei contigo. Não és capaz de mostrar-me. Vai a essas casas, ás mais tranquillias, penetra a vida intima d'esses lares e has de vêr o horror. Tem paciencia...

— Não, não. Elle fitou-a longamente:

— Então, adeus! Vai! e foi sahindo.

«Adeus!» Porque lhe dissera elle: «Adeus!» onde iria? É o juramento fatal, aquella promessa de morte: «Se fizeres isso mato-me!» resoou-lhe sinistramente na memoria como um grande eco de catastrophe. Elle sahira acabrunhado, vagaroso como o condemnado que segue para o patibulo retardando os passos na esperanza do Perdão, a sentil-o perto, perto, quasi a chegar, rompendo a distancia aos vôs arrojados. Passou-lhe repentina a visão das frias navalhas e, arrepiada, fremente, ergueuse. Elle lá estava em cima, ouvia-lhe os passos no gabinete, surdos, vagarosos; levantou a cabeça e poz-se a olhar para o tecto da sala como se pudesse vêr atravez d'elle. De novo sentiu o andar pausado. De repente um estalo. Estremeceu levando as mãos ambas ao peito. Que seria? um objecto qualquer que cahira.

«Não, coitado! não era por mal que elle fazia aquillo...» Encaminhou-se para a saleta, mas deteve-se junto do escaparate examinando os pequeninos bronzes, as finas figurinhas de Saixe. Subir? Falar-lhe? perdoar-lhe tudo? lançou um olhar ao pulso — não lhe parecia tão roxo: a mancha esmaecia como se a carne fôsse tambem perdoando o martyrio. O pescoço já lhe não doía tanto, apalpou-o, afundando os dedos na carne, os quadris tambem... só o coração estava resentido da affronta, mas coitado! elle lá andava em cima, arrependido. O silencio da casa amedrontou-a, parecia-lhe que ia acontecer um desastre, um grande desastre, que aquella calma era o prenuncio de uma coisa horrivel. Passou á saleta, sahiu ao corredor e chamou Josina. A criada acudiu em pontas de pés e, baixinho, na meia escuridão, conversaram:

— Que é do doutor?

— Está lá em cima.

— Os visinhos viram alguma coisa, Josina?

— Não, senhora. Quem veio foi essa gente aqui do lado, mas eu disse que a senhora tinha tido um ataque.

— È na rua? havia gente na rua, até asso-
biaram e riram; eu ouvi.

— Eram os pedreiros que estão trabalhando no palacio. Elles estavam lá de pagode entre elles. Aqui estiveram uns pequenos da estalagem. Ninguem sabe, minh'ama. È ahi adiante, na casa d'esse homem gordo? quem é que se importa? ali é um escandalo por dia. Ainda hoje houve lá um bate-boca medonho e pancada. Quem é que se importa? Ninguem viu, minh'ama; póde estar descaçada. Isaura ficou a pensar.

— Que é que elle está fazendo lá em cima?

— Parece que está no gabinete estudando.

— És capaz de ir espiar?

— Eu?

— Vai! Eu tenho medo que elle faça alguma coisa...

— Que é que elle vai fazer, minh'ama?

— Não sei. Dá um pulo lá a cima, vai devagarinho e espia.

— Eu tenho medo.

— Medo de que?

— Meu amo não gosta que a gente vá ao

gabinete quando elle está trabalhando. Hoje então... Porque não vai a senhora, minh'ama? É melhor mesmo para acabar com isso duma vez. Ella hesitou, d'olhos baixos:

— Elle é capaz de pensar que me vou humilhar.

— Ora, minh'ama... Uma janella bateu com estrondo.

— Que foi isso?! exclamou Isaura agarrando o braço da criada.

— Foi uma janella que bateu com o vento.

— Uma janella!?

— Foi, minh'ama. Ficou á escuta; de repente, em sobresalto, atirou-se á escada, atravessou o corredor, chegou ao gabinete aterrada. Julião, sentado á mesa, a cabeça entre as mãos, estava absorvido, immovel. Ella entrou de manso, sem que elle sentisse e, lançando os olhos pela mesa viu, sobre a pasta de couro preto, o revolver que brilhava entre papeis esparsos. Ficou um momento esgazeada, sem coragem, toda fria, desconfiando da immobilidade do marido. Ao esticar a perna para avançar um passo um estalido denunciou-a. Julião moveu-se, antes, porém, que levantasse a ca-

beça, ella precipitou-se, apanhou o revolver, deitou a correr para o quarto e, ás pressas, ouvindo passos, escondeu-o debaixo do travesseiro. Julião appareceu muito pallido; olharam-se e Isaura murmurou: «Que tolice!» Depois, severamente, em tom reprehensivo:

— O senhor está louco? Elle poz-se a caminhar calado, cabisbaixo. Muito bonito, pois não. E porque? haviam de perguntar. Porque? por causa da mulher, não? Ora, Julião!... já é tempo de teres juizo.

— Ah! sim... eu é que preciso de juizo.

— Sem duvida. E, cruzando os braços, tomando-lhe a frente: Mas que razões tens tu, Julião?

— Muitas!

— Contra mim?

— Não, já te disse. És teimosa, não queres concordar commigo, o resultado é esse. Pensas que não estou incommodado com o que fiz? Sou o primeiro a accusar-me: fui violento, brutal... estava disposto a matar-me.

— Sim e eu ficava, para todo o sempre, sob o peso de uma suspeita infame, porque haviam de attribuir o teu suicidio a leviandades

minhas e eu não mereço tal injustiça, Julião, não mereço.

— Ninguém suspeitaria de ti, porque escrevi umas cartas explicando o motivo da minha resolução desesperada.

— Escreveste?

— Escrevi.

— Onde estão?

— Ali. Esquecendo tudo, Isaura correu ao gabinete. Effectivamente lá estavam sobre a mesa tres enveloppes endereçados «A S. Ex.^a o Sr. Dr. Chefe de Policia» ao «Illm. Sr. Salustio Pina» e «Á minha mulher.» Apalpou-os, o segundo estava vasio. Tomou o que lhe era dirigido, tirou a folha de papel e leu rapidamente: «Minha querida Isaura. O meu soffrimento incompatibilisa-me com a vida, não posso mais supportar a existencia. Beijote, agradecendo o grande amor carinhoso com que, debalde, tentaste dar felicidade e paz ao meu coração. Adeus! Perdôa-me! Sempre teu, para o sempre. Julião.» Os olhos encheram-se-lhe d'agua. A outra dizia: «Exm. Sr. Dr. Chefe de Policia. Uma molestia horrivel, que me acabrunha, trazendo-me em constante

tortura, leva-me á violencia do suicidio. Busco repouso na morte. Julião Soeiro.»

Num assombro, os olhos nas cartas, ella ficou sem poder mover-se, chorando em silencio, tomada duma grande piedade por aquelle infeliz que ella tanto amava e que a amava tanto. Coitado! Limpou os olhos para que elle lhe não visse as lagrimas e, caminhando vagarosamente para o quarto, parou diante de Julião, fitando-o com o olhar enternecido e anuviado. De repente, exclamando:

«Tolo!» atirou-se-lhe nos braços com um pranto que era todo perdão, todo arrependimento e bondade como um bemdito aguaceiro fecundo que, depois dos sóes aridos e depois da trovoada, rega, refresca os campos esturrados, reanimando a resequida sementeira para que na primavera floresça e frutifique no outono.



**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
C42T67
1915
C.1
ROBA

Gomes Leal

Fim do mundo (sátiras modernas).
Mulher de luto.

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno, edição ilustrada.
Pátria.
Finis Patriae.
Vitória de França.
Baptismo de Amor.
O Crime.
Lágrima.
Oração ao pão.
Oração à luz.
Poesias dispersas.
Clarões espirituais, no prélo.
Horas de luta, no prélo.

Guilherme Gama

Prosas simples.
Amar e sofrer.

Gustavo Flaubert

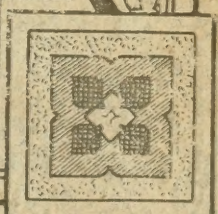
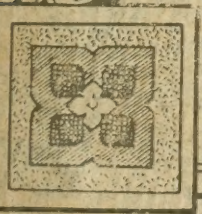
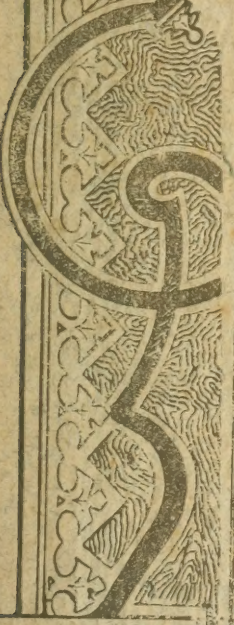
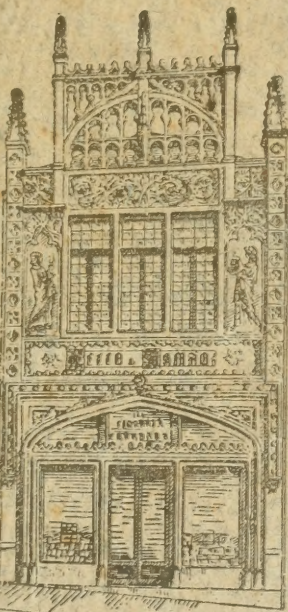
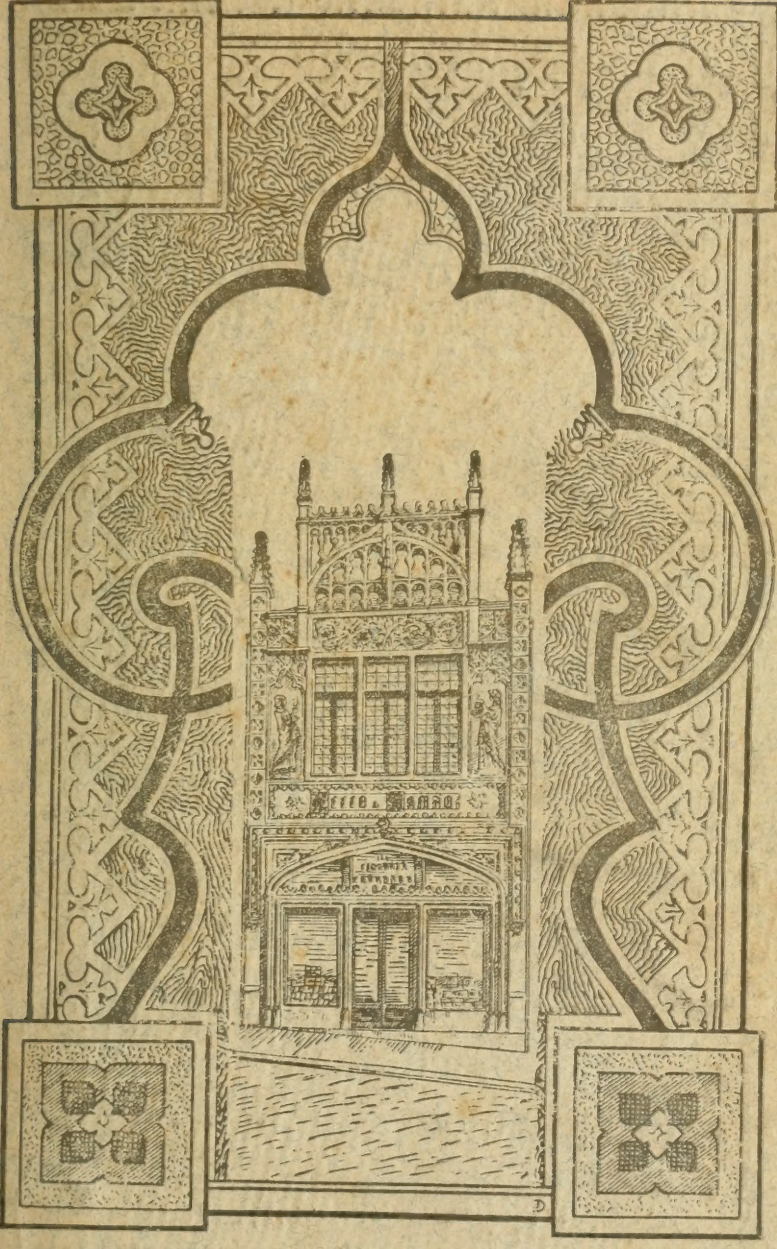
Traduções do Dr. João Barreira

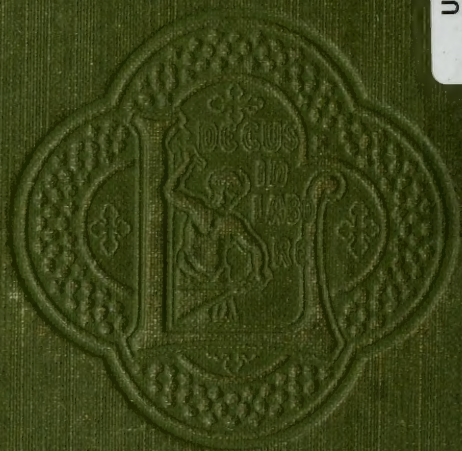
Salammbô.
Tentação de Santo Antônio.
Educação Sentimental, romance.
Madame Bovary, 2 vol.

João Chagas

História da revolta do Pôrto (obra ilustrada)
As minhas razões.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se igualmente en-
cadernados.





UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 04 07 005 7